



Imagem da capa:

- Arte sobre fotografia da imagem de S. Francisco Xavier, da Basílica do Bom Jesus em Velha Goa. Fotografia do autor em Março de 2008.
- Composição com a digitalização das capas de obras referentes a S. Francisco Xavier e a João de Lucena.

# **Dissertação de Mestrado**

**Ricardo Junça**

**São Francisco Xavier – Nas vozes do seu tempo,  
os primórdios de um culto e de uma devoção.**

**Volume I – Dissertação**

**Dissertação de Mestrado em Estudos do Património**

**Docente: Prof. Doutora Ana Paula Avelar**

**UNIVERSIDADE ABERTA**

**Lisboa – 2009**

Aos meus pais, aos meus avós e à minha bisavó  
Roza d’Almeida Junça. Parte do que hoje sou foi  
construída sobre as vossas histórias e memórias de  
vida.

## **Agradecimentos**

À Sra. Prof. Doutora Ana Paula Avelar e à Universidade Aberta agradecemos todo o apoio e encorajamento recebidos.

Ao Sr. Eng. Mestre José Carlos Teixeira agradecemos a sua enorme compreensão, pois sem ela não teria sido possível conciliar a vida profissional com a vida académica.

À Cristina e ao Diogo agradecemos a grande paciência e o constante encorajamento que nos suportaram até à conclusão deste projecto.

## SINOPSE

S. Francisco Xavier é um santo da Igreja Católica alvo de uma grande devoção e veneração no Oriente, a parte do mundo onde decorreu o seu trabalho missionário. Mas se é lógico que aí conheça grande popularidade, que mecanismos foram responsáveis por igual reconhecimento na Europa, especialmente em Portugal onde, em tempos recentes, o seu nome foi dado a uma Freguesia e a um hospital, e onde se celebrou, a nível oficial, a passagem de quinhentos anos sobre o seu nascimento.

Será por entre as vozes do seu tempo que tentamos descortinar as razões, os acontecimentos e os mecanismos que fazem, de S. Francisco Xavier, não só um dos grandes vultos da Igreja Católica, como igualmente um personagem fortemente associado ao movimento da Expansão Portuguesa.

Com recurso à análise de obras literárias, opúsculos e folhetos, vamos, ao longo de três capítulos, recolher testemunhos, auscultar opiniões e perceber sensibilidades que nos permitem teorizar e tirar conclusões. Damos especial atenção à obra que pode ser considerada como estando na origem de toda a literatura de temática Xavieriana: a *“Historia da vida do padre Francisco de Xavier: e do que fizeram na Índia os mais religiosos da Companhia de Iesu”*, de autoria do padre jesuíta João de Lucena, cuja vida e obras averiguamos atentamente.

Como complemento da escrita, entendida aqui como meio de difusão de ideias, analisamos os sinais do visível cultural e devocional Xavierianos, recorrendo a ciclos pictóricos, relíquias e objectos devocionais.

**Palavras-chave:** S. Francisco Xavier, João de Lucena, Companhia de Jesus, Oriente, culto, devoção, obra literária, memória, história, património, comemoração.

# ÍNDICES

## ÍNDICE GERAL

	<b>9</b>
<b>Introdução</b>	<b>9</b>
<b>I Da escrita sobre S. Francisco Xavier.</b>	<b>14</b>
1.1. Ao correr da Memória e da História: Património e Comemoração.	19
1.1.1. <i>As obras sobre S. Francisco Xavier como Objectos de Património.</i>	24
1.1.2. <i>As obras sobre S. Francisco Xavier como Objectos de Comemoração.</i>	26
<b>II Das vozes ao tempo de S. Francisco Xavier.</b>	<b>28</b>
2.1. Da temática Xavieriana em finais de Quinhentos e princípios de Seiscentos.	29
2.1.1. <i>Crónicas das comemorações efémeras: as Relações Gerais das Festas.</i>	38
2.1.2. <i>Crónicas do sobrenatural: a "Relacam de hum prodigioso milagre..."</i> .	45
2.2. A relevância de uma "Historia da vida do padre Francisco de Xavier..."	48
2.2.1. <i>Em torno da "História da vida do padre Francisco de Xavier..."</i> .	50
2.2.2. <i>João de Lucena: um caso particular na literatura de temática Xavieriana.</i>	59
<b>III S. Francisco Xavier: traços do homem e do culto.</b>	<b>70</b>
3.1. Tradução de vivências: os traços biográficos nas vozes escutadas.	73
3.2. Culturalidades Xavierianas.	76
3.2.1. <i>A culturalidade do soldado de Jesus.</i>	77
3.2.2. <i>Os milagres e a sua culturalidade.</i>	79
3.3. Sinais do visível cultural e devocional Xavieriano.	81
3.3.1. <i>Sinais do cultural e devocional Xavieriano na Pintura.</i>	83
3.3.2. <i>Sinais do cultural e devocional Xavieriano nas relíquias e outros objectos devocionais.</i>	95
<b>Conclusão</b>	<b>102</b>
<b>Apêndice</b>	<b>106</b>
<b>Bibliografia</b>	<b>108</b>

## ÍNDICE DE TABELAS

Tabela 1	Classificação da escrita de temática Xavieriana segundo a sua Tipologia.	31
Tabela 2	Classificação da escrita de temática Xavieriana segundo o seu Período de produção.	31
Tabela 3	Títulos dos quadros que compõem o ciclo pictórico sobre S. Francisco Xavier, da Igreja de S. Roque.	84

## ÍNDICE DE GRAVURAS

Gravura 1	O Papa Paulo III recebe São Francisco Xavier e os seus companheiros.	85
Gravura 2	São Francisco Xavier assistindo os moribundos em Veneza.	85
Gravura 3	São Francisco Xavier despedindo-se de D. João III antes da partida para a evangelização da Índia.	86
Gravura 4	São Francisco Xavier curando um enfermo em Goa.	86
Gravura 5	Pregação de São Francisco Xavier em Goa.	87
Gravura 6	São Francisco Xavier instituindo o símbolo da cruz na Índia Portuguesa.	87
Gravura 7	São Francisco Xavier ressuscitando um chefe de casta em Ceilão em 1541.	88
Gravura 8	São Francisco Xavier celebrando o culto na Igreja de São Paulo de Goa.	88
Gravura 9	São Francisco Xavier aplacando a sede dos companheiros de viagem.	89
Gravura 10	Tentação de São Francisco Xavier pelos demónios.	89
Gravura 11	São Francisco Xavier abençoando os soldados portugueses na partida da frota junto a Malaca.	90
Gravura 12	São Francisco Xavier evitando o naufrágio da nau de Diogo Gomes, em que viajava para as Molucas.	90
Gravura 13	São Francisco Xavier e o milagre do caranguejo da ilha de Ceram.	91
Gravura 14	São Francisco Xavier imprecando os invasores badegás em Comorim (ou os paravas em Travancore).	91
Gravura 15	Viagem de São Francisco Xavier para Cogoxima, no Japão.	92
Gravura 16	São Francisco Xavier pregando na corte japonesa do príncipe de Yamaguchi.	92
Gravura 17	São Francisco Xavier curando um enfermo, no Japão.	93
Gravura 18	Naufrágio do navio de São Francisco Xavier na viagem de regresso do Japão para a China.	93
Gravura 19	Morte de São Francisco Xavier na Ilha de Sanchão.	94
Gravura 20	Recepção do corpo de São Francisco Xavier na Igreja de São Paulo de Goa.	94
Gravura 21	Corpo de S. Francisco Xavier.	96
Gravura 22	Braço-relicário (reliquia corpórea)	96
Gravura 23	Templete-relicário (reliquia corpórea)	97
Gravura 24	Solideo (reliquia de contacto)	98
Gravura 25	Campinha (reliquia de contacto)	98
Gravura 26	Fragmento de bota de S. Francisco Xavier	99
Gravura 27	Sacrário (objecto devocional)	99
Gravura 28	Cruz-relicário (objecto devocional)	100
Gravura 29	Cruz de Assento (objecto devocional)	100
Gravura 30	Medalhão-relicário (objecto devocional)	101

## RÉSUMÉ

S. François Xavier est un Saint de l'Église Catholique d'une grande dévotion et de vénération à l'Est, la par du monde où son travail missionnaire a été fait. Mais s'il est logique qu'il y connaisse une telle popularité, quels sont les mécanismes responsables pour sa reconnaissance en Europe? Notamment au Portugal où, ces derniers temps, son nom fut donné à une circonscription et un Hôpital, où ils ont célébré le plan officiel, le passage de cinq cents ans après sa naissance.

Entre les voix de leur temps nous avons essayé de découvrir les raisons, les événements et les mécanismes qui font de S. Francisco Xavier, non seulement l'une des grandes figures de l'Église Catholique, mais aussi un caractère fortement associé au mouvement de l'Expansion Portugaise.

Par l'analyse d'œuvres littéraires, des dépliants et des brochures, nous irons, au long de trois chapitres, recueillir des témoignages, et entendre des opinions qui nous permettront théoriser et enlever des conclusions. Nous portons une attention particulière au travail qui peut être considéré comme la source de toute la littérature sur le thème Xavieriaine: "*Historia da vida do padre Francisco de Xavier: e do que fizeram na Índia os mais religiosos da Companhia de Iesu*" (*L'Histoire de la vie du Père François-Xavier et ce qu'ils ont fait en Inde les plus religieux de la Compagnie de Jésus*), écrit par le prêtre jésuite João de Lucena, dont la vie et les œuvres ont été vérifiées soigneusement.

Comme complément de l'écriture, nous analysons les signes visibles du culturel et dévotionnel, utilisant des cycles picturaux, des reliques, et des objets de dévotion.

**Mots-clé:** S. François Xavier, João de Lucena, Compagnie de Jésus, Orient, culte, dévotion, oeuvre littéraire, mémoire, histoire, patrimoine, commémoration.

---

## ABSTRACT

As one of the Catholic Church's saint, St. Francis Xavier aims great devotion and veneration in Asia, where its missionary work took place on the second quarter of the XVI<sup>th</sup> century, especially in India. Although it will be easy to understand the reason of such popularity in this part of the world, we want also to understand what reasons had been for equal recognition in the Europe, especially in Portugal, where in recent times his name was given to an administrative region as well and to an hospital, and his five hundred anniversary was celebrated with official events. It is among the voices of its own time that we try to discover reasons, events and mechanisms that made of S. Francis Xavier not only one of the greatest saints of the Catholic Church, but equally a very important personage of the Portuguese Expansion history.

Through the analysis of books and literature of those times, we had collect stories, opinions and sensibilities in order to get the proper conclusions. Special attention is given to the book that can be considered as being in the origin of all Xavierian literature: the "*Historia da vida do padre Francisco de Xavier: e do que fizeram na Índia os mais religiosos da Companhia de Iesu*" (*The history of Saint Francis Xavier: and the work of the Society of Jesus' priests in India*), written by the Jesuit priest João of Lucena, whose life and work we also investigate.

As a complement of analysis we'd also investigate some cultural and devotional visible signs, trough paintings, relics and other devotional objects.

**Keywords:** S. Francis Xavier, João of Lucena, Society of Jesus, Asia, cult, devotion, literature, memory, history, heritage, commemoration.

---

## INTRODUÇÃO

“ [...] *Depois diffo el Rey fallando só com o Padre, & mostrandolhe a confiança, que d'elle tinha, encomendaulhe muy particular, & encarecidamente a India toda, no que tocava á conuerfam dos infieis, á doutrina, & confirmaçam da fé dos nouamente conuertidos, os custumes, & vida dos Portugueses: & que viftaffe as fortalezas, & prefidios do estado, procurando a cura, & remedio das defordês, que achaffe auifando o per fuas cartas de tudo, o que viffe cumprir ao feruiço de Deos, & feu [...]*”.

**P.º João de Lucena**, *Historia da vida do padre Francisco de Xavier: e do que fizeram na Índia os mais religiosos da Companhia de Iesu*, p. 39.

Decorriam ainda os primeiros dias do ano de 1993 quando, pela primeira vez, tivemos consciência da existência terrena de S. Francisco Xavier, personagem que até então vivera apenas no limbo da nossa imaginação, lugar onde idealizamos, caracterizamos e procuramos ordenar os personagens históricos que nos vão sendo apresentados. Na visita à Basílica do Bom Jesus, em Velha Goa, observámos com curiosidade grupos e famílias de fieis católicos, que acorriam à Basílica e se aplicavam numa profunda veneração ao Santo, num fluxo humano que, não sendo contínuo, era seguramente constante. No seu propósito eram secundados por famílias e grupos de hindus, que o veneram igualmente como homem santo. Ainda hoje não sabemos se terá sido pela carga emocional do ambiente que na Basílica se vivia, sentindo-se fortemente a presença de Francisco de Xavier, se pela envolvente paisagística e climática que nos era totalmente estranha, se pela carga histórica e emocional de sabermos-nos presentes na antiga praça de Goa, ou ainda se pela conjugação de todos estes factores, o certo é que este encontro nos marcou de forma indelével.

Passar-se-iam dez anos até termos oportunidade de regressar a esta antiga possessão portuguesa, desta feita para participarmos nos festejos da Capela de S. Francisco Xavier, no Bairro de Portais, em Panjim, capital do estado de Goa. Ficámos então

surpreendidos por estarmos perante uma cerimónia portuguesa, em todos os seus aspectos formais, principalmente no que respeitava ao cerimonial da procissão. O facto de o idioma utilizado ser o Concani, língua oficial deste estado, não constituía factor suficiente para a distanciar de qualquer idêntica cerimónia ocorrida no mesmo ano, numa qualquer localidade de província em Portugal. Uma vez mais constatámos estar S. Francisco Xavier o centro das atenções, ser o destinatário de uma profunda devoção demonstrada em actos públicos.

Já no decorrer do ano curricular deste Curso de Mestrado, o acaso e a necessidade levaram-nos a dar alguma atenção à Companhia de Jesus, tendo sido dedicados três trabalhos de seminário a temas relacionados com esta instituição<sup>1</sup>. Decorriam, nesse ano de 2006, as comemorações dos quinhentos anos do seu nascimento.

O Padre Francisco Xavier, que pelos seus actos e valor espiritual granjeou alcançar a santidade, vindo a ser declarado Padroeiro do Oriente e das Missões, não poderá ser dissociado fenómeno da Expansão ultramarina que se vivia nesse período em Portugal, pois que se a sua vida e os seus milagres dele fazem um exemplo a seguir no seio da Igreja Católica, a sua acção no Oriente como enviado do monarca português elegem-no como um dos principais protagonistas da nossa história além-mar.

É bem verdade que facto de S. Francisco Xavier estar sepultado na Basílica do Bom Jesus, em Velha Goa, aliado ao facto de ter sido no Oriente que desenvolveu o seu mais notável trabalho, são factores que podem constituir-se como elementos catalisadores de tão profunda devoção nesta parte do mundo. Mas quais terão sido então os mecanismos que deram início à sua devoção em no resto do mundo, e mesmo à familiaridade que constatamos estar ainda associada ao seu nome, em Portugal, de tal forma que, em pleno século XXI, vemos o seu nome a ser utilizado pelas instituições civis para baptizar uma

---

<sup>1</sup> *A capela do antigo edifício do Colégio de Campolide da Companhia de Jesus – Subsídios para o estudo de um Imóvel de Interesse Público em avançado processo de degradação*, trabalho realizado para o seminário de Património – Conceitos, Políticas e Agentes.

*Os colégios da Companhia de Jesus na cidade de Lisboa – Breve descrição histórica dos edifícios dos colégios fundados pela Companhia de Jesus na cidade de Lisboa, de 1540 aos nossos dias*, trabalho realizado para o seminário de Cidades – Património e Memórias.

*A tradição religiosa portuguesa na Índia do século XXI – Estudo de caso – A Festa de S. Francisco Xavier no Bairro Portais da cidade de Panjim, Goa*, trabalho realizado para o seminário de História Local e Regional – Tendências e Dinâmicas.

freguesia e um hospital, isto para referir apenas o caso da cidade de Lisboa. Será pois a partir desta dúvida que se desenvolverá a nossa dissertação, dando início à auscultação das vozes que, ao tempo de S. Francisco Xavier, dele nos falam, para assim podermos identificar os primórdios do seu culto e da sua devoção.

Para a concretização do nosso objectivo teremos de recorrer à criação de algumas fronteiras que nos permitam uma contextualização lógica dentro do universo de manifestações decorrentes da pessoa e da santidade de Francisco Xavier: a primeira será a fronteira temporal, que nos ajudará a circunscrever as nossas investigações a um período de cerca de cem anos, período este que se nos afigura como sendo o necessário para que os mecanismos de culto e devoção ao Santo tenham a sua origem e os seus primeiros desenvolvimentos, e que estabeleceremos no intervalo de tempo que medeia a década que precede a morte de Francisco Xavier, ocorrida em 1552, isto como limite inferior, e como limite superior o ano de 1560, duas décadas após a subida ao trono de D. João IV, na sequência das guerras da Restauração; a segunda fronteira definirá aos suportes físicos utilizados, pelas diferentes vozes coevas, como meio mecânico de projecção das suas mensagens para além do horizonte temporal. Para esta última seleccionaremos como primário o suporte escrito, recorrendo assim a obras literárias, opúsculos e folhetos, publicações que conheceram grande proliferação na época estudada devido à difusão da utilização de uma invenção que havia revolucionado todo o meio editorial: a imprensa de caracteres móveis de Gutenberg. Faremos igualmente uma brevíssima alusão a outros tipos de suporte, na medida em que aqui funcionam como complemento à transmissão de ideias e sentimentos.

Uma preocupação nos parece fundamental para a análise que nos propusemos efectuar, e que advém, por um lado, das naturais dificuldades que surgem da tentativa de se trabalharem, de forma científica e actual, temas ligados ao sagrado e ao sobrenatural e, por outro, à constatação de uma clara aversão e descrédito revelados por alguns autores no tratamento destes mesmos temas. Trataremos mensagens, ideias e sentimentos de homens que viveram nas centúrias de Quinhentos e Seiscentos pelo que, para conseguirmos entender os seus conteúdos, teremos de saber vestir a pele destes homens dos séculos XVI e XVII, de fazer nossas as suas ideias e sentimentos, pois que para eles

o sagrado e o sobrenatural constituíam manifestações tão reais como qualquer tempestade ou tremor de terra. A bem da verdade, tal acontece ainda na actualidade para uma significativamente larga fatia da população mundial que professa uma religião. É nossa convicção que sem esta preocupação correremos o risco de realizar um estudo muito incompleto.

Já no que respeita aos aspectos formais desta dissertação, começaremos por dar nota que devido ao tamanho dos títulos de muitas das obras que utilizaremos como fontes documentais, segundo o costume da época, seremos obrigados a optar por versões abreviadas quando tal for benéfico à fluidez do texto.

Ao longo do texto designaremos S. Francisco Xavier com recurso ao título que lhe pode correctamente ser atribuído (Santo, Beato, Bem-aventurado, Padre ou apenas pelo seu nome), procurando ajustá-lo ao período da sua vida a que nos reportamos, de forma a fazê-lo com correcção histórica, ou ainda a adequá-lo à mensagem que pretendemos transmitir. De igual forma, o Padre João de Lucena será apenas designado pelo seu nome, quando da análise dos elementos da sua vida não eclesiástica ou quando referenciado como autor. No caso particular de um dos autores consultados, José Feliciano de Castilho Barreto e Noronha, optaremos por designações mais curtas, utilizadas por outros autores: José de Castilho ou José Feliciano de Castilho.

As referências bibliográficas das obras consultadas, assim como quaisquer comentários que se revelarem oportunos, serão inscritos em notas de rodapé, para que seja mais fácil a sua consulta, funcionando assim como complementos do texto principal.

Porque a imagem é um poderoso argumento quando de património tratamos, utilizaremos imagens de diferentes origens para ilustração do discurso e melhor visualização do tema em estudo, quando disponíveis e tal se justificar. De forma a melhor complementar a leitura, optaremos pela inclusão de imagens no decorrer do texto. Todas as imagens serão por nós retocadas e trabalhadas a fim de melhor servirem o espírito e objectivos deste trabalho

Em volume dedicado a albergar textos anexos à dissertação, serão incluídas transcrições de partes das obras consultadas, quando o acharmos necessário para complementar a informação constante no corpo da dissertação. Estas transcrições são igualmente importantes no sentido de dar a conhecer a forma e o estilo utilizados pelos diferentes autores, aspectos que, por si só, são por vezes ilustrativos de opiniões ou mentalidades vigentes nas épocas analisadas.

## **I – Da escrita sobre S. Francisco Xavier.**

S. Francisco Xavier; sem dúvida alguma que sobre ele já muito foi dito e escrito ao longo dos tempos, sendo talvez um dos religiosos cuja vida e obra se encontram mais bem estudadas em Portugal, a par de Santo António de Lisboa e do Padre António Vieira, se bem que com uma diferença significativa face a estes últimos; S. Francisco Xavier não era português. A poucos homens foi dada a oportunidade de estarem presentes, de forma simultânea, em importantes acontecimentos da história política, cultural, social e eclesiástica do seu tempo, e ainda um menor número teve a oportunidade de fazer parte activa na construção desses acontecimentos. S. Francisco Xavier foi seguramente um elemento destacado deste pequeno grupo de eleitos. Será importante reforçarmos aqui a noção de que da sua vida eclesiástica, considerada como exemplar pelas mais altas instâncias da Igreja Católica, não pode ser considerada separadamente da sua vida mundana, rica de acontecimentos marcantes para a História de Portugal e mesmo para a História Universal, pois que se tratam de duas faces de uma mesma moeda. A história da sua vida e obra, de tão complexa e matizada, permite uma multiplicidade de análises e de diferentes abordagens que nos permitem uma já muito boa visão de conjunto que, por esse mesmo facto, mais do que encerrarem qualquer questão, abrem novas perspectivas e novos campos de estudo.

De facto, a história de vida deste homem encontra-se recheada de factos notáveis pois ele foi, co-fundador da Companhia de Jesus, missionário, “político” e emissário da coroa portuguesa e da Santa Sé em terras do Oriente. Será importante recordarmos que, num período histórico em que a Europa vivia já em plena Contra-reforma, se assistia igualmente a um grande período de expansão territorial portuguesa, sendo que nesta vertente as ordens religiosas que aportaram a Oriente tiveram um papel preponderante no sucesso da ocupação destes territórios, não só pela grande actividade de evangelização desenvolvida, da qual resultou grande número de convertidos, como

também pela acção pioneira e diplomática em contactos com territórios e povos ainda desconhecidos.<sup>1</sup> Destas, destaca-se a Companhia de Jesus, não apenas por ter sido uma das mais activas, como também pelo facto de nas suas fileiras ter contado com o Padre Francisco de Xavier.

No que a este santo diz respeito, terão sido seguramente factores como a sua forte personalidade, a forma como se entregava à missão que considerava sua, a dedicação e o espírito de entrega, sem recear trabalhos ou tormentas, que dele fizeram um homem especialmente admirado, respeitado e amado por todos os que o conheceram, e mesmo por sem número de pessoas que, não o conhecendo pessoalmente, se maravilhavam com a narração dos seus feitos e obras. Não nos parece correcto dar início à nossa tarefa sem que primeiro revisitemos, ainda que de forma muito breve, a sua vida e a sua obra.

Assim, Francisco de Xavier nasce a 7 de Abril de 1506, no seio de uma numerosa família pertencente à aristocracia do reino de Navarra. Desde muito cedo que se revelaram as suas aptidões para os estudos pelo que, apesar de possuir igualmente aptidões para seguir a carreira das armas, futuro habitual para os jovens aristocratas do seu tempo, decide partir para o Colégio de Santa Bárbara, em Paris, onde iria frequentar o curso de Filosofia. Tinha então 18 anos.<sup>2</sup>

Em Paris partilha o seu quarto de estudante com Pedro Fabro, um jovem genovês oriundo de uma família de camponeses. Será através deste que Francisco Xavier virá a conhecer o basco Inácio de Loyola.<sup>3</sup> Ainda em Paris, corria agora o ano de 1534, Francisco Xavier, Inácio de Loyola, Pedro Fabro e outros quatro companheiros consagram as suas vidas a Deus, numa missa rezada pelo último, que à altura tinha já sido ordenado sacerdote. Estava criado o grupo dos “Amigos do Senhor”.<sup>4</sup>

---

<sup>1</sup> Cf. Pe. Castilho de Noronha, “A acção missionária na Índia”, in *Boletim da Agência Geral das Colónias*, Ano 5, Número 49, Julho de 1928, pp. 24-41.

<sup>2</sup> Cf. Miguel Corrêa Monteiro, *São Francisco Xavier, Um homem para os demais*, Lisboa, CTT Correios de Portugal, 2006, pp. 13-15.

<sup>3</sup> *Ibid.* p. 16.

<sup>4</sup> *Op. Cit.*, p. 32.

Com o intuito de se estabelecer em Jerusalém, o grupo dirige-se a Veneza onde contava embarcar em direcção ao seu destino. O mau tempo e a guerra contra os turcos impedem-nos de concretizar o seu objectivo, pelo que se mantêm alternadamente entre Veneza e Roma até 1540 onde, a 27 de Setembro, é fundada oficialmente a Companhia de Jesus, através da bula *Regimini militantis Ecclesiae*.<sup>5</sup>

Será D. Diogo de Gouveia, antigo reitor do Colégio de Santa Bárbara e agora representante da coroa portuguesa em Roma, que ao reconhecer os três promissores antigos alunos Francisco, Inácio e Pedro e ao conhecer o valor da sua obra, recomendará a D. João III de Portugal que solicite ao papa que lhe envie alguns destes padres, para que sejam destinados à evangelização das Índias Orientais. Inácio de Loyola nomeou dois: Simão Rodrigues e Francisco Xavier, que chegariam a Lisboa ainda em 1540.<sup>6</sup>

Após serem recebidos na corte portuguesa ficou estabelecido que Simão Rodrigues ficaria em Portugal, onde lançaria os alicerces da Companhia no país, e prepararia a fundação de seminários com vista à criação de um contingente de missionários a enviar futuramente para as Índias. Já Francisco Xavier partiria para este destino, a 7 de Abril de 1541, dia em que celebrava o seu 35º aniversário. Iria munido de quatro Breves Papais, que o rei português recebera de Roma, que o nomeavam nuncio “*aquém e além do Cabo da Boa Esperança*”.<sup>7</sup>

Ao fim de vários meses de uma viagem duríssima, Francisco Xavier chega a Goa, a 6 de Maio de 1542. Aqui esteve apenas 4 meses, tendo partido em Setembro do mesmo ano para a Costa da Pescaria, onde veio a desenvolver um árduo trabalho de missão durante dois anos, até 1544. Entre 1545 e 1547 desloca-se a Malaca e às Molucas. Em 1548 regressa a Goa e aí fica durante esse ano. Em Malaca tinha ouvido falar, pela primeira vez, desse longínquo país, chamado Japão, para onde parte em 1549 e onde ficaria até 1552. Convencido que a evangelização do Japão passaria pela conversão da

---

<sup>5</sup> Op. Cit., pp. 37-43.

<sup>6</sup> Op. Cit., pp. 65-85.

<sup>7</sup> Op. Cit., pp. 65-85.

China, parte em Agosto de 1552 para Sanchoão, uma ilha situada perto da costa chinesa, a 30 milhas de Cantão. Esperava ele conseguir assim entrar na China, dado que as fronteiras do país se encontravam fechadas a estrangeiros. Francisco Xavier nunca chegou a entrar em Cantão pois, cansado e doente de todas as viagens e provações por que passara, faleceu a 3 de Dezembro de 1552.<sup>8</sup>

Dois meses e meio após a sua morte, tempo durante o qual o seu corpo esteve enterrado com cal, os marinheiros do navio Santa Cruz levantaram-no, constatando então que estava intacto. Levaram-no para Malaca onde foi sepultado na Igreja de Nossa Senhora do Monte. Mais tarde, por ordens do vice-rei, o corpo foi trasladado para a Igreja do Bom Jesus, em Goa, onde foi depositado numa urna de prata.<sup>9</sup>

O Padre Francisco Xavier foi beatificado em 1619, sendo canonizado três anos depois, a 12 de Março de 1622, pelo papa Gregório XV. Por morte deste Papa, a bula da sua canonização foi publicada apenas no ano seguinte, por Urbano VIII. Por último, como factor de relevância para o entendimento da sua importância como homem e como santo, chamamos a atenção para o facto de, a 24 de Fevereiro de 1748 o papa Bento XIV o ter declarado *Padroeiro do Oriente*.<sup>10</sup>

A breve resenha que apresentámos diz respeito essencialmente a factos históricos concretos da vida de S. Francisco Xavier mas, como atrás referimos, só a poderemos compreender de forma mais completa se atendermos às suas múltiplas facetas. A leitura da sua bula de canonização<sup>11</sup> dá-nos uma perspectiva da sua religiosidade e dos actos que lhe valeram a qualificação de taumaturgo<sup>12</sup>.

---

<sup>8</sup> Op. Cit., pp. 97-126.

<sup>9</sup> Op. Cit., p. 128.

<sup>10</sup> Op. Cit., p. 9.

<sup>11</sup> Para este efeito será imprescindível a leitura da tradução para castelhano da bula de canonização de S. Francisco Xavier, anexada ao presente estudo. A referida tradução consta da obra de D. Mathias de Peralta Calderon, “*El Apostol de las Indias y Nuevas Gentes*”, México, Imprenta de Agufin de Santiftevan, y Francifco Lupercio, 1661, pp. 2-24.

<sup>12</sup> Recordamos aqui a definição que nos é dada em Michel Feuillet, *Vocabulario do Cristianismo*, Col. Lexis, Lisboa, Edições 70, 2002. Taumaturgo será assim “[...] *Aquele que opera milagres. Na Igreja católica, deu-se este nome a vários santos que se tornaram célebres pelo número e notoriedade dos seus milagres, por exemplo S. António de Lisboa, S. Francisco de Paula, S. Francisco Xavier e outros.*”

Regressando à linha mestra do nosso estudo, verificamos serem em grande número as vozes que sobre este santo nos falam. Conforme anteriormente referimos, iremos dedicar especial atenção a algumas delas que nos chegam com recurso a um desenvolvimento humano ao qual devemos muitas das principais características da nossa civilização: a Escrita. Ora, considerando a definição comumente aceite de que a Escrita consiste na utilização de caracteres convencionados para a composição de palavras e, através destas, a transmissão de ideias, factos, acontecimentos ou pensamentos<sup>13</sup>, concluimos serem estas vozes ecos de outras que, originárias da segunda metade de Quinhentos e da primeira metade de Seiscentos, chegaram incólumes aos nossos dias, pois este processo constituiu o garante da sua perenidade através dos tempos. Será assim com recurso a suportes de escrita como as obras literárias, os opúsculos ou os folhetos, que procuraremos descortinar manifestações primordiais do culto e da devoção a S. Francisco Xavier.

---

<sup>13</sup> Tomamos aqui como base a definição constante no dicionário electrónico “Dicionário PRO de Língua Portuguesa” (© 2005 Porto Editora, Lda.) – “Escrita = Representação do pensamento e da palavra por meio de sinais convencionais”.

### ***1.1. Ao correr da Memória e da História: Património e Comemoração***

O período sobre o qual incide o nosso estudo é posterior à introdução em Portugal da imprensa de caracteres móveis de Gutenberg, facto que em muito contribui para a multiplicidade de fontes escritas, sobretudo no que respeita ao nosso objecto de estudo. Por outro lado, muitas destas obras conheceram a luz do dia no seio da Companhia de Jesus e, concomitantemente, conheceram grande difusão, tanto mais que seria prática corrente a troca de obras pelo mundo jesuítico, e mesmo entre diferentes cidades e estados europeus, no que se constitui como elemento potenciador de temas e práticas de escrita. Num período histórico em que a pena eclesiástica do Santo Ofício fazia passar pelo seu apertado crivo a aprovação das obras a publicar, o facto de as nossas fontes serem maioritariamente provenientes do mundo religioso e sobre temas do foro religioso, terá igualmente contribuído para a sua grande difusão.

Deveremos igualmente considerar como relevante para a análise das nossas fontes que nos encontramos, no período em estudo, em plena governação *Filipina*. Não iremos aqui tecer quaisquer considerações sobre este tema, que já tanta tinta fez correr e cujas conclusões seguem uma deriva que lhes é inculcada pelas diferentes sensibilidades e correntes de pensamento, faremos apenas uma breve alusão em altura própria. Deveremos no entanto considerá-lo sempre um factor presente como pano de fundo desta época específica.

Se é verdade que são de extrema importância os meios físicos que permitiram a produção, a divulgação e a manutenção destas fontes, para o nosso estudo será primordialmente importante que reflectamos sobre a razão da sua existência, que determinemos as motivações que tiveram os nossos antepassados para consignarem por escrito tais informações.

Tomemos como exemplo o caso de João de Lucena, autor de uma biografia de então ainda somente Padre Francisco de Xavier, e sobre quem nos debruçaremos mais detalhadamente em neste estudo. Informa-nos o autor, no primeiro capítulo da sua obra, que a escreve “*per obediencia*” (o que sugere ter sido a obra encomendada pela Companhia de Jesus), com o intuito de dar a conhecer, para memória futura, os feitos e virtudes do Padre Francisco Xavier e as obras da Companhia<sup>14</sup>. Já Liam M. Brockey<sup>15</sup>, em trabalho recente, considera que a edição desta mesma obra terá tido como finalidade o reforço da memória dos fundadores da Companhia de Jesus, numa altura em que esta se encontrava já com vida própria e presente em todo o mundo conhecido, no que poderá ser considerada uma motivação algo redutora<sup>16</sup>, em nossa opinião, mas ainda assim de certa forma complementar à apresentada por Lucena.

Uma forte motivação nos parece emergir das razões apresentadas: a perpetuação da memória. Mas qual será o conceito que encerrado neste vocábulo; *memória*? Sendo tão vulgarmente utilizado nos dias de hoje, qual seria o seu significado para o homem

---

<sup>14</sup> Cf. Pe. João de Lucena, *História da Vida do Padre Francisco de Xavier*, Lisboa, Pedro Crasbeeck, 1600, p.4. O padre João de Lucena deixa-nos claros os objectivos desta obra ao afirmar: “[...] *Pola qual rezam à vida, & obras daquelle grande feruo do Senhor era tambem deuido afsi o título, como a principal parte desta historia; de que nós aceitamos, per obediencia, o trabalho, porque outros colheffem o fruyto; que o foem os varões illustres dar, & caufar nam fomite em quanto viuem nas almas dos que tratam, mas igualmente nas daquelles, que muytos annos depois os confideram, & ouuem attentamente nos liuros, & memorias de feus feitos [...]*”.

<sup>15</sup> Cf. Liam M. Brockey, “Sympathy from the Devil: Francisco Xavier, o Santo, 1600-1650”, in *Revista Oriente*, Fundação Oriente, Lisboa, Dezembro de 2005, pp. 41-44. Este Professor Assistente de História, na Universidade de Princeton, Estados Unidos, afirma: “[...] *Haviam passado quase cinquenta anos – quarenta e oito, para ser exacto – sobre a morte de Francisco Xavier na costa da ilha chinesa de Sanchoão, quando João de Lucena publicou em Lisboa a sua História do Padre Francisco de Xavier. Corria o ano de 1600, e a Companhia de Jesus entrava na sua sexta década. A ordem crescera de modo impressionante durante o século XVI, e estabelecera colégios e residências em todo o mundo. Para se certificar que o peso crescente da Companhia não faria sombra aos valorosos feitos dos seus fundadores, Lucena escrevera uma relação dos actos de Xavier e dos seus colegas no Estado da Índia. É certo que a memória do Apóstolo do Oriente estava mais viva entre os portugueses do que em qualquer outra parte. No dealbar do século XVII, era ainda possível encontrar nas colónias portuguesas da Ásia quem o tivesse conhecido – muitos dos mesmos homens e mulheres que forneceram os testemunhos usados pela comissão papal para o promover à fileira dos beatificados. Mas as vozes que em tempos haviam dado testemunho dos milagres de Xavier tinham sido gradualmente silenciadas pela velhice ou pela morte. O que fez João de Lucena foi preservar os feitos do primeiro missionário jesuíta na língua vernácula do mundo português. O seu texto assegurou que não seriam apenas os leitores eruditos com instrução em latim a conhecer os triunfos de Xavier, mas que homens e mulheres leigos e menos educados poderiam, também eles, celebrar a sua santidade. [...]*”.

<sup>16</sup> A razão apontada pelo autor para a publicação da obra de Lucena pode resumir-se à frase “[...] *Para se certificar que o peso crescente da Companhia não faria sombra aos valorosos feitos dos seus fundadores, Lucena escrevera uma relação dos actos de Xavier e dos seus colegas no Estado da Índia. [...]*”. Parece-nos esta ser uma simplificação de um conjunto de motivações mais vastas que incluiriam, de entre outras, um exemplo de vida e de fé cristã destinado tanto aos jesuítas como aos leigos, o enaltecimento dos valorosos membros da Companhia, tal como mais tarde faria o também jesuíta António Franco através da sua obra “*Imagem da virtude em o noviciado da Companhia de Jesus...*”, e ainda a divulgação das obras missionárias da Companhia de Jesus.

européu dos finais de Quinhentos e princípios de Seiscentos? Torna-se assim imperativo que exploremos este conceito, ainda que de uma forma muito superficial.

Segundo Jacques Le Goff, a memória começará por ser um conjunto de funções que acontecem a nível cerebral, que permitem ao homem coligir informações e impressões que registará de uma forma ordenada temporalmente. Será a consciência desta capacidade que permitirá a reflexão sobre o próprio conceito, ao longo dos tempos<sup>17</sup>.

A perpetuação da memória tem sido uma constante nas sociedades humanas, tanto nas que possuem escrita, como naquelas que a não têm, sendo que nestas últimas se verifica a existência de guardiões da memória, responsáveis pela manutenção da história e dos mitos dos seus grupos étnicos. Mas foi sem dúvida a utilização da linguagem escrita que permitiu ao Homem abandonar os seus limites físicos de retenção, criando verdadeiras extensões para o armazenamento das suas memórias<sup>18</sup>.

Na época clássica, os gregos terão sido os primeiros grandes teóricos da memória, criando diversos conceitos e técnicas destinadas a evitar o esquecimento, sobretudo no que se referia aos grandes heróis e aos grandes feitos, muito embora o seu conceito de memória fosse distinto do conceito de história, na medida em que se manifestava essencialmente como transmissão de memórias colectivas através de do mito e da tradição<sup>19</sup>.

Durante a idade média assiste-se a um domínio da ideologia do Cristianismo, onde pontua a memória dos mortos, sobretudo pela comemoração e devoção dos santos e dos seus milagres. Neste período, o ensino conjuga ainda a oralidade com a escrita. Figuras como Santo Agostinho e S. Tomás de Aquino estão entre aquelas que sobre o tema se debruçaram o enriqueceram com a produção de tratados<sup>20</sup>.

---

<sup>17</sup> Cf. Jacques Le Goff, *Memória*, in Enciclopédia Einaudi, Vol. 1, Memória – História, Lisboa, Imprensa nacional – Casa da Moeda, 2004, pp. 11-16.

<sup>18</sup> Cf. Ibid. Pp. 11-16.

<sup>19</sup> Cf. Op. Cit., pp. 16-24.

<sup>20</sup> Cf. Op. Cit., pp. 24-33.

Já a partir da Renascença será a imprensa a revolucionar os conceitos de memória do mundo ocidental. A proliferação da memória escrita já não permite que se fixem de cor as ideias e conhecimentos, como até então acontecia, assistindo-se à anteriormente referida exteriorização da memória, que passa agora a residir em suporte exterior ao Homem<sup>21</sup>.

Será a partir da revolução Francesa que se institucionalizará a memória, com a criação dos arquivos centrais, o surgimento dos primeiros museus e a proliferação de bibliotecas. A comemoração assumirá um papel de relevo como forma de manutenção e divulgação da memória, sendo muitas vezes utilizada como forma de manipulação. Será já nos finais do século XIX e inícios do século XX que surgirão duas das mais significativas manifestações da memória colectiva: a construção de grandes monumentos aos mortos, como símbolos de unificação das nações e a criação da fotografia<sup>22</sup>.

Vimos assim a importância que a introdução da Imprensa teve no desenvolvimento do conceito de memória, o que nos permite entender a sua relação com aqueles que se dedicaram à escrita das obras que se debruçam sobre factos relacionados com a existência material e espiritual de S. Francisco Xavier.

Mas o conceito de memória está intimamente relacionado com o de história, muito embora este não seja consensual, ainda nos dias de hoje, tal como desabafa Jacques Le Goff quando afirma “*Estamos todos convencidos de que a história não é uma ciência como as outras – sem contar com aqueles que não a consideram como uma ciência. [...]*”<sup>23</sup>.

---

<sup>21</sup> Cf. Op. Cit., pp. 33-40.

<sup>22</sup> Cf. Op. Cit., pp. 33-40.

<sup>23</sup> Cf. Jacques Le Goff, “História”, in *Enciclopédia Einaudi*, Vol. 1 Memória – História, Lisboa, Imprensa nacional – Casa da Moeda, 2004, pp. 11-16.

Percorrendo o universo das obras e referência para o nosso estudo não, se nos afigura que tenha existido uma vontade implícita de historiar a vida de S. Francisco Xavier, com a possível excepção para João de Lucena que, pelo título atribuído à sua obra e através dos métodos adoptados e da estrutura formal utilizada, pode ser considerado como “historiador” do Santo e da Companhia de Jesus, tal como atesta Costa Pimpão no seu prefácio à edição de 1952 da *“Historia da vida do padre Francisco de Xavier: e do que fizeram na Índia os mais religiosos da Companhia de Iesu”*<sup>24</sup>.

Será sobretudo como fontes históricas que poderemos classificar as obras que versam sobre S. Francisco Xavier, pois que nos permitem não só conhecer acontecimentos históricos com ele directa ou indirectamente relacionados, como também nos transmitem formas de sentir e de pensar próprias de diferentes grupos e de diferentes tempos.

Mas esta análise não se esgota com o enquadramento face aos conceitos de memória e de história pois as obras em si, são dotadas de características próprias que lhes conferem uma vida própria, vida esta independente das motivações que levaram às suas origens e complementar à mensagem que encerram, tal como iremos ver já de seguida.

---

<sup>24</sup> Cf. João de Lucena, Álvaro J. da Costa Pimpão (prefácio), *História da Vida do Padre Francisco de Xavier*, I Vol., Lisboa, Agência Geral do Ultramar, 1952, pp. X-XLIII.

### **1.1.1. As obras sobre S. Francisco Xavier como *Objectos de Património***

Quando nos deparamos com uma obra literária, são múltiplas as formas como a podemos encarar e múltiplas as leituras que dela podemos fazer. Se é verdade que a razão da sua existência é a transmissão de uma mensagem que, como atrás já referimos, poderá estar relacionada com a perpetuação de memórias, mas que poderá ter um sem número de outros objectivos, será igualmente verdade que outros aspectos sobressaem e, como ocorrerá não poucas vezes, estes ultrapassarão em importância e valor o seu objectivo inicial.

Referiremos em primeiro lugar aspectos como a forma, que não raramente emprestam à obra um cunho inédito e particular, assim como a língua utilizada, que poderá ser de maior ou menor difusão mas que será, garantidamente, um testemunho de uma época precisa. Por outro lado, as artes, as técnicas ou tecnologias utilizadas na sua composição, são igualmente factores distintivos e classificativos que não só constituem marcos de uma época precisa, como têm influência na sua raridade ou disseminação, o que terá forçosamente implicações ao nível do valor que lhe atribuí. Já no que respeita ao livro como objecto em si, aspectos como a tecnologia usada no seu fabrico e os materiais de que é constituído são factores que pesam igualmente na sua classificação e no seu valor intrínseco. Não deveremos esquecer ainda o factor tempo, factor este que tem não só influência nos que atrás foram apresentados, mas como contribui inexoravelmente para a redução do número de exemplares de uma obra, pois a ele estão associados todos os fenómenos terrenos que contribuem para o desaparecimento dos seus exemplares.

Todas estas diferentes formas de ver uma obra literária, e cada uma delas por si só, são factores que a inscrevem como pertença do património de um grupo, de uma nação ou

de uma civilização. E eis que é introduzido mais um conceito que importa explorar: *Património*.

A etimologia da palavra património está na palavra latina idêntica que significava *herança paterna*. Para o estudo da história, o conceito de património abarca todos os bens materiais ou naturais que, dotados de valor cultural, importa cuidar, preservar e difundir. Por outras palavras, o património será tudo aquilo que recebemos dos nossos antepassados, que devemos manter e preservar, para que o possamos transmitir às gerações futuras. Actualmente este conceito é bastante abrangente, incluindo bens corpóreos e incorpóreos.

Poderão então as obras sobre S. Francisco Xavier ser consideradas como objectos de património? Seguramente que sim, pois no seu computo geral cumpriram todos os requisitos atrás enumerados, sendo que neste caso, as mensagens por elas transmitidas poderão ser consideradas, também elas, como objectos de património, na medida em que nos falam de acontecimentos, tradições, ideias e credos que nos pertencem.

Mas se o património existe como forma de perpetuação da memória, este não poderá ficar inerte pois assim não poderá cumprir com o seu objectivo, pelo que importa mostrá-lo, difundi-lo e celebrá-lo. Vamos de seguida ver como tal acontece.

### 1.1.2. As obras sobre S. Francisco Xavier como Objectos de Comemoração

Como atrás já vimos, a comemoração foi, desde a Idade Média, uma forma instituída de consolidação, difusão e celebração da memória. Para o Cristianismo, a memória dos mortos atinge o seu expoente máximo com a comemoração e devoção dos santos e dos mártires, dos milagres e dos martírios. A comemoração poderá assim ser entendida como uma cerimónia ou forma de festejo destinados a celebrar uma pessoa ou um acontecimento, podendo igualmente ser entendida como uma forma de homenagem, um preservar de uma pessoa ou um acontecimento na memória colectiva.

Uma vez mais nos questionamos se as obras sobre S. Francisco Xavier podem, também elas, ser consideradas como objectos de comemoração? Também uma vez mais diremos que sim, na medida em que estas fazem a apologia da vida e obra do santo e, mais ou menos indirectamente, celebram igualmente a Companhia de Jesus e mesmo Portugal.

Será curioso verificar que, neste caso particular, observamos a existência de obras que nos descrevem em detalhe os festejos realizados por ocasião da beatificação e da canonização de Francisco Xavier, festejos estes ocorridos em todos os locais onde, à época, existiam colégios ou casas da Companhia de Jesus. Estes festejos inscrevem-se na categoria de “Posteridades do Efémere” descrita por João Castel-Branco Pereira no catálogo da exposição “Arte Efémere em Portugal”<sup>25</sup>. Segundo este autor, a brevidade destes acontecimentos não impedia a que, por vezes, ocorressem projectos bastante ambiciosos, como atestarão livros com gravuras e textos, ou mesmo só com gravuras,

---

<sup>25</sup> Cf. AA. VV., *Arte efémere em Portugal*, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 2000.

livros este publicados em diversos países europeus, não sendo infelizmente o caso de Portugal<sup>26</sup>.

Procurámos assim fazer uma caracterização da escrita sobre S. Francisco Xavier, na sua generalidade, isto é, ao colectivo das obras recenseadas no âmbito do presente estudo e para o período considerado. No capítulo seguinte, iremos aprofundar ainda mais a nossa observação, analisando mais em detalhe algumas destas obras.

---

<sup>26</sup> Cf. João Castel-Branco Pereira, “Introdução”, in AA. VV., *Arte efémera em Portugal*, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 2000, pp. 6-7.

## II – Das vozes ao tempo de S. Francisco Xavier.

No capítulo anterior traçámos com leves pinceladas o percurso de vida de S. Francisco Xavier e analisámos como a escrita sobre a sua vida e obra se enquadra em conceitos como memória, história, património e comemoração, conceitos estes que, muito embora sejam dotados de lógica própria, se complementam para formar um quadro que nos revela uma caracterização abrangente da temática Xavieriana.

Chegou agora o momento de escutarmos atentamente as vozes que nos falam do personagem histórico, do soldado de Jesus, vozes que ecoam acontecimentos, sentimentos e convicções de homens para quem a sua vida constituía um exemplo a seguir. De onde nos falam? A quem pertenceram? Que mensagens encerram? Para dar resposta a estas questões iremos analisar mais aprofundadamente quatro obras que elegemos como sendo mais representativas para o nosso tema e que achamos conterem pistas sobre os primórdios do culto e devoção Xavierianas; são elas a "*Relacam Geral das Festas qve fez a Religiaõ da Companhia de Iefus na Prouincia de Portugal, na canonizaçaõ dos gloriosos Sancto Ignacio de Loyola feu fundador, & S. Francisco Xauier Apostolo da Índia Oriental, no anno de 1622*"<sup>1</sup>, a "'*Relacion verdadera, de las solemnnes fiestas que se han celebrado en la ciudad de Roma à 18. de Março en las Canonizaciones de los Santos Isidro, San Ignacio, S. Francisco Xavier, Santa Teresa de Jesus, y San Felipe Neri, y de la entrada del Conde de Monterey en dicha ciudad*"<sup>2</sup>, a "*Relacam de hvm prodigioso milagre qve o gloriofo S. Francisco Xauier Apostolo do*

<sup>1</sup> Cf. S.a., *Relacam Geral das Festas qve fez a Religiaõ da Companhia de Iefus na Prouincia de Portugal, na canonizaçaõ dos gloriosos Sancto Ignacio de Loyola feu fundador, & S. Francisco Xauier Apostolo da Índia Oriental, no anno de 1622*, Lisboa, Pedro Craesbeeck, 1623.

<sup>2</sup> Cf. S.a., *Relacion verdadera, de las solemnnes fiestas que se han celebrado en la ciudad de Roma à 18. de Março en las Canonizaciones de los Santos Isidro, San Ignacio, S. Francisco Xavier, Santa Teresa de Jesus, y San Felipe Neri, y de la entrada del Conde de Monterey en dicha ciudad*, Barcelona, Estevan Librerós, 1622.

*Oriente obrou na Cidade de Nápoles no anno de 1634*<sup>3</sup> e a *“Historia da vida do padre Francisco de Xavier: e do que fizerão na Índia os mais religiosos da Companhia de Iesu”*<sup>4</sup>.

Mas as quatro obras que acabámos de enumerar são uma pequeníssima parte da produção literária de temática Xavieriana. Se o seu conteúdo e a sua mensagem são factores de grande importância, não menos importante será verificar como se inscrevem no universo desta produção literária, pois com ele partilham as motivações, as correntes de pensamento e os momentos históricos.

### ***2.1. Da temática Xavieriana em finais de Quinhentos e princípios de Seiscentos.***

Verificámos ser extenso o número de autores e ainda maior o número de obras que, até aos nossos dias, nos falam sobre Francisco de Xavier. Esta tendência não sofre alteração no período de tempo abrangido pelo nosso estudo, que vai do ano da morte do Santo, em 1552, até à primeira metade do século XVII. Por si só, este facto é revelador da importância que é atribuída às diferentes facetas da sua vida.

Muito embora não tenhamos dados estatísticos que nos permitam comparar os volumes da produção literária do século XVI em Portugal, com idêntico período nas restantes capitais europeias, ao analisarmos os dados fornecidos por trabalhos como a

---

<sup>3</sup> Cf. P.º Manuel Francisco Mastrilli, LIMA, Pe. Manuel de, (Trad.), MATOS, Manuel Cadafaz de, (Pref.), *Relacam de hvm prodigioso milagre que o gloriofo S. Francifco Xauier Apostolo do Oriete obrou na Cidade de Nápoles no anno de 1634*, Edição fac-similada, Lisboa, Biblioteca Nacional, 1989.

<sup>4</sup> Cf. João de Lucena, *Historia da vida do padre Francisco de Xavier: e do que fizerão na Índia os mais religiosos da Companhia de Iesu*, Lisboa, Pedro Crasbeeck, 1600.

“*Bibliographia Historica Portugueza*”<sup>5</sup>, o “*Summario da Bibliotheca Lusitana*”<sup>6</sup>, “*A Imprensa Portugueza Durante o Século XVI*”<sup>7</sup>, as “*Memorias de Litteratura Portugueza*”<sup>8</sup> e “*O movimento tipográfico em Portugal no século XVI*”<sup>9</sup>, ficamos com um bom panorama dos volumes associados à produção literária em Portugal, principalmente no que respeita à centúria Quinhentos. É neste universo que, por seu lado, se inscreve a produção literária Xavieriana que, muito embora tenha um objecto de análise original, acompanha as tendências os formalismos e as técnicas comuns e características do seu tempo.

À medida que fomos avançando no recenseamento e análise de conteúdo destas obras, perante os nossos olhos começaram a desenhar-se alguns padrões distintos, padrões estes relacionados com origens cronológicas bem definidas, bem como com diferentes temas e abordagens que, sendo muitas vezes recorrentes, poderemos afirmar que têm uma origem bem precisa no tempo. Esta constatação leva-nos a propor duas formas inter-relacionadas de organização para a escrita sobre a vida e a obra de S. Francisco Xavier: Tipologia e Período.

A Tipologia atende ao conteúdo do discurso, à sua mensagem e aos seus objectivos, no que constituirá uma organização em cinco grupos. Esta organização não entra em linha de conta com a data de produção dos textos, uma vez que, como já referimos, as tipologias são recorrentes ao longo dos tempos, muito embora com representatividades distintas.

---

<sup>5</sup> Cf. Jorge Cesar de Figanieri, *Bibliographia Historica Portugueza*, Lisboa, Typographia do Panorama, 1850.

<sup>6</sup> Cf. S. a., *Summario da Bibliotheca Lusitana*, Tomo II, Lisboa, Officina de Antonio Gomes, 1786.

<sup>7</sup> Cf. Tito de Noronha, *A imprensa portugueza durante o século XVI*, Porto, Imprensa Portugueza, 1874.

<sup>8</sup> Cf. S. a., *Memórias de Litteratura Portugueza*, Tomo VIII – Parte I, Lisboa, Officina da Academia Real das Sciencias de Lisboa, 1812.

<sup>9</sup> Cf. Sousa Viterbo, *O movimento tipográfico em Portugal no século XVI, Apontamentos para a sua história*, Coimbra, Imprensa da Universidade, 1924.

Assim teremos, por ordem alfabética:

<b>Tipologia</b>	<b>Descrição</b>
<b>Textos Próprios</b>	Textos, cartas ou obras, redigidos pelo próprio S. Francisco Xavier, reunidos em colectâneas organizadas e publicadas por terceiros.
<b>Biografias</b>	Descrições historiadas da vida e obra do Santo.
<b>Celebrações</b>	Relatos de eventos e festividades organizados em honra do Santo.
<b>Cultuais</b>	Obras e textos que reproduzem sermões em honra do Santo, ou que dão nota dos preceitos do seu culto.
<b>Moralizantes</b>	Textos e obras de cariz moralizante, que enaltecem as virtudes morais e cristãs do Santo, expostas como exemplo a seguir.

Quadro 1 – Classificação da escrita de temática Xavieriana segundo a sua Tipologia.

A nossa segunda proposta de organização, por períodos, baseia-se na linha cronológica de produção dos textos sobre S. Francisco Xavier, organização esta que atende exclusivamente às datas das primeiras edições, uma vez que se verificam reedições de algumas obras, facto possivelmente motivado por eventos especiais, como terão sido a sua beatificação e a sua canonização. Assim, e considerando apenas o lapso de tempo em estudo, teremos cinco períodos distintos:

<b>Período</b>	<b>Designação</b>	<b>Datação</b>
<b>Inicial</b>	Obras anteriores à Beatificação.	De 1549 a 1618
<b>Beatificação</b>	Obras editadas no ano da Beatificação.	1619
<b>Intermédio</b>	Obras editadas no período de tempo entre a Beatificação e a Canonização.	1620 e 1621
<b>Canonização</b>	Obras editadas no ano da Canonização.	1622
<b>Consolidação</b>	Obras posteriores à Canonização.	De 1623 a 1659

Quadro 2 – Classificação da escrita de temática Xavieriana segundo o seu Período de produção.

Note-se que este tipo de classificação, segundo o período de produção, poderá ser estendido até aos dias de hoje, na medida em que a produção de obras, sobre S. Francisco Xavier, tem sido praticamente ininterrupta. No entanto, sendo restrito período em análise, limitamos esta nossa proposta a esse mesmo período.

Uma observação mais minuciosa das obras recenseadas permitirá uma melhor percepção das tipologias que propomos, assim como uma ordenação lógica que facilita a sua consulta. Assim, enquadradas no **Período Inicial** encontrámos duas obras que caem na proposta tipologia de **Textos Próprios**; as “*Cartas de S. Francisco Xavier: em que se dexa ver um vivo retrato de su fervoroso espiritu*”<sup>10</sup>, obra editada em Madrid, em 1549, e o “*Epistolarum libri quatur*”<sup>11</sup>, de autoria do próprio Padre Francisco Xavier, obra editada em Roma por Aloysium Zannetum em 1596, já após a morte do autor.

Para o mesmo período, mas agora enquadradas na tipologia de **Biografias** temos a famosa “*Historia da vida do padre Francisco de Xavier*”<sup>12</sup>, de João de Lucena, e uma tradução da “*Vida del P Francisco Xavier de la Compañia de Jesus*”<sup>13</sup>, escrita por Orazio Torsellino e traduzida para *romance* por Pedro de Guzmán, ambos padres jesuítas. Encontrámos ainda uma biografia do Padre Inácio de Loyola<sup>14</sup>, composta por gravuras com texto inserido, editada possivelmente por motivo da sua beatificação, em 1609, obra esta que faz referência igualmente ao padre Francisco Xavier.

Já no que respeita ao **Período da Beatificação**, apenas encontramos a edição uma obra que se enquadra na tipologia de **Biografias**; uma versão em castelhano da obra do Padre

---

<sup>10</sup> Cf. P.<sup>e</sup> Francisco Cutillas, *Cartas de S. Francisco Xavier: em que se dexa ver um vivo retrato de su fervoroso espiritu*, Madrid, Imprenta de la Viuva de Manuel Fernandez, 1549.

<sup>11</sup> Cf. S. Francisco Xavier, S.J., *Epistolarum libri quatur*, Romae (Roma), Aloysium Zannetum, 1596.

<sup>12</sup> Cf. João de Lucena, S.J., *Historia da vida do padre Francisco de Xavier: e do que fizeram na Índia os mais religiosos da Companhia de Iesu*, Lisboa, Pedro Craesbeek, 1600.

<sup>13</sup> Cf. Orazio Torsellino, S.J., Pedro de Guzmán, S.J. (trad.), *Vida del P Francisco Xavier de la Compañia de Jesus*, Valladolid, Juan Godinez de Millis, 1600.

<sup>14</sup> Cf. Nicolaus Lancicius, Petrus Paulus Rubens (Grav.), Jean Baptiste Barbe (Grav.), *Vita Beati P. Ignatii Loiolae Societatis Iesv Fvndatoris*, Roma, 1609.

João de Lucena, agora com o título “*Historia dela vida del P. Francisco Xavier y dello que en la India Oriental hizieron los demas Religiosos de la Compañia de Jesus*”<sup>15</sup>, tradução feita pelo também padre jesuíta Alfonso de Sandoval. O facto de não termos encontrado senão uma obra, e esta editada na cidade de Sevilha, poderá significar que nada mais foi escrito ou editado neste período, sobretudo no que respeita à cidade de Lisboa, mas poderá significar apenas que não terão sobrevivido ao correr do tempo, o que achamos pouco provável. O que sabemos, com segurança, é que a beatificação foi motivo de festejos na cidade de Lisboa, pois isso mesmo nos atestam algumas das obras que apresentamos já de seguida.

Chegamos assim ao **Período Intermédio**, onde começamos a encontrar relatos que se enquadram na tipologia **Celebrações**, como o “*Triunfo com que o Collegio de S. Antam da Companhia de Jesu da cidade de Lisboa, celebrou a beatificação do Santo Padre Francisco Xauier*”<sup>16</sup>, celebração ocorrida apenas a 4 de Dezembro de 1620, segundo nos refere o autor, e a “*Relaçam das festas que a religiam da Companhia de Jesu fez em a cidade de Lisboa, na beatificaçam do beato P. Francisco de Xavier*”<sup>17</sup>, obra editada já em 1621.

Na tipologia obras **Moralizantes** encontrámos o “*Compendio da vida, virtudes, e milagres do Beato Padre Francisco Xavier, Religioso da Companhia de Jesu Apostolo da India Oriental*”<sup>18</sup>, que o seu tradutor dedica ao “*Illustrissimo S. D. Miguel de Castro, Arcebispo Metropolitano desta cidade de Lisboa*”. Por último terá sido reeditada a

---

<sup>15</sup> Cf. João de Lucena, S.J., Alfonso de Sandoval, S.J., (Trad.), *Historia dela vida del P. Francisco Xavier y dello que en la India Oriental hizieron los demas Religiosos de la Compañia de Jesus*, Sevilla, Francisco de Lyra, 1619.

<sup>16</sup> Cf. S.a., *Triunfo com que o Collegio de S. Antam da Companhia de Jesu da cidade de Lisboa, celebrou a beatificação do Santo Padre Francisco Xauier*, Lisboa, João Rodriguez, D. 1620.

<sup>17</sup> Cf. Padre Diogo Marques Salgueiro, *Relaçam das festas que a religiam da Companhia de Jesu fez em a cidade de Lisboa, na beatificaçam do beato P. Francisco de Xavier*, Lisboa, João Rodriguez, 1621.

<sup>18</sup> Cf. Tomás de Villacastín, S.J., Padre Diogo Mõteiro, (Trad.), *Compendio da vida, virtudes, e milagres do Beato Padre Francisco Xavier, Religioso da Companhia de Jesu Apostolo da India Oriental*, Lisboa, Antonio Alvarez, 1620.

**Biografia** redigida por Orazio Torsellino, na sua tradução para castelhano do jesuíta Pedro de Guzmán, mas agora editada em Pamplona no ano de 1620<sup>19</sup>.

Passando ao **Período da Canonização**, verificamos que a produção é, de longe, mais profícua que nos períodos anteriores, havendo dois factores que em nossa opinião contribuem para tal facto: a canonização ser, sem dúvida alguma, um acontecimento de suma importância e tratar-se da canonização de dois fundadores da Companhia de Jesus, os Beatos Inácio de Loyola e Francisco Xavier. Encontrámos assim relatos de **Celebrações** como as “*Relações das sumptuosas festas, com que a Companhia de Jesus da Provincia de Portugal celebrou a canonização de S. Ignacio de Loyola, e S. Francisco Xavier nas Casas, e Collegios de Lisboa, Coimbra, Evora, Braga, Bragança, Villa-Viçosa, Porto, Portalegre, e nas ilhas da Madeira*”<sup>20</sup>, a “*Relacion de las fiestas, que la Compañia de Jesu haze en la ciudad de Lisboa a la canonizacion de S. Inacio de Loyola, y de S. Francisco Xavier: comiençanse en 30. de Julio, y acabanse en 7. de Agosto*”<sup>21</sup>. Se, através destes relatos, ficamos a ter conhecimento das cerimónias que tiveram lugar em Portugal, outros nos dão nota de iguais celebrações ocorridas em Espanha e Itália, relatos que nos dão uma ideia da importância do acontecimento, como são o “*Principio de las reales fiestas, desta corte y villa de Madrid, en la santa canonizacion de su glorioso patron S. Isidro Labrador, con los otros quatro cõpañeros S. Ignacio de Loyola, fudador de la Compañia de Jesus, y S. Francisco Xavier su compañero, S. Teresa de Jesus fundadora de los Descalços Carmelitas, y de S. Phelipe Neri Florentin*”<sup>22</sup>, a “*Relacion de las fiestas que ha hecho el Colegio Imperial de la Compañia de Jesus de Madrid en la canonizacion de San Ignacio de Loyola, y S.*

---

<sup>19</sup> Cf. Orazio Torsellino, S.J., Pedro Guzmán, S.J., (Trad.), *Vida del P Francisco Xavier*, Pamplona, Carlos de Labayen, 1620.

<sup>20</sup> Cf. S.a., *Relações das sumptuosas festas, com que a Companhia de Jesus da Provincia de Portugal celebrou a canonização de S. Ignacio de Loyola, e S. Francisco Xavier nas Casas, e Collegios de Lisboa, Coimbra, Evora, Braga, Bragança, Villa-Viçosa, Porto, Portalegre, e nas ilhas da Madeira, e Terceira*, Lisboa, S.e., 1622.

<sup>21</sup> Cf. S.a., *Relacion de las fiestas, que la Compañia de Jesu haze en la ciudad de Lisboa a la canonizacion de S. Inacio de Loyola...*, y de S. Francisco Xavier...: *comiençanse en 30. de Julio, y acabanse en 7. de Agosto*, Lisboa, Geraldo da Vinha, 1622.

<sup>22</sup> Cf. S.a., *Principio de las reales fiestas, desta corte y villa de Madrid, en la santa canonizacion de su glorioso patron S. Isidro Labrador, con los otros quatro cõpañeros S. Ignacio de Loyola, fudador de la Compañia de Jesus, y S. Francisco Xavier su compañero, S. Teresa de Jesus fundadora de los Descalços Carmelitas, y de S. Phelipe Neri Florentin*, Barcelona, Esteban Liberós, 1622.

*Francisco Xavier*<sup>23</sup> e ainda a “*Relacion verdadera, de las solemnes fiestas que se han celebrado en la ciudad de Roma à 18. de Março en las Canonizaciones de los Santos Isidro, San Ignacio, S. Francisco Xavier, Santa Teresa de Jesus, y San Felipe Neri, y de la entrada del Conde de Monterey en dicha ciudad*”<sup>24</sup>.

Ainda no mesmo período, agora na tipologia de **Biografias**, encontramos uma possível reedição da “*Vita Beati P. Ignatii Loiolae Societatis Iesv Fvndatoris*”<sup>25</sup> que, como atrás referimos, faz referência ao padre Francisco Xavier, e uma “*Vita del padre S. Francisco di Xavier della Compagnia di Giesu... raccolta da vari scrittori, e ristretta in tre libri e data in luce ad istanza del Sig. Ottavio Magnanini*”<sup>26</sup>, redigida em Itália.

Por último, enquadrando-se na tipologia de obras **Cultuais**, verificamos a existência de uma obra reproduzindo o “*Sermam que pregou o P. F. Antonio Tavares em S. Roque Casa Professa da Companhia de Jesus da cidade de Lisboa a 3 de Agosto de 1622. na solemmissima festa que se fez à canonização dos dous SS. Padres Ignacio de Loyola, & Francisco Xavier*”<sup>27</sup>.

Chegamos finalmente ao período de **Consolidação**, onde encontramos uma **Biografia**, a “*Traducion del compendio italiano de la vida del Santo Francisco Xavier*”<sup>28</sup>, que apesar de ser vertida em castelhano, foi editada em Lisboa por Pedro Craesbeeck. Encontramos

---

<sup>23</sup> Cf. Fernando de Monforte y Herrera, *Relacion de las fiestas que ha hecho el Colegio Imperial de la Compañia de Jesus de Madrid en la canonizacion de San Ignacio de Loyola, y S. Francisco Xavier*, Luis Sanchez, Madrid, 1622.

<sup>24</sup> Cf. S.a., *Relacion verdadera, de las solemnes fiestas que se han celebrado en la ciudad de Roma à 18. de Março en las Canonizaciones de los Santos Isidro, San Ignacio, S. Francisco Xavier, Santa Teresa de Jesus, y San Felipe Neri, y de la entrada del Conde de Monterey en dicha ciudad*, Barcelona, Estevan Liberós, 1622.

<sup>25</sup> Cf. Nicolaus Lancicius, Petrus Paulus Rubens, (Grav.), Jean Baptiste Barbe, (Grav.), *Vita Beati P. Ignatii Loiolae Societatis Iesv Fvndatoris*, Roma, 1622.

<sup>26</sup> Cf. Ottávio Magnanini, *Vita del padre S. Francisco di Xavier della Compagnia di Giesu... raccolta da vari scrittori, e ristretta in tre libri / e data in luce ad istanza del Sig. Ottavio Magnanini...*, Milano, Gio. Battista Piccaglia, 1622.

<sup>27</sup> Cf. S.a., *Sermam que pregou o P. F. Antonio Tavares... em S. Roque Casa Professa da Companhia de Jesus da cidade de Lisboa a 3 de Agosto de 1622. na solemmissima festa que se fez à canonização dos dous SS. Padres Ignacio de Loyola, & Francisco Xavier*, Lisboa, Geraldo da Vinha, 1622.

<sup>28</sup> Cf. Muzio Vitelleschi, Fernando Alvia de Castro, (Trad.), *Traducion del compendio italiano de la vida del Santo Francisco Xavier*, Lisboa, Pedro Craesbeeck, 1630.

igualmente uma obra de tipologia **Celebrações**, a “*Relacam geral das festas que fez a religião da Companhia de Iefus na Prouincia de Portugal, na canonizaçãõ dos gloriosos Sancto Ignacio de Loyola feu fundador, & S. Francifco Xauier Apostolo da Índia Oriental. No ano de 1622*”<sup>29</sup>, também ela editada por Pedro Craesbeeck.

Assistimos, neste período, a uma maior produção de obras que se enquadram na tipologia **Cultural**, tendo-nos deparado com títulos como o “*Sermaõ que fez no Collegio de S. Antam da Companhia de Jesu, da Cidade de Lixboa, o Illustrissimo Senhor Dom Frey Thome de faria Bispo de targa, da Ordem de nossa Senhora do Carmo, aos 7. de Agosto de 622 : no Oitavario das festas da canonizaçãõ de sancto Ignacio de Layola fundador, & Patriarcha da Companhia de Jesu, & de S. Francisco Xavier Confessor & Apostolo do Oriente da mesma Companhia*”<sup>30</sup>, a “*Relacam de hvm prodigioso milagre que o glorioso S. Francisco Xauier Apostolo do Oriete obrou na cidade de Nápoles no anno de 1634*”<sup>31</sup>, o “*Sermão do apostolo do Oriente S. Francisco Xavier / que fez no Collegio de Sancto Antão o P.e M. Hieronymo Ribeyro da Companhia de Jesus: anno de 1644*”<sup>32</sup>, o “*Brevissimo compendio da vida, & excellencias de S. Francisco de Xavier da Companhia de Jesu Apostolo da India : com a sua Devaçam de dez Sestas feiras*”<sup>33</sup>, o “*Brevissimo compendio da vida, & excellencias de S. Francisco de Xavier: com a sua devaçam de dez sextas feiras*”<sup>34</sup>, e o “*Prodigioso milagre de S. Francisco Xavier: saude*

<sup>29</sup> Cf. S.a., *Relacam Geral das Festas qve fez a Religiaõ da Companhia de Iefus na Prouincia de Portugal, na canonizaçãõ dos gloriofos Sancto Ignacio de Loyola feu fundador, & S. Francifco Xauier Apostolo da Índia Oriental, no anno de 1622*, Lisboa, Pedro Craesbeeck, 1623.

<sup>30</sup> Cf. Tomé de Faria, *Sermaõ que fez no Collegio de S. Antam da Companhia de Jesu, da Cidade de Lixboa, o Illustrissimo Senhor Dom Frey Thome de faria Bispo de targa, da Ordem de nossa Senhora do Carmo, aos 7. de Agosto de 622 : no Oitavario das festas da canonizaçãõ de sancto Ignacio de Layola fundador, & Patriarcha da Companhia de Jesu, & de S. Francisco Xavier Confessor & Apostolo do Oriente da mesma Companhia*, Lisboa, Geraldo da Vinha, 1624.

<sup>31</sup> Cf. Marcello Mastrilli, S.J., Manuel de Lima, S.J., (Trad.), Manuel Cadafaz de Matos, (Pref.), *Relacam de hvm prodigioso milagre que o glorioso S. Francisco Xauier Apostolo do Oriete obrou na cidade de Nápoles no anno de 1634*, Lisboa, Biblioteca Nacional, 1989, (Edição fac-similada da edição do Colégio de Rachol, em Goa, de 1636).

<sup>32</sup> Cf. Jerónimo Ribeiro de Carvalho, *Sermão do apostolo do Oriente S. Francisco Xavier / que fez no Collegio de Sancto Antão o P.e M. Hieronymo Ribeyro da Companhia de Jesus: anno de 1644*, Lisboa, Officina de Domingos Lopes Rosa, 1645.

<sup>33</sup> Cf. S.a., *Brevissimo compendio da vida, & excellencias de S. Francisco de Xavier da Companhia de Jesu Apostolo da India : com a sua Devaçam de dez Sestas feiras*, Lisboa, Na Officina de Antonio Craesbeeck, 1659.

<sup>34</sup> Cf. Manuel Monteiro, *Brevissimo compendio da vida, & excellencias de S. Francisco de Xavier: com a sua devaçam de dez sextas feiras*, Lisboa, Na Officina de Antonio Craesbeeck, 1659.

*restituida a Alexandre Philipuccio da Companhia de Jesus em 12 de Março de 1658: com huma devota novena ao mesmo Santo, muy poderosa para alcançar por sua intercessam grandes favores do Ceo*”<sup>35</sup>.

Já no que respeita a obras de tipologia **Moralizante**, foram encontradas duas obras: o “*Honor del Gran Patriarca San Ignacio de Loyola, fundador da Compañia de Iesvs, en que se propone su vida, y la de su Dicipulo el Apostolo de las Indias S. Francisco Xavier*”<sup>36</sup> e os “*Gloriosos triunfos do grande apostolo do Oriente S. Francisco Xavier singulares favores deste nouo thaumaturgo para com algu[m]as cidades d'Italia. Principalmente para com hum menino da cidade d'Aquila. Com hum excellente elogio em nome da cidade de Parma ao mesmo Santo*”<sup>37</sup>.

Por último, enquadradas na tipologia de **Textos Próprios**, encontrámos três obras, muito embora nenhuma tenha sido editada em Portugal: as “*Lettres du B. Père Saint François Xavier, de la Compagnie de Jesus, Apostre du Japon ; Traduites Par un Père de la Même Compagnie*”<sup>38</sup>, o “*Sancti Francisci Xaverii Epistolarum libri quatuor – Ab Horatio Tursellino in Latinum conversi ex Hispano*”<sup>39</sup> e a edição da mesma obra, agora com o título “*Epistolarum libri quatuor, ab Horatio Tursellino [...] in Latinum conversi ex Hispano*”<sup>40</sup>.

<sup>35</sup> Cf. Henrique Valente de Oliveira, *Prodigioso milagre de S. Francisco Xavier: saude restituída a Alexandre Philipuccio da Companhia de Jesus em 12 de Março de 1658: com huma devota novena ao mesmo Santo, muy poderosa para alcançar por sua intercessam grandes favores do Ceo*, Lisboa, Na Officina de Henrique Valente de Oliveira, 1659.

<sup>36</sup> Cf. Juan Eusebio Nieremberg, *Honor del Gran Patriarca San Ignacio de Loyola, fundador da Compañia de Iesvs, en que se propone su vida, y la de su Dicipulo el Apostolo de las Indias S. Francisco Xavier*, Madrid, Maria de Quiñones, 1645.

<sup>37</sup> Cf. Henrique Valente de Oliveira, *Gloriosos triunfos do grande apostolo do Oriente S. Francisco Xavier singulares favores deste nouo thaumaturgo para com algu[m]as cidades d'Italia. Principalmente para com hum menino da cidade d'Aquila. Com hum excelente elogio em nome da cidade de Parma ao mesmo Santo*, Lisboa, Na officina de Henrique Valente de Oliveira, 1658.

<sup>38</sup> Cf. S. Francisco Xavier, *Lettres du B. Père Saint François Xavier, de la Compagnie de Jesus, Apostre du Japon ; Traduites Par un Père de la Même Compagnie*, Paris, Sebastian Cramoizy, 1628.

<sup>39</sup> Cf. S. Francisco Xavier, *Sancti Francisci Xaverii Epistolarum libri quatuor – Ab Horatio Tursellino in Latinum conversi ex Hispano*, Lugduni (Lyon), Franciscum la Hotiere, 1650.

<sup>40</sup> Cf. S. Francisco Xavier, *Epistolarum libri quatuor, ab Horatio Tursellino [...] in Latinum conversi ex Hispano*, Rotomages (Rouen), Apud Joannem de Manneville, 1659.

O panorama da produção literária de temática Xavieriana que acabámos de esboçar dá-nos uma primeira percepção das origens e evolução do culto e da devoção a S. Francisco Xavier. De facto, em termos absolutos do número de obras produzidas, assiste-se a um aumento exponencial ao longo do lapso de tempo estudado, sendo este aumento acompanhado por evoluções ao nível da mensagem e dos objectivos, sem que no entanto se verificarem interrupções abruptas.

Da publicação de textos escritos pelo santo e das biografias dos primeiros tempos, existindo já nestas últimas uma forma embrionária de culto, assiste-se ao surgimento de obras que descrevem as celebrações por ocasião da sua beatificação e da sua canonização, obras que não só nos dão a entender a crescente importância de S. Francisco Xavier no panorama da Igreja em Portugal, como também nos fornecem indicações precisas dos mecanismos utilizados na divulgação da sua santidade. Mais tarde surgem obras que nos dão conta das suas virtudes morais e religiosas e as que nos dão a conhecer os aspectos formais do seu culto, finalizando assim um movimento que se reveste já de contornos mais definidos. Mas analisemos agora mais detalhadamente as obras seleccionadas deste painel.

### **2.1.1. Crónicas das comemorações efémeras: as Relações Gerais das Festas.**

Duas das vozes que iremos agora escutar atentamente remetem-nos para um tema já abordado no primeiro capítulo deste trabalho: a *Comemoração*. De facto, a obra "*Relacam Geral das Festas qve fez a Religiaõ da Companhia de Iesus na Prouincia de Portugal, na canonizaçaõ dos gloriosos Sancto Ignacio de Loyola seu fundador, & S.*

*Francisco Xavier Apóstolo da Índia Oriental, no anno de 1622*<sup>41</sup>, e o texto “*Relacion verdadera, de las solemnes fiestas que se han celebrado en la ciudad de Roma à 18. de Março en las Canonizaciones de los Santos Isidro, San Ignacio, S. Francisco Xavier, Santa Teresa de Jesus, y San Felipe Neri, y de la entrada del Conde de Monterey en dicha ciudad*”<sup>42</sup>, falam-nos de diferentes festejos e cerimónias organizadas por ocasião da canonização dos Bem-aventurados Inácio de Loiola e Francisco Xavier.

Como nos esclarece João Castel-Branco Pereira, este tipo de actos celebrativos terá sido característica comum às diferentes sociedades, sendo também comum a necessidade de os valorizar através de estéticas mais ou menos cuidadas, consoante as técnicas disponíveis e a não menos importante disponibilidade dos fundos pecuniários necessários à sua preparação. Entre nós, de simples decorações florais terão evoluído para a exposição pública de objectos mais raros e valiosos, para chegarem, já no século XVII, a elaboradas estruturas arquitectónicas e cortejos de carros alegóricos e carros triunfais, culminando com o lançamento de fogos de artifício, o expoente máximo das comemorações efémeras<sup>43</sup>. Estão documentadas diversas festividades que, durante os séculos XVII e XVIII tiveram lugar em Lisboa, por ocasião das visitas a esta cidade dos monarcas espanhóis, à altura também eles reis de Portugal. Arcos triunfais, *intermezzi* teatrais e uma proliferação de símbolos, emblemas e pinturas, terão constituído formas de “propaganda” que teriam como objectivo, neste caso, a legitimação do poder<sup>44</sup>.

A primeira das obras que referimos, a “*Relacão Geral das Festas qve fez a Religião da Companhia de Iesus na Prouincia de Portugal...*”, publicada por Pedro Craesbeeck em

---

<sup>41</sup> Cf. S.a., *Relacão Geral das Festas qve fez a Religião da Companhia de Iesus na Prouincia de Portugal, na canonização dos gloriosos Sancto Ignacio de Loyola feu fundador, & S. Francisco Xauier Apóstolo da Índia Oriental, no anno de 1622*, Lisboa, Pedro Craesbeeck, 1623.

<sup>42</sup> Cf. S.a., *Relacion verdadera, de las solemnes fiestas que se han celebrado en la ciudad de Roma à 18. de Março en las Canonizaciones de los Santos Isidro, San Ignacio, S. Francisco Xavier, Santa Teresa de Jesus, y San Felipe Neri, y de la entrada del Conde de Monterey en dicha ciudad*, Barcelona, Estevan Librerós, 1622.

<sup>43</sup> Cf. João Castel-Branco Pereira, “Posteridades do Efémoro”, in AA. VV., *Arte efémora em Portugal*, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 2000, pp. 9-20.

<sup>44</sup> Cf. Miguel Soromenho, “Ingegneria Ornamenti – Arquitecturas efémeras em Lisboa no tempo dos primeiros Filipes”, in Iden, pp. 21-48.

1623, não inclui referências aos seus autores<sup>45</sup>, mas pela leitura do seu prólogo parecem-nos que não erraremos ao atribuímos a sua autoria à pena da Companhia de Jesus<sup>46</sup>. Note-se que esta obra não é única no universo da temática Xavieriana, pois obras idênticas foram publicadas por altura da sua beatificação, assim como por ocasião da sua canonização<sup>47</sup>, conhecendo-se exemplares compostos e impressos em Portugal Continental, nas Colónias e em Espanha. Estas obras relatam festejos que terão ocorrido nas localidades onde a Companhia de Jesus dispunha de Casas ou Colégios, pelo que será lícito supor que, se não foram estes os principais teatros destas festividades, pelo menos a Companhia teve o cuidado de deixar bem documentados os festejos que aí tiveram lugar.

Ainda no Prólogo, o autor<sup>48</sup> deixa claras as motivações e intenções da Companhia de Jesus, tanto no que se refere aos festejos em si, como no que se respeita às razões que levaram à publicação da obra. Começa por nos comunicar ser muito desejadas, e mesmo já esperadas, as canonizações dos já Beatos Inácio de Loyola e Francisco de Xavier, razões pelas quais tal acontecimento não pode deixar de ser festejado com todas as demonstrações possíveis de “*gosto & contentamento*”<sup>49</sup>, tanto mais ter sido a Província de Portugal da Companhia a primeira a ser criada em todo o mundo. Já no que respeita exclusivamente a Francisco de Xavier, demonstram uma forte consciência de ter sido em nome de Portugal, nas suas possessões do oriente, que este missionário atingiu o expoente máximo da santidade que demonstrou em sua vida. Como atrás dizíamos, a

---

<sup>45</sup> Utilizamos aqui o plural pois acreditamos que a cobertura dos festejos, que tiveram lugar em oito diferentes cidades do continente e em duas ilhas, uma do arquipélago da Madeira outra do arquipélago dos Açores, no que perfaz um total de dez localidades espalhadas por todo o país, a cobertura destes festejos, dizíamos, deverá ter estado a cargo de uma “legião de observadores” da Companhia de Jesus, que tendo acompanhado os preparativos e a realização de cada uma das festas, consignou por escrito a sua crónica que, enviada depois para Lisboa, aí deverá ter sido compilada com as restantes e posteriormente publicada na obra que tomamos como referência.

<sup>46</sup> O facto de, na última página da obra, figurar o monograma da Companhia de Jesus, corrobora esta ideia.

<sup>47</sup> Referimo-nos aqui a obras já por nós listadas no subcapítulo 2.1. deste trabalho.

<sup>48</sup> No que se refere ao Prólogo optamos por utilizar o singular pois será possivelmente de autoria de quem teve por responsabilidade a compilação dos relatos das festas que aconteceram por todo o país, dando uma organização lógica à obra.

<sup>49</sup> Cf. S.a., *Relacão Geral das Festas que fez a Religião da Companhia de Iesus na Prouincia de Portugal, na canonizaçãõ dos gloriofos Sancto Ignacio de Loyola feu fundador, & S. Francisco Xauier Apostolo da Índia Oriental, no anno de 1622*, Lisboa, Pedro Craesbeeck, 1623, Prólogo.

razão de ser da obra fica declarada na frase que se refere directamente aos festejos como cerimónia pública: “[...] & os que não poderão ter o gofio de as ver, pelo menos o tenhão de as ler, sem embargo da muita diferença que vae do que se vê ao que se lê, [...]”<sup>50</sup>.

O autor continua, informando que os festejos terão tido grande participação do povo, contando igualmente com uma forte adesão da nobreza, fidalgos e senhores, assim como de prelados, dignidades e outras autoridades eclesiásticas. Grande terá sido também a adesão e contribuição dos governadores do reino e dos governadores das Câmaras das cidades e lugares onde aconteceram estas festas. Importante terá sido ainda a colaboração de outras ordens e congregações religiosas, que se juntaram à Companhia de Jesus nos preparativos e nos festejos em si. Por último ficamos a saber que terá sido espantosos o número de carros triunfais puxados por cavalos e de máquinas que houve nas procissões sem esquecer os “*fogos artificiaes de poluora*”<sup>51</sup>. Um facto digno de nota será a chamada de atenção para a ausência de desastres no decorrer dos festejos, que seriam comuns à época, o que é atribuído, sem sombra de qualquer dúvida, à intervenção divina.<sup>52</sup>

Muito embora esta longa obra descreva os festejos que tiveram lugar nas cidades de Lisboa, Coimbra, Évora, Braga, Bragança, Vila Viçosa, Porto e Portalegre, e ainda na Ilha da Madeira e na Ilha Terceira, iremos analisar mais em pormenor apenas a parte que nos relata os festejos que tiveram lugar a cidade de Lisboa<sup>53</sup>. Assim, no seu primeiro capítulo, onde se esclarece a forma de como a notícia chegou a esta cidade, o seu autor avança com um dado importante; que as canonizações de Inácio de Loiola e de Francisco de Xavier tiveram as instâncias do Imperador Fernando, do rei Filipe III e da rainha Margarida da Áustria e ainda dos Reis de França<sup>54</sup>. Este facto é de si

---

<sup>50</sup> Cf. Ibid.

<sup>51</sup> Cf. Op. Cit., Ibid.

<sup>52</sup> Cf. Op. Cit., Ibid.

<sup>53</sup> Para uma melhor percepção do tema incluímos em anexo e na íntegra uma cópia do primeiro capítulo da obra.

<sup>54</sup> Cf. Op. Cit., fl. 1.

importante na medida em que nos faz aperceber que a canonização dos Beatos transcendia a esfera do religioso e do sagrado, revestindo-se igualmente de uma importância política a que não seriam alheias a importância e prestígio da Companhia de Jesus e destes seus dois membros fundadores, como também o facto de se viver em pleno movimento da Contra-Reforma<sup>55</sup>.

Mas debrucemo-nos um pouco sobre os festejos propriamente ditos. Dos oito dias que durariam as comemorações, o oitavário, parte de um dia terá sido atribuída aos Governadores, principalmente aos da Câmara da Cidade, tradicionais organizadores de algumas procissões, das quais se destacava a do *Corpus Christi*. A outras ordens religiosas da cidade foi atribuído um dia a cada, num total de oito, para que se ocupassem dos cânticos, missas e sermões<sup>56</sup>. A Igreja da Casa de S. Roque foi profusamente decorada, construindo-se um verdadeiro revestimento interior do edifício, decorado com grande requinte, onde foram por expostas as relíquias que esta casa possuía. Aqui tiveram início as festas, no dia 31 de Julho, dia de Santo Inácio de Loiola<sup>57</sup>. Dignos de nota foi igualmente o “*Aplauso geral, que a cidade de Lisboa faz à Canonização de sancto Ignacio de Loyola, & S. Francisco Xavier, no qual celebra suas excellencias, & virtudes, por meio de algũs Santos seus naturaes & outros que por razões particulares venera*”, constituído por Prelúdio e oito Aplausos – leia-se louvores – cerimónia à qual são dedicadas cerca de trinta das cinquenta folhas desta parte da obra. Pela descrição que dela é feita, terá sido seguramente dotada de uma riqueza simbólica, de um colorido e de uma sonoridade por demais cativantes para a população da cidade<sup>58</sup>.

---

<sup>55</sup> No estudo publicado na Revista Oriente, Liam M. Brockey atribui a crescente popularidade de S. Francisco Xavier apenas à lógica da expansão e aos mecanismos de propaganda utilizados pela Companhia de Jesus, e pela Coroa, no sentido de legitimar a expansão territorial além-mar e recrutar reforços para as missões, sobretudo as do Oriente. Não contestamos que tais razões tenham estado presentes, estiveram-no seguramente mas, uma vez mais no que se refere a este autor, parece-nos extremamente redutor que se limitem assim as razões para a crescente devoção a este santo, na medida em que escritos anteriores à sua beatificação e à sua canonização davam já conta de uma profunda admiração pelo seu carácter e pelas suas virtudes morais e religiosas. Cf. Liam M. Brockey, “Sympathy from the Devil: Francisco Xavier, o Santo, 1600-1650”, in *Revista Oriente*, Fundação Oriente, Lisboa, Dezembro de 2005, pp. 41-44.

<sup>56</sup> Cf. Op. Cit., fls. 2-4.

<sup>57</sup> Cf. Op. Cit., fls. 4-10.

<sup>58</sup> Cf. Op. Cit., fls. 16-45.

Constatamos assim que as festas dedicadas aos novos santos terão mobilizado a grande maioria dos diferentes grupos sociais da cidade, sendo a sua orgânica e a sua mística condicionada pelas características do público-alvo. Da utilização de profusas e ricas decorações nos templos da Companhia, até aos cortejos triunfais pelas ruas da cidade, passando por uma forte e cuidada componente cultural, assistiu-se ao triunfo dos dois santos e, indirectamente, ao triunfo da Companhia de Jesus e do espírito empreendedor português, de uma forma que não pode ter passado despercebida à grande maioria dos habitantes da cidade.

Deixemos agora a cidade de Lisboa e vejamos o que nos relata quem terá assistido a comemorações equivalentes, desta feita na cidade de Roma. O texto “*Relacion verdadera, de las solemnes fiestas que se han celebrado en la ciudad de Roma...*” faz parte de um volume compilado por um editor coevo que operava na cidade de Barcelona, de seu nome Estevan Liberós. Neste volume encontram-se diversos textos avulsos, sem qualquer relação entre os acontecimentos neles relatados. Não sendo feita qualquer referência ao seu autor, apenas poderemos especular que se tratará do testemunho de alguém bem colocado para ter acompanhado de muito perto todas as diferentes manifestações destes festejos, tanto mais que no último parágrafo nos apercebemos ter sido o relatório dirigido directamente ao monarca espanhol<sup>59</sup>. Por outro lado, não sabemos se o dito testemunho terá sido publicado por este edito em primeira-mão ou se, por outro lado terá sido copiado de outra publicação. De qualquer das formas sendo esta publicação datada de 1622, ocorrendo no mesmo ano das canonizações, verificamos ter sido muito actual para a época<sup>60</sup>.

---

<sup>59</sup> “ [...] *Dizefe que fu Sãtidad ha dado muestras, que quiere hazer otras cinco Canonizaciones por Setiembre de Santos Españoles, y entre ellos Fray Angel de la Paz, que le fue muy amigo, fi biẽ fu proçesso no està muy adelante. De lo que fuere, auifaré a v.m. a quien guarde nuestro Señor, [...]*”.

<sup>60</sup> Note-se aqui um facto curioso: o título atribuído ao texto refere “*Relacion verdadera, de las solemnes fiestas que se han celebrado en la ciudad de Roma à 18. de Março...*”; acontece, como já vimos, que as festas aconteceram entre os dias 11 e 17 de Março de 1622, tendo o texto sido escrito, esse sim, a dia 18 do mesmo mês. Terá sido, possivelmente, um engano do editor. Não sendo o facto em si importante para a análise dos acontecimentos, paremos no entanto digno de nota e esclarecimento.

Vejamos agora como decorreram os festejos na cidade de Roma<sup>61</sup>, que deverão ter durado uma oitavaria, muito embora o autor do texto apenas refira datas entre a sexta-feira dia 11 de Março, data da chegada a Roma do Conde de Monterey, embaixador extraordinário de Espanha, e o sábado dia 17 do mesmo mês, no que perfaz apenas oito dias. O autor descreve-nos em pormenor a rica decoração preparada para o efeito na Basílica de S. Pedro, assim como as decorações feitas para a comédia que aí se representou. De igual forma são descritos os trajes e ornamentos que nas muitas procissões e celebrações se podiam observar. Na segunda-feira dia 15 de Março teve lugar uma celebração em honra dos Santos Inácio de Loyola e Francisco Xavier, na igreja de Jesus pertença da Companhia<sup>62</sup>.

Alguns factos curiosos sobressaem da comparação da descrição dos festejos na cidade de Roma com a descrição de iguais acontecimentos ocorridos em Lisboa, e é sobretudo neste aspecto que este texto se revela de grande interesse. Em primeiro lugar apercebemo-nos que, em Roma, as festas eram dedicadas ao clero e à alta nobreza, sobretudo as que ocorreram na Basílica de S. Pedro, muito embora o povo não estivesse totalmente excluído, mas devida e cuidadosamente confinado a espaços próprios<sup>63</sup>. Em segundo lugar, dos quatro santos espanhóis canonizados no mesmo dia – Santo Inácio de Loyola, S. Francisco Xavier, Santo Isidro e Santa Teresa – em Portugal apenas a canonização dos dois primeiros foi celebrada com pompa e circunstância, como já vimos. Este facto ficará possivelmente a dever-se não apenas a grande implantação da Companhia de Jesus em Portugal, como ao já grande prestígio que S. Francisco Xavier gozava no nosso país, se não ao nível do povo, pelo menos já ao nível do clero e das classes esclarecidas, que através de testemunhos directos ou de obras já publicadas, conheceriam a sua obra missionária e a sua acção diplomática que, directa ou

---

<sup>61</sup> Para orientação do leitor e para que se possa inteirar da riqueza dos pormenores descritos, incluímos o texto em anexo a este trabalho.

<sup>62</sup> Cf. S.a., *Relacion verdadera, de las solemnes fiestas que se han celebrado en la ciudad de Roma à 18. de Março en las Canonizaciones de los Santos Isidro, San Ignacio, S. Francisco Xavier, Santa Teresa de Jesus, y San Felipe Neri, y de la entrada del Conde de Monterey en dicha ciudad*, Barcelona, Estevan Librerós, 1622, fls. 222-224.

<sup>63</sup> “ [...] Rodeava todo el ambito del altar mayor con 10. o 12. gradas levantadas, para que toda la gente pudieffe gozar de aquel admirable acto.[...]”

indirectamente, contribuía para o alargamento e consolidação das possessões portuguesas no Oriente.

Vimos assim como decorreram as festividades por ocasião da canonização de S. Francisco Xavier, em duas cidades do mundo Católico Apostólico Romano, Lisboa e Roma, e algumas das ilações que destas descrições podemos retirar. Vamos já de seguida debruçar-nos sobre um texto que nos fala sobre uma componente mais espiritual dentro da escrita de temática Xavieriana.

### **2.1.2. Crónicas do sobrenatural: a "Relacam de hum prodigioso milagre...".**

Em primeiro lugar achamos importante salientar que, pese embora o facto de o texto que agora apresentamos poder ser alvo de alguma controvérsia, pois inscreve-se no domínio do sobrenatural e está aqui assinalado num trabalho que se quer do domínio do científico, relembramos que estudamos as vozes ao tempo de S. Francisco Xavier pelo que não poderíamos deixar de o abordar, pois neste âmbito tem toda a propriedade, para além das considerações que na Introdução tecemos sobre este mesmo assunto<sup>64</sup>.

O milagre que nos traduz o P.<sup>e</sup> Manuel Francisco Lima, da Companhia de Jesus, e por si considerado como sendo “ [...] *hũ dos mais raros, E fngulares milagres q algum dos Taumaturgos da Igreja catholica nella obrou, [...]*”, ocorreu na cidade de Nápoles no início do ano de 1634, sendo um dos seus protagonistas o P.<sup>e</sup> Marcello Mastrilli, também ele jesuíta. Aconteceu que o dito padre colaborara nos preparativos da festa em honra da Imaculada Conceição de Nossa Senhora, organizada pelo conde de Monterey, Vice-rei de Nápoles, nos finais do ano de 1633. Depois da festa, quando se desmontavam algumas coberturas erigidas para o efeito, um martelo caiu atingindo o

---

<sup>64</sup> Uma vez mais, para orientação e referência do leitor, incluímos em anexo uma cópia da obra.

jesuíta na cabeça, ferindo-o gravemente. Os cirurgiões da Companhia, chamados em seu auxílio, não acreditavam que o doente sobrevivesse, tal era a gravidade do seu estado de saúde, que se degradara progressivamente nos últimos dias desse ano, já não dando então sinal de si<sup>65</sup>.

Já no segundo dia de Janeiro de 1634, o Provincial da Companhia sabendo da sua vontade de rumar a Oriente como missionário, faz com ele votos solenes de cumprir esta promessa se Deus lhe restituísse a saúde. Desesperado por não o poder ajudar, o Provincial pede então a intercessão de S. Francisco Xavier, ordenando que lhe fosse trazida uma imagem do Santo. A imagem, proveniente de uma sala contígua e que representava S. Francisco Xavier como peregrino, foi pendurada na parede, sobre o lado esquerdo da cama do doente. De igual forma lhe foi aplicada, durante a noite e por diversas vezes, uma relíquia do santo. Graças aos esforços feitos, na manhã seguinte o doente conseguiu receber a comunhão o que muito alegrou os seus companheiros, no entanto não era possível ainda alimentá-lo. O P.<sup>e</sup> Marcello Mastrillo teve então uma visão em que S. Francisco Xavier o chamava, e com ele manteve uma conversa, em italiano, onde o santo lhe perguntava se preferia morrer ou ir como missionário para a Índia, ao que se seguiu um discurso que seria repetido pelo enfermo, para espanto dos muitos que assistiam<sup>66</sup>.

Depois deste diálogo com S. Francisco Xavier, o P.<sup>e</sup> Marcello Mastrilli ficou curado. Ao serem removidas as ligaduras que lhe cobriam a cabeça, verificaram que já não havia qualquer vestígio dos pontos que haviam aplicado nem tão-pouco qualquer cicatriz no local onde se dera o embate do martelo, tendo mesmo o cabelo crescido, depois de ter sido rapado na zona ferida, haviam poucos dias atrás. Um cirurgião de Nápoles, que tratara o doente na noite anterior, deslocou-se ao Colégio e verificou o milagre<sup>67</sup>.

---

<sup>65</sup> Cf. Pe. Manuel Francisco Mastrilli, Pe. Manuel de Lima (Trad.), Manuel Cadafaz de Matos (Pref.), *Relacam de hvm prodigioso milagre qve o gloriofo S. Francisco Xauier Apostolo do Oriête obrou na Cidade de Nápoles no anno de 1634*, Edição fac-similada, Lisboa, Biblioteca Nacional, 1989, pp. 3-10.

<sup>66</sup> Cf. *Ibid.*, pp. 11-28.

<sup>67</sup> Cf. *Op. Cit.*, pp. 28-42.

O relato deste milagre consubstancia o que Manuel Cadafaz de Matos designa como a passagem da acção milagrosa *in presentia*, quando o santo ainda vivia, para uma acção *in absentia*<sup>68</sup>, sendo agora o Santo alvo das preces e súplicas dos crentes. Neste texto encontramos já consolidada a devoção a S. Francisco Xavier, que se revela quer nos mecanismos associados ao milagre em si, quer na vontade expressa pelo miraculado de seguir o exemplo do Santo, dando-se como voluntário para as missões no Oriente<sup>69</sup>.

Sendo este um texto que foca eminentemente o sagrado, o tema da missionação do Oriente poderá, ainda aqui, ser visto como um artifício para o recrutamento de voluntários da Companhia para as suas fileiras em terras asiáticas, quer de forma consciente, quer de forma inconsciente através de uma apropriação posterior para este fim<sup>70</sup>.

Mas se o presente texto se pode considerar de difícil interpretação, pelas razões que atrás apresentámos, não será mais simples a análise que encetaremos já de seguida, de uma das obras mais emblemáticas que no nosso país viram a luz do dia, de autoria do padre jesuíta João de Lucena.

---

<sup>68</sup> Cf. Op. Cit., pp. XXXII-XXXIII.

<sup>69</sup> Diga-se em complemento que o P.<sup>e</sup> Marcello Mastrilli cumpriu a sua promessa, vindo a ser martirizado no Japão, poucos anos mais tarde.

<sup>70</sup> Cf. Op. Cit., pp. XXXII-XXXIII.

## 2.2. A relevância de uma “*Historia da vida do padre Francisco de Xavier...*”.

O facto de a “*Historia da vida do padre Francisco de Xavier: e do que fizeram na Índia os mais religiosos da Companhia de Iesu*”<sup>71</sup> ser a obra mais estudada e dissecada de todas as que em Portugal foram produzidas dentro da temática Xavieriana, não simplifica obrigatoriamente a tarefa de encetarmos uma sua análise no âmbito do nosso estudo, pois que de uma obra verdadeiramente monumental se trata.

Para complementarmos as motivações que adiantámos já no primeiro capítulo para a produção literária de temática Xavieriana, nomeadamente no que diz respeito à “*Historia da vida do padre Francisco de Xavier*”, devemos fazer uma breve análise da produção literária na sua época, sobretudo no que concerne aos textos que se relacionem com o universo dos *Descobrimento*. Para esta contextualização recorreremos a um trabalho desenvolvido por Ana Paula Avelar, publicado na obra “*Visões do Oriente*”<sup>72</sup>, que nos dá, precisamente, um panorama muito completo das obras e autores do século XVI, que se dedicaram a temas relacionados com o que, hoje em dia, designamos por *Expansão Portuguesa*.

Tal como refere a autora, os *Descobrimientos* trouxeram, ao homem desta época, um momento que marcou indelevelmente a sua percepção do mundo, provocando igualmente grandes transformação aos níveis político, social, económico e cultural<sup>73</sup>. De

---

<sup>71</sup> Cf. João de Lucena, *Historia da vida do padre Francisco de Xavier: e do que fizeram na Índia os mais religiosos da Companhia de Iesu*, Lisboa, Pedro Crasbeeck, 1600.

<sup>72</sup> Referimo-nos aqui à obra de Ana Paula Menino Avelar, *Visões do Oriente, Formas de sentir no Portugal de Quinhentos*, Lisboa, Edições Colibri, 2003.

<sup>73</sup> A páginas 13, a autora refere “[...] A época coincide com a vivência de um momento histórico preciso, novo, e sem precedentes até à altura, em termos de repercussões sociais, políticas, económicas e culturais: [...]”.

facto, os novos horizontes que então se abriram implicaram novas experiências, novos conhecimentos, novos produtos e novas técnicas, através do contacto com novas gentes e novas culturas. Tal espírito não foi sentido apenas em Portugal pois, como continua a autora, “ [...] *Toda a Europa se sente interessada pelo fenómeno, e Portugal é um centro das atenções e um obreiro privilegiado deste novo momento* [...]”<sup>74</sup>.

Não estando no âmbito deste trabalho o levantamento exaustivo deste tipo de obras, pois que não se inserem na literatura de temática Xavieriana, faremos apenas referência a algumas das mais emblemáticas da que foram produzidas ou editadas entre nós. Verificamos assim que em 1502 foi editada, em Portugal, uma tradução da obra de Marco Polo, com o título “*Marco Paulo Ho Livro de Nicolao Veneto*”, obra sobejamente conhecida internacionalmente e que descreverá as viagens daquele explorador por terras do Oriente. Em 1540 foi editada a obra “*Ho Preste Ioam da Indias Verdadera informaçam das terras do preste*”, do padre Francisco Álvares. Em 1551 será editada a “*História do Descobrimento e Conquista da Índia pelos Portugueses*”, de Fernão Lopes de Castanheda. Será no ano seguinte, 1552, que terá início a edição das “*Décadas*” de João de Barros, obra que será editada até 1563, data da impressão da terceira *Década*. A quarta será impressa apenas após a morte do autor, ocorrida em 1570. De Fernão Mendes Pinto, a “*Peregrinação*” será editada apenas em 1614. Ainda relacionadas com motivos da *Expansão*, mas agora com objectivos mais latos, encontramos editado em 1563 o “*Coloquio dos Simples e das Drogas*”, de Garcia de Orta, em 1566 a 1ª Edição da “*Crónica do Felicíssimo rei D. Manuel*”, de Damião de Gois. A obra maior da nossa literatura, “*Os Lusíadas*”, de Luiz Vaz de Camões, terá a sua 1ª Edição em 1572<sup>75</sup>.

Por outro lado, como se pode constatar pela leitura do subcapítulo anterior, foi constante a produção de literatura religiosa durante o período em análise, e chamamos de novo a atenção para o facto de aqui estar em análise apenas a produção dedicada a S. Francisco Xavier. Na generalidade da produção de literatura religiosa para a época em estudo,

---

<sup>74</sup> Cf. Op. Cit., p. 13.

<sup>75</sup> Cf. Op. Cit., pp. 13-60.

estavam em voga os temas relacionados com a acção religiosa, transmitidos através de grandes obras ou de pequenos opúsculos de âmbito mais restrito<sup>76</sup>.

Pelo que acabámos de expor, parece-nos lícito concluir que, no caso de João de Lucena, se assiste à congregação de dois tipos de literatura muito em voga no século XVI: os relatos de viagens e conquistas no Oriente e a acção religiosa, neste caso particular de S. Francisco Xavier, mas igualmente em terras do Oriente. Esta duplicidade poderá ser a razão do grande sucesso e divulgação da obra, quer no seio da Companhia de Jesus, quer na sociedade civil, aquém e além fronteiras.

Mas a análise de uma obra não poderá ser considerada completa sem que se estudem igualmente o seu contexto histórico e o seu autor, pois toda a obra tem obrigatoriamente uma motivação que lhe dá origem, sendo essa motivação, por seu lado, condicionada pelos contextos social, económico e político em que o autor se encontra inserido. Serão estes os aspectos que abordaremos já de seguida.

### **2.2.1. Em torno da "História da vida do padre Francisco de Xavier..."**

Não será de todo por acaso que esta obra surge no seio da Companhia de Jesus, dado serem muito fortes as suas ligações a Portugal, pois foi neste país que foi criada a sua primeira Província, foi em Lisboa que a Companhia teve a sua primeira casa<sup>77</sup> e foi ao

---

<sup>76</sup> Cf., Op. Cit., p. 46.

<sup>77</sup> C.f. António Lopes, S.J., *Roteiro histórico dos jesuítas em Lisboa*, Col. História da Companhia de Jesus, Braga, Editorial A.O., 1985, pp. 15-18.

serviço do rei português, D. João III, que pela primeira vez os jesuítas partiram em missão oficial junto dos gentios.<sup>78</sup>

Se é verdade que o país estava ávido de notícias das terras ultramarinas, e que a escrita sobre as lusas aventuras tinha já muita aceitação, é igualmente verdade que a Companhia de Jesus tinha idêntica necessidade, não só por ser um elemento activo no panorama dos descobrimento, tendo necessidade de saber o que com os seus padres se passava, das suas realizações, mas também porque, por outro lado, tão importante papel teria de ser registado, enaltecido e divulgado, para glória de Deus e da Companhia. Diga-se, em abono da verdade, que a Companhia de Jesus sempre teve nas suas fileiras homens capazes de se elevarem ao estatuto dos imortais, através das suas obras missionárias, do seu exemplo de vida, da elevação dos seus pensamentos ou da profundidade da sua escrita.

Como atrás já referimos, sabe-se através das próprias palavras de Lucena que não foi por sua iniciativa que deu início à redacção da sua História da Vida do Padre Francisco de Xavier, mas sim por cumprir ordens superiores, como teria já acontecido no passado com o Padre Manuel Teixeira, autor de dois tratados sobre feitos dignos de nota dos padres da Companhia na Índia e, posteriormente, com o Padre Alexandre Valignano<sup>79</sup>. Será aqui de salientar o facto de Lucena não se cingir à redacção de mais uma “simples” história dos feitos da Companhia; parte da já sobejamente conhecida fama de Francisco Xavier como homem santo, para introduzir o tema das obras e trabalhos de evangelização do Oriente, na qual os jesuítas se destacavam largamente.

Dado nunca ter saído de Portugal, nem poder fazê-lo agora para recolha de informação, devido à sua doença, restava a João de Lucena documentar-se através de uma profusão de documentação pertencente à Companhia, tais como as cartas do próprio Francisco Xavier, cartas de outros padres jesuítas que no Oriente prestavam serviço, cartas de

---

<sup>78</sup> C.f. Miguel Corrêa Monteiro, *São Francisco Xavier, Um homem para os demais*, Lisboa, CTT Correios de Portugal, 2006, pp. 65-85.

<sup>79</sup> C.f. João de Lucena, Álvaro J. da Costa Pimpão (prefácio), *História da Vida do Padre Francisco de Xavier*, I Vol., Lisboa, Agência Geral do Ultramar, 1952, pp. XVIII-XIX.

outros padres e seculares, bem como de colecções de documentos da Companhia, oriundas de Coimbra e de Évora. Recolheu igualmente testemunhos orais e escritos, por vezes de quem com o futuro Santo havia convivido e partilhado experiências. Terá igualmente tido acesso às Inquirições do reino e, de entre muitas outras fontes, terá utilizado como fontes as obras dos já citados padres Manuel Teixeira e Alexandre Valignano. Segundo Álvaro J. da Costa Pimpão, Lucena terá seguramente recorrido à *Peregrinação*, de Fernão Mendes Pinto, dado que também ele passou pelas fileiras da Companhia, assim como à obra de Torsellino.<sup>80</sup>

Que as razões levaram a que a obra de Lucena tivesse maior divulgação ao longo dos tempos, o que não veio a acontecer com obras de igual índole que a precederam ou sucederam (excepção feita, bem entendido, para a *Peregrinação*)? É nossa opinião que terá sido, principalmente, o estilo da escrita de Lucena, associado ao seu poder de compilação dos factos e capacidade de narração, não se limitando a descrever factos que outras haviam descrito já, mas compondo uma História com todas as características de obra literária. Mas vejamos a projecção real da obra.

No que respeita às diferentes edições, que desde a original viram a luz do dia, verifiquemos o que nos dizem os autores que sobre este tema se debruçaram. José Silvestre Ribeiro, em 1870, no capítulo II da “*Notícia da vida e obras do Padre João de Lucena*”<sup>81</sup>, dedicada às “*Edições que tem tido a obra do Padre João de Lucena*” informa-nos da existência de duas edições à época; a original e a de 1788<sup>82</sup>. José de Castilho, na mesma obra, capítulo VI da “*Notícia Suplementar da vida e obras do Padre João de Lucena*”<sup>83</sup>, igualmente dedicada às edições e traduções da obra “*Historia da vida do padre Francisco de Xavier*”, confirma as informações prestadas pelo seu par, sendo no entanto mais afoito ao apresentar as suas opiniões pessoais, muitas delas de elevado teor negativista, como nos parece ser seu apanágio no decorrer de toda esta obra

---

<sup>80</sup> C.f. *Ibid.*, pp. XX-XXXIV.

<sup>81</sup> António Feliciano de Castilho, José Feliciano de Castilho, (Dir.), *Padre João de Lucena*, Rio de Janeiro, Livraria de B. L. Garnier, Editor, Vol.2, 1870, pp. 6-96.

<sup>82</sup> José Silvestre Ribeiro, “Notícia da vida e obras do Padre João de Lucena”, in *Op. Cit.*, pp. 8-10.

<sup>83</sup> José de Castilho, “Notícia suplementar da vida e obras do Padre João de Lucena”, in *Op. Cit.*, pp. 97-252.

que tomamos em referência. Constatamos assim estarem estes dois autores de acordo quanto às edições da obra de Lucena, pese embora o facto de diferentes opiniões terem acerca da qualidade literária da edição de 1788<sup>84</sup>. Idêntica informação é prestada pelo Padre Carlos Sommervogel, na sua “*Bibliothèque de la Compagnie de Jesus*”<sup>85</sup>, de 1894, mantendo-se assim, em finais do século XIX, o número de edições desta obra.

Se foi necessário esperar 188 anos por uma segunda edição, a terceira quase que igualou este tempo de espera, pois surgiu apenas 164 anos após a anterior (e 352 anos depois da

<sup>84</sup> Notas de José Silvestre Ribeiro sobre as edições da obra “*Historia da vida do padre Francisco de Xavier*” de João de Lucena: “ [...] *Duas edições tem tido esta obra em Portugal: 1ª A de 1600, com este titulo: Historia da vida do padre Francisco de Xavier e do que fizeram na India os mais religiosos da Companhia de Jesus. Composta pelo Padre João de Lucena, da mesma Companhia, Portuguez, natural da villa de Trancoso. Impressa por Pedro Crasbeeck. Anno do Senhor 1600. É um volumoso em-folio, de 908 paginas, de duas columnas cada uma; de excelente typo; e tem no fim ou no princípio, segundo os exemplares, os seguintes indices: Taboada dos capitulos d’esta historia; Taboadas de algumas autoridades d’esta historia; Taboada das principais cousas d’esta historia; e finalmente uma página de erratas. Particularisámos estas miudezas bibliographicas, por ser esta edição não muito vulgar, e merecer justificadamente grande estima. 2ª A de 1788, com o seguinte titulo: Historia da vida do padre S. Francisco Xavier e do que fizeram na India os mais religiosos da Companhia de Jesus. Composta pelo Padre João de Lucena, da mesma Companhia, Portuguez, natural da villa de Trancoso. Segunda, mas mui fiel edição. Feita por Bento José de Souza Farinha, professor regio de philosophia, e socio da academia real das sciencias de Lisboa. Lisboa, na Officina de Antonio Gomes, 1788. Esta edição consta de quatro tomos em-oitavo. Se a primeira edição (1600) é preferivel por muitos motivos à segunda (1788) devemos comtudo declarar que encontrámos toda a fidelidade n’esta ultima, nos muitos passos que nos démos ao trabalho de confrontar ambas as edições. É realmente para admirar, que um livro, tão precioso como é a História da vida do padre Francisco Xavier, não tivesse ainda entre nós senão duas edições; e a este respeito, como em tantas ocasiões, deu o padre José Agostinho de Macedo provas de grande agudeza e bom juizo, quando disse: «Se os Francezes tivessem feito aquelle livro, teria mais edições de que tem uma folhinha, ou de porta ou de algibeira; e ha quasi trezentos annos tem tido duas em Portugal!» [...] Já José de Castilho afirma sobre as edições da mesma obra: “ [...] *Duas impressões se fizeram da Vida de S. Francisco Xavier: uma em Lisboa, sob os olhos do autor, por Pedro Craesbeck, no anno de 1600, um volume em-folio; outra na mesma cidade, superintendida pelo professor de philosophia B. I. de Souza Farinha, em 1788, na officina de Antonio Gomes, 4 volumes em-8º. Nesta segunda edição, mal comprehendemos a dupla ostentação; 1º do nome de Farinha nos frontispicios, 2º das palavras que o precedem: segunda, mas mui fiel edição! Não havendo de Farinha uma unica palavra no livro, nem sequer um proemio seu, vê-se serem só de bom revedor as glórias a que Farinha aspirava; e infelizmente nem essas lhe podemos entoar, como aplamente o demonstrariamos, se velesse a pena. Todavia sempre exhibiremos algumas amostras da encarecida fidelidade. Começa logo pelo titulo, que farinha emenda a Lucena, com uma anachronica addição, denominando a obra História da Vida do Padre São Francisco Xavier, sendo aliás certo que lhe não foi dada a categoria de santo senão sessenta annos após a morte de Lucena, o qual intitulara o livro diversamente. Seguem-se na edição Farinha dous epigramas latinos no verso do frontispicio, quando na edição de 1600 cada um d’elles allude a uma estampa curiosa, ambas omitidas na edição segunda. Após o indice dos capitulos traz a de 1600 uma Taboada das principaes cousas d’esta historia. Nem vestigios d’ella na edição de 1788. Segue-se alli, e tambem aqui não existe, uma Taboada das principaes cousas d’esta historia, mui comoda para as buscas. Além das estampas da edição princeps, já mencionadas, ha no livro III, cap. 5, outra, da cruz achada no lugar do martyrio do apostolo S. Thomé; e tendo-a Farinha omitido sem alterar as alusões do texto, fica este inintelligivel. Quasi todas as folhas da primeira edição trazem as citações marginaes; nem uma só d’estas ha na segunda. Finalmente, se nas primeiras folhas ainda houve algum escrupulo na correcção das provas, sobreveio o cansaço; e a edição de 1788 está inçada de erros typographicos. Por todos os motivos pois se deve preferir ainda hoje a edição revista pelo autor. [...]”.**

<sup>85</sup> C.f. Carlos Sommervogel, S.J. (Dir.), *Bibliothèque de la Compagnie de Jesus*, Bruxelles – Société Belge de Librairie, Paris - Librairie des Archives Nationales et de l’École des Chartes, 1894, p.159.

edição original). Álvaro J. da Costa Pimpão é autor do prefácio da edição fac-similada<sup>86</sup> de 1952 onde, uma vez mais, são referidas as anteriores edições de 1600 e de 1788.

A quarta edição aparecerá 7 anos após a edição fac-similada da Agência Geral do Ultramar, em 1959, sendo agora editada pela União Gráfica<sup>87</sup>. Trata-se de uma “*Nova edição actualizada na grafia e pontuação e anotada*”, segundo nos é transmitido na própria obra, não sendo no entanto referido o autor ou autores de tal trabalho.

A última edição surgirá em 1989, por intermédio das Publicações Alfa<sup>88</sup>, sendo enriquecida com a “*Direcção e comentários de Luís Albuquerque, transcrita para português actual por Maria da Graça Pericão*”.

José Silvestre Ribeiro ficaria seguramente satisfeito por saber que a obra de João de Lucena foi já editada por mais três vezes, sendo assim de cinco o total de edições, agora que estão passados quatrocentos e nove anos desde a edição original de Pedro Crasbeeck.

Será igualmente importante referir duas obras, que não podendo ser consideradas reedições da “*História da Vida do Padre Francisco de Xavier*”, constituem importantes referências àquela obra e ao seu autor: com a direcção de António Feliciano de Castilho e de José Feliciano de Castilho e editada em 1870, a obra em dois volumes “*Padre João de Lucena*”<sup>89</sup> é dedicada a “*Excerptos seguidos de uma notícia sobre sua vida e obras*”; com coordenação e prefácio de Agostinho de Campos, a obra também em dois volumes

---

<sup>86</sup> C.f. João de Lucena, Álvaro J. da Costa Pimpão (prefácio), *História da Vida do Padre Francisco de Xavier*, I Vol., Lisboa, Agência Geral do Ultramar, 1952, pp. VII-VIII.

<sup>87</sup> Referimo-nos à reedição da obra de João de Lucena, *Vida do Padre Francisco Xavier – Nova edição actualizada na grafia e pontuação e anotada*, 2 Vol., Lisboa, União Gráfica, 1959.

<sup>88</sup> Referimo-nos à reedição da obra de João de Lucena, Luís de Albuquerque (Dir.), *História da Vida do Padre Francisco de Xavier*, 4 Vol., Biblioteca da Expansão Portuguesa, Lisboa, Edições Alfa, 1989.

<sup>89</sup> Referimo-nos à obra de José Feliciano de Castilho (Dir.), *Padre João de Lucena*, Rio de Janeiro, Livraria de B. L. Garnier, Editor, 2 Vol., 1870.

“*Lucena: Vida do Padre Francisco Xavier*”<sup>90</sup>, de 1921, transcreve igualmente excertos do texto original.

Vistas que estão as edições portuguesas da obra “*Historia da vida do padre Francisco de Xavier: e do que fizeram na Índia os mais religiosos da Companhia de Iesu*”, debruçemo-nos agora sobre as traduções da obra em outras línguas, ou, no dizer de José de Castilho, “[...] *Passemos agora a ver o livro do nosso conterraneo agasalhado em terras estrangeiras. [...]*”.<sup>91</sup>

Assim, vejamos o que nos dizem os autores consultados. O já citado José Silvestre Ribeiro, agora no capítulo III da “*Notícia da vida e obras do Padre João de Lucena*”, intitulada “*Traduções da obra de Lucena*”<sup>92</sup>, remete-nos, de uma forma lacónica, para o “*Diccionario bibliographico*”<sup>93</sup> de Inocêncio Francisco da Silva, e às suas referências a traduções em italiano e em castelhano, adiantando também a possibilidade de uma tradução em latim<sup>94</sup>.

Pelo seu lado, José de Castilho, na mesma obra, no seu capítulo VI da “*Noticia Suplementar da vida e obras do Padre João de Lucena*”<sup>95</sup>, fornece-nos informação bem mais detalhada, se bem que, nalguns casos, de difícil confirmação. Relativamente às traduções ele encontradas, informa a existência versões em castelhano, italiano e húngaro. Afirma igualmente que a suposta tradução francesa não será mais do que uma

---

<sup>90</sup> Referimo-nos à obra analítica de Agostinho de Campos (Dir.), *Lucena*, 2 Vol., Col. Antologia Portuguesa, Lisboa, Livrarias Aillaud e Bertrand, 1921.

<sup>91</sup> José de Castilho, *Notícia suplementar da vida e obras do Padre João de Lucena*, in Op. Cit., p. 125.

<sup>92</sup> José Silvestre Ribeiro, *Notícia da vida e obras do Padre João de Lucena*, in Op. Cit., p. 10.

<sup>93</sup> Inocencio Francisco da Silva, *Diccionario bibliographico Portuguez, Estudos de Innocencio Francisco da Silva. Applicaveis a Portugal e ao Brasil*, 23 Vol., Lisboa, Imprensa Nacional, 1858-1923.

<sup>94</sup> O autor refere que “[...] *N’este capitulo confessamos a nossa ignorancia. Só nos é dado invocar o testemunho do Sr. Innocencio Francisco da Silva, o qual, no seu interessante Diccionario bibliographico, diz que a obra de lucena «foi traduzida em italiano, e sahio impressa em Roma, por Zanetti (1613, em-4º), e em castelhano, por Francisco de Lyra, Sevilha (1619, em-4º, ibi, 1699); e dizem que o fôra tambem em latim.» (Tom. III, pag 400.) [...]*”.

<sup>95</sup> José de Castilho, Op. Cit., pp. 97-252.

adaptação<sup>96</sup>. Ainda sobre este tema, mas em capítulo próprio por considerar o tema por demais importante, José de Castilho discorre sobre a possibilidade de uma tradução em latim, tradução esta aventada por alguns autores, mas negada peremptoriamente por este autor. Ao longo de um capítulo, continua o autor a esgrimir argumentos que o levam a concluir a inexistência de uma tradução em latim da obra de Lucena, chegando mesmo a afirmar ter comprovado que João de Lucena terá, isso sim, plagiado a obra do também jesuíta Horácio Turcellino, através da comparação directa de capítulos das duas obras<sup>97</sup>.

<sup>96</sup> Traduções da obra de Lucena segundo José de Castilho. Em **castelhano**: “[...] HESPANHOL - *Eis aqui o titulo de um grosso volume em-4º, que nós compulsámos: «Historia de la vida del P. Francisco Xavier y de lo que en la India Oriental hizieron los demas Religiosos de la Compañia de Jesus; Compuesta en la lengua portuguesa por el Padre Joan de Lucena, natural de la villa de Trancoso y trasladada en castelhano por el P. Alonso de Sandoual, natural de Toledo, ambos de la misma Compañia. Com privilegio, impresso en Seuilla por Francisco de Lyra. Año 1619.» Esta versão não é vulgar. O exemplar da Bibliotheca Nacional de Paris está collocado em H 1799. Consta haver-se feito segunda edição em 1699.[...]*”. Em **italiano**: “[...] «Vita de B. P. Francisco Xavier Della Compagnia Di Giesù Composta dal P. Giovanni di Lucena in lingua portoghese, Et transportata nell’italiana Dal P. Ludouico Mansoni della medesima Compagnia In Roma Per bartolomeo Zannetti MDCXIII.» É esta versão n’um só volume, de 699 paginas, a 12 por folha. Começa não só pela dedicatoria de Lucena à Sra. D. Catharina de Bragança. Senão tambem por outra do traductor ao cardeal Farnèse. Na Bibliotheca Imperial de França está arrumada em H 1800. [...]”. Em **francês**: “[...] Não ha quem não tenha por certo haver uma ou muitas versões de Lucena em francez; nãoconhecemos uma unica! Só de poucos annos a esta parte é que appareceu uma imitação ou paraphrase do nosso classico. Na obra curiosa a que alludimos parece ser a vida do Santo Xavier um resumo de Lucena, onde, nos factos historiadados pelo portuguez, se intercalão muitas vezes palavras do santo. Digamos aqui alguma cousa d’este livro para os que o não vissem, em primeiro lugar por vir n’elle a miudo citado o nosso Lucena, em segundo por ser obra que entre as demais vidas do santo avulta com distincção. «Lettres de St. François Xavier de la Compagnie de Jesus Apôtre de Indes et du Japon traduites sur l’édition latine de Bologne par M. Léon Pagès Édition accompagnée de Notes, de la Vie du Saint de Documents contemporains, ornée d’un portrait et des cartes Paris Librairie de M<sup>me</sup> V<sup>e</sup> Poussielgue-Rusand Rue St. Sulpice n<sup>o</sup> 23 1855». Contém o primeiro volume um prefacio, a vida do santo, até pag. CXL, e cartas d’elle, até pag. 314; e o tomo segundo tem 551 paginas. Talvez seja resumo de Lucena esta vida de S. Francisco, como o persuadem frequentes e notaveis paridades; mas depois ha aqui um capitulo narrando os sucessos posteriores á morte do Apostolo e sua canonização por urbano VIII, assumpto este não menos tratado em várias obras portuguezas, mas occorrido depois do obito de Lucena.[...]”. Em **húngaro**: *N’este idioma existe uma versão da obra de Lucena, por Moyses Lestyán. Kassau 1759, em-4º. Comquanto ainda a não pudessemos ver, achamol-a citada com os sobreditos pormenores na opulenta bibliographia Ettinguer. [...]*”.

<sup>97</sup> Traduções da obra de Lucena em **Latim**, segundo José de Castilho “[...] *Manoel Severim de faria (Disc. II, 81) afirma que a obra de Lucena «a traduzirão os Italianos, Francezes (onde, a esse tempo?), e Castelhanos, em suas linguas; e tambem anda já na latina.» Varios dos nossos repetirão essa asserção. Igual affirmativa corre entre os estrangeiros. Eis, por exemplo, como ainda em 1854, fallando do livro de Lucena, á pag. 369, se exprime a Bibliothèque de écrivains de la Compagnie de Jésus, ou Notices bibliographiques: «Ce même ouvrage fut aussi traduit en latin et imprimé à Seville.» Mais prudentemente se limita o erudito autor do Diccionario bibliographico portuguez a estas palavras: «Dizem que foi tambem traduzido em latim.» Mas onde acharão Severim e seus áchos a encantada versão latina? Em Sevilha? Isso foi seem duvida equivocação com o livro de Sandoval; então onde? Diremos o que se passou conosco, e talvez que o ponto se aclare. [...] Tendo ouvido que a Dulcinéa existia na Bibliotheca Imperial de Paris, achandonos n’aaquella cidade [...] recorrêmos a todos os meios para descobrir a apreogada versão; e só liquidámos para nós que não existia. Exultámos, porém, ao deparar-se-nos um livrinho em-8º, impresso no anno de 1610 em Colonia, e collocado em H 28876. Trazia o retrato do Santo, notavelmente diverso do da citada edição Pagès. Eis aqui o titulo: «De vita B. Francisci Xaverii, qui primus e Societate Jesu in Indiam et Japoniam Evangelium invexit, libri VI Horatii Tursellini, e Societate Jesu. Ab eodem aucti et recogniti, in hac ultima Editione. Coloniae Agrippinae apud Joannem Kinckium, sub Monocerote anno MDCX» Não vimos em tal frontispicio o nome de Lucena. [...] Era pois já para nós ponto de fé ser esta proclamada traducção, ou imitação, ou paraphrase latina de Lucena, com a circumstancia aggravante de haver o traductor escondido a fonte a que recorrêra. Novas investigações vierão trocar as mãos, e convencer-nos de que, em vez de ter sido Tursellini quem espoliara Lucena, fôra este que largamente mettêra em si o haver de Tursellini! Proviera o nosso primeiro erro de imaginarmos que o livro de Tursellini, datado de 1610, e por nós compulsado, apenas tivesse tido outra edição, poucos annos anterior; desenganámo-nos oprém logo que nos certificámos de que a obra de Tursellini (da qual ha pelo menos duas versões*

Mais adiante na mesma obra, Lucena é acusado de plagiar igualmente Fernão Mendes Pinto. Tal fica patente logo pela leitura do resumo do capítulo VIII<sup>98</sup>. Estas afirmações são de tal forma acutilantes, que nos faz surgir a suspeita de haver, à partida, alguma má fé do autor para com João de Lucena ou, de uma forma mais genérica, para com a Companhia de Jesus. Estaremos, possivelmente, perante alguém que faz passar o trabalho de outrem por um crivo demasiado apertado, ou, ainda, perante uma demonstração do fenómeno denominado por José Eduardo Franco como “*O mito dos Jesuítas*”<sup>99</sup>, fenómeno este que podemos resumir como a deturpação das qualidades morais (e mesmo físicas) dos padres jesuítas, no denegrir e vilipendiar o nome a integridade e os costumes da Companhia de Jesus, por parte de forças e instituições antagónicas à Companhia. Degenerando em mitos e lendas que perduram ao longo dos tempos, são usadas como verdades com o intuito de denegrir a instituição. Este fenómeno tem-se verificado ao longo dos tempos, por razões que se prendem com o grande sucesso desta ordem, o seu poder junto da nobreza e a sua vocação para o ensino, que sempre “*ameaçou*” outros poderes estabelecidos, sejam eles civis ou religiosos.

Sobre esta mesma acusação de plágio, e sobre o reafirmar desta acusação que autores posteriores redigiram, Agostinho de Campos contrapõe, na sua introdução ao segundo volume da Antologia Portuguesa dedicado a João de Lucena, sob o título “*LUCENA*

---

*franceza, uma ingreza e uma allemã) tivera anteriores á edição que tínhamos presente, pelo menos tres, pois tem havido as seguintes: 1797 – Augsburg, em-8°. 1627 – Monach, em-16. 1616 – Antuerpia, em-8°. 1616 – Roma, em-4°. 1614 – Roma, em-4°. 1610 – Colonia, em-8° (con retrato). 1607 – Lyão, em-8°. 1597 – Leod (Bes.), em-8°. 1596 – Roma, em-8°. 1594 – Roma, em-8°. Se é pois incontestável que um dos autores, Lucena ou Tursellini, se aproveitou do grangeio do outro; Se a primeira edição de Lucena é do anno de 1600, tempo em que já o do italiano corrião as edições de 1597, 1596 e 1594; Se o próprio Lucena, em dous passos já citados, nos declarou que estava escrevendo, ora a 2 de dezembro de 1597, ora a 21 de Maio de 1598; Manda a lealdade confessar: 1° que não existe traducção de Lucena em latim (resalvando todavia o que adiante diremos); 2° que, se a pecha de plagiario tivesse de recahir sobre um dos dous historiadores do santo, a verdade condemnaria o classico portuguez. [...]*”

<sup>98</sup> Ibid., p. 146. O autor afirma: “ [...] Muitos capítulos inteiros de Lucena são meras variantes da Peregrinação de Fernão Mendes Pinto. – Confronto d’ estes classicos. – Algum d’ elles se valeu copiosamente da obra do outro. – Prova-se ter sido Fernão Mendes Pinto o original, e Lucena o imitador. [...] ”

<sup>99</sup> José Eduardo Franco, *O Mito dos Jesuítas, Em Portugal, no Brasil e no Oriente*, 2 Vol., Lisboa, Grádiva, 2006-2007.

«*PLAGIÁRIO*»<sup>100</sup>, defendendo aquele autor de uma forma não menos acutilante que a utilizada por José de Castilho. Face às palavras de Agostinho de Campos, não se pense que este autor pretende negar que João de Lucena tenha tomado como fonte a *Peregrinação* de Fernão Mendes Pinto, mas considera o facto como uma utilização daquela obra como fonte, não como plágio.

Uma vez mais é Álvaro J. da Costa Pimpão quem apresenta a análise mais científica e realista afirmando ter sido a *Peregrinação* utilizada por João de Lucena, não como objecto de plágio, mas como fonte documental, tal como Tursellino o havia feito em primeiro lugar, segundo teoriza aquele historiador. Na verdade, Lucena utilizou inúmeras fontes sem que de todas tenha feito referência.<sup>101</sup>

Desta forma ficámos a conhecer a obra mais emblemática da literatura de temática Xavieriana produzida em Portugal, a “*Historia da vida do padre Francisco de Xavier: e do que fizeram na Índia os mais religiosos da Companhia de Iesu*”. Mas falta ainda conhecermos João de Lucena enquanto homem e enquanto *Soldado de Jesus*, e enquanto escritor. É o que nos propomos fazer de imediato.

---

<sup>100</sup> Agostinho de Campos afirma: “*Trinta páginas da sua monografia de Lucena, publicada no vol. X da Livraria Clássica, consagra José de Castilho à demonstração luxuosíssima de ter o autor da Vida do Padre Francisco de Xavier imitado, copiado, furtado a Fernão Mendes Pinto longas fôlhas, e até capítulos inteiros, das Peregrinações do famoso viajante. Impressionado com a farfalhada denúncia de José de Castilho, e escrevendo pouco depois o seu Curso de Literatura Portuguesa, onde João de Lucena é apresentado e definido em meia dúzia de linhas, gasta Camilo Castelo Branco três destas a apoucar a memória e o valor literário de João de Lucena: «Parte, a maior talvez da sua glória, agorentou-lha o desastroso plagiato da Peregrinação de Fernão Mendes Pinto, demonstrado com severa exacção pelo doutíssimo José de castilho, nos Excerptos Clássicos».E naturalmente o sr. Teófilo Braga, atendendo a que João de Lucena morreu jesuíta, ao passo que Fernão Mendes foi apenas um jasuíta provisório, tomou (do mal, o menos) o partido dêste jasuíta inteiro contra aquele pedaço de jasuíta, e decretou, indo às do cabo na forma e na ideia, que «o P.e João de Lucena plagiou desafortadamente as Peregrinações, formando dêsses roubos a Vida de S. Francisco xavier». ¡Como se este copioso livro apenas se limitasse aos assuntos de que Fernão Mendes tratou!... A boa verdade, a tal respeito, parece-nos ser a seguinte: que José de Castilho fêz espumar demais um achado crítico-literário de que se sentia envaidecido; que o forçado das letras Camilo Castelo Branco teve então, como sempre, muita pressa de receber do livreiro os cobres por que esperava o merceiro; e que o vermelho professor Teófilo cumpria o seu fadário daltónico, vendo o literato jesuíta pelos óculos esverdeados da intolerância fanática. [...] é que José de Castilho, o irmão, o discípulo, o admirador e adorador de António Feliciano, que viveu para o Estilo e quasi só por êle sobrevive, não se limita a desdenhar o Estilo em geral, [...]. Vai mais longe ainda, [...] deprime e arrasa o estilista a quem consagrara quinhentas páginas, [...]”.*

<sup>101</sup> João de Lucena, Álvaro J. da Costa Pimpão (prefácio), *História da Vida do Padre Francisco de Xavier*, I Vol., Lisboa, Agência Geral do Ultramar, 1952, pp. XXVI-XXXIV.

### **2.2.2. João de Lucena: um caso particular na literatura de temática Xavieriana.**

Como atrás já referimos, a obra “*Historia da vida do padre Francisco de Xavier: e do que fizeram na India os mais religiosos da Companhia de Iesu*”, terá sido uma das primeiras a relatar a vida deste grande personagem da história mas, pelo facto de ter sido escrita em português, e não em latim, terá sido igualmente uma das primeiras a permitir uma maior divulgação de personagens, locais e partes do mundo cujos nomes o ocidente passaria a incorporar no seu léxico. O obreiro de tal feito foi, como se sabe, o padre jesuíta João de Lucena, homem que nos merece alguma atenção.

Surpreendentemente, encontrar informação sobre a vida deste padre Jesuíta veio a revelar-se mais difícil tarefa do que à partida seria de supor, considerando o prestígio deste autor no panorama literário português, segundo os estudiosos destas matérias ao longo dos tempos. Já o jesuíta António Franco o afirma na sua obra “*Imagem da Virtude em o Noviciado da Companhia de Jesus*”<sup>102</sup>. De facto, na maioria dos casos apenas nos deparámos com pequenos apontamentos biográficos, nitidamente insuficientes à profundidade do estudo que nos propúnhamos efectuar. De nomes sonantes como Sommervogel (jesuíta, conceituado biógrafo da Companhia de Jesus, cujo trabalho se desenvolveu na segunda metade do século XIX) e António José Saraiva (professor universitário co-responsável pela “*História da Literatura Portuguesa*”, de entre outras obras importantes no panorama cultural português), passando por outros de menor projecção, foram apenas breves as linhas que, duma maneira geral, se dispuseram a dedicar a João de Lucena. Não obstante esta falta de pormenores sobre a sua vida, parece ser consensual o seu importante papel de precursor em termos de estilo e de estética literária.

---

<sup>102</sup> C.f. Padre António Franco, *Imagem da virtude em o noviciado da Companhia de Jesus no Real Collegio de Jesus de Coimbra em Portugal*, Primeiro Tomo, Évora, Officina da Universidade, 1719, pp. 784-787. O autor confessa: “[...] Nam he muito, o que acho escrito deste Padre, de qué se falla com grandes encomios, mas porque effe pouco se perpetue, o deixarei aquí em lembrança.[...]”.

Caso diverso poderemos encontrar na obra já atrás referida dirigida por António de Castilho e José de Castilho. No segundo volume, que conta com a colaboração de José Silvestre Ribeiro<sup>103</sup>, para além de confirmar a escassez de fontes e de informação disponível sobre a vida este padre jesuíta, tem o mérito de ser uma das que sobre ele mais longamente se debruçam, pese embora o facto de não ser uma obra isenta, deixando transparecer amiúde a corrente de pensamento em que se filia.

Digno de nota é sobretudo o prefácio de autoria de Álvaro Júlio da Costa Pimpão à também já atrás referida edição fac-similada da obra de João de Lucena, esta editada em 1952 pela Agência Geral do Ultramar no âmbito das comemorações do IV centenário do falecimento de S. Francisco Xavier. Aqui encontrámos não apenas dados concretos sobre a vida de Lucena como também uma análise das características intrínsecas a este autor, e à sua obra, com referências profusa e detalhadamente indicadas.

Para analisarmos de forma cuidada a vida de um homem como João de Lucena, teremos de agir de forma cautelosa, na medida em que se trata de um personagem complexo, que deve ser considerado segundo as suas diferentes facetas: a de homem do século XVI, a de escritor, a de padre jesuíta e, dentro desta última, deveremos ter igualmente em consideração outras facetas como sejam a de sacerdote, a de pregador e a de autor de um universo perfeitamente delimitado e contextualizado. Desta forma procuraremos caracterizar João de Lucena nas linhas que se seguem.

Como muitas vezes acontece na investigação histórica, ou mesmo na grande maioria das vezes arriscaríamos em dizer, não existe consenso entre as fontes no que respeita aos dados concretos sobre o objecto em estudo. Isto verifica-se, sobretudo, no que respeita a períodos em que o registo e o arquivo de dados não era prática comum e, muitas vezes, por motivos de legitimação de um qualquer agente histórico. Com João de Lucena o panorama não é diferente.

---

<sup>103</sup> Homem de letras do século XIX, advogado de formação, que veio a ser secretário-geral, governador civil, deputado, par do reino, ministro e conselheiro de estado.

No que respeita à sua data de nascimento, muito embora a maioria dos autores consultados seja concordante no dia, mês e local do seu nascimento, outros são omissos em tal informação. Já no que ao ano se refere o mesmo não acontece. Se alguns autores o dão como nascido no ano de 1549<sup>104</sup>, outros o apontam para o ano de 1550<sup>105</sup>.

A data e o local de entrada de João de Lucena no noviciado da Companhia de Jesus recolhe o acordo de todos os autores consultados, havendo aqui uma consistência no dia, mês e ano apresentados. Estamos em crer que a informação recolhida pelo Padre António Franco, que culminou na publicação da obra “*Imagem da virtude em o noviciado da Companhia de Jesus no Real Collegio de Jesus de Coimbra em Portugal*”, no ano de 1719<sup>106</sup>, se deve ao rigor e fiabilidade apresentados pela Companhia no registo anual dos acontecimentos mais marcantes ocorridos nas suas diversas casas. Por norma da Companhia, estes registos eram redigidos em latim, em triplicado, ficando a casa de origem com uma cópia, a segunda seria enviada para a sede da Província da qual dependia e a terceira seria enviada para o Vaticano.

Quanto ao falecimento de João de Lucena o panorama afigura-se mais complicado, na medida em que divergem alguns aspectos nas informações adiantadas pelos diversos autores. Se o local reúne o consenso de todos (muito embora alguns se limitem a apontar a cidade de Lisboa enquanto que outros especificam a Casa Professa de S. Roque, localizada nesta cidade) e o mesmo acontece no que diz respeito ao mês atribuído a este acontecimento, Outubro, já no que respeita ao dia do mês encontramos as primeiras divergências. Se o Padre António Franco, Charles O’Neill, José Silvestre Ribeiro e Maria Leonor de Carvalho Buesco adiantam o dia dois do já referido mês de

---

<sup>104</sup> Cf. João Bigotte Chorão (Dir.), *Enciclopédia Verbo*, Lisboa, Editorial Verbo, 2001, p. 414 e Charles E. O’Neill, S.I., Joaquín M.<sup>a</sup> Domínguez, S.I., (Dir.), *Diccionario Histórico de la Compañía de Jesús*, Roma – Institutum Historicum, Madrid – Universidad Pontificia Comillas, 2001, p. 2435.

<sup>105</sup> Cf. P.<sup>e</sup> António Franco, *Ano Santo da Companhia de Jesus em Portugal*, Porto, Biblioteca do “Apostolado da Imprensa”, 1.<sup>a</sup> Edição, s.d., pp. 559-560, Carlos Sommervogel, S.J. (Dir.), *Bibliothèque de la Compagnie de Jesus*, Bruxelles – Société Belge de Librairie, Paris - Libraire des Archives nationales et de l’École des chartes, 1894, p. 159 e, por último, António Feliciano de Castilho e José Feliciano de Castilho, (Dir), *Padre João de Lucena*, Rio de Janeiro, Livraria de B. L. Garnier Editor, Vol.2, 1870, pp. 96-119.

<sup>106</sup> C.f. Padre António Franco, *Imagem da virtude em o noviciado da Companhia de Jesus no Real Collegio de Jesus de Coimbra em Portugal*, Primeiro Tomo, Évora, Officina da Universidade, 1719, pp. 784-787.

Outubro já Carlos Sommervoguel e José de Castilho apresentam o dia 11 do mesmo mês.

Com idêntica situação nos deparámos no que respeita ao ano do seu falecimento. Se a quase totalidade dos autores o dão como tendo falecido no ano de 1600, já José de Castilho defende que João de Lucena faleceu no decorrer do ano de 1602. Vale a pena reflectirmos um pouco sobre as dúvidas apresentadas por este autor e, sobretudo, por Álvaro J. da Costa Pimpão no que respeita ao tema da data de falecimento de João de Lucena. Devemos aqui referir que as datas precisas do nascimento e do falecimento do Pe. João de Lucena não trarão alterações ao estudo a que nos propomos, mas da sua determinação definirá se o Autor da “*Historia da vida do padre Francisco de Xavier*” terá tido a possibilidade de fazer a revisão tipográfica desta sua obra, assim como se terá assistido à sua publicação.

José de Castilho informa-nos que, na sua busca de fontes, não lhe foi possível aceder quer ao Memorial da Casa Professa de S. Roque quer ao Menológico da Companhia de Jesus, documentos a que, segundo o mesmo, o Padre António Franco faz nota como contendo referências a João de Lucena<sup>107</sup>. Informa seguidamente que na página CXLIII do “*Diccionario da Academia*”, encontrou breves referências a este autor<sup>108</sup>. Finalmente, informa ter encontrado em Paris uma biografia do Padre João de Lucena, escrita logo após a sua morte e vertida na língua portuguesa, biografia esta que teria sido traduzida para castelhano e incluída na tradução para este idioma da vida de S. Francisco Xavier. Tal biografia informaria que João de Lucena teria falecido em 1602, com 52 anos de idade e 37 de vida religiosa<sup>109</sup>. Nesta última referência, não apresenta José de Castilho qualquer dado sobre a dita biografia portuguesa de João de Lucena, nem mesmo informa se a versão castelhana da vida de S. Francisco Xavier, a que se

---

<sup>107</sup> Cf. António Feliciano de Castilho, José Feliciano de Castilho, (Dir.), *Op. Cit.* p. 98.

<sup>108</sup> Cf. *Ibid.* pp. 100-101. Diz-nos José de Castilho: “*Na Bibliotheca Lusitana se diz que morrêra quando contava 52 annos de idade, e 37 de religião; com dous mais de engano em cada uma das datas, pois na columna precedente se acha escripto haver elle entrado na Companhia a 14 de Março de 1565, com a tenra idade de :15 annos*”

<sup>109</sup> Cf. *Op. Cit.*, pp. 102-103. Informa-nos ainda José de Castilho: “*«Aos 15 annos entrou na Companhia de Jesus, no dia de Natal de 1565, para renascer com o habito em igual dia.» E no final: «Morreu, na Casa de S. Roque, em Lisboa, aos 11 de Outubro de 1602, com 52 annos de idade, e 37 de religião.»*”

refere nesta passagem, se trata da tradução realizada pelo Padre Alonso de Sandoval, a que alude neste seu trabalho. Por outro lado, se é verdade que reflecte demoradamente sobre o ano de falecimento de João de Lucena, é igualmente verdade que nada se debruça quanto ao ano do seu nascimento, para além das referências que apresenta sobre o facto de para tal acontecimento ser comumente aceite o ano de 1550. Curiosamente, no mesmo tomo desta obra, José Silvestre Ribeiro afirma peremptoriamente, sobre a data de falecimento de João de Lucena, que Barbosa Machado se enganara redondamente<sup>110</sup>. Esta afirmação parece-nos ser dirigida principalmente a José de Castilho dado que não existe qualquer outra referência a Barbosa Machado nas linhas redigidas por José Silvestre Ribeiro nesta obra.

Assim, verificamos que, de facto, a *Bibliotheca Lusitana* afirma que João de Lucena “[...] *espirou placidamente em a Caza de S. Roque a 2 de Outubro de 1600. quando contava 52 annos de idade e 37 de Religião. [...]*”<sup>111</sup>. De igual forma, o Padre António Franco na sua *Imagem da Virtude em o Noviciado* afirma que “[...] *Falleceo na caza de Sam Roque aos dous de Outubro de 1600. Delle faz mençam a Bibliotheca da Companhia por causa da vida, que compoz de San Francisco Xavier [...]*”<sup>112</sup>. Quanto aos restantes autores que consultámos, pensamos que se terão baseado numa destas fontes que acabamos de citar, excepção feita a Carlos Sommervogel, que afirma na edição de 1894 da “*Bibliothèque de la Compagnie de Jesus*” que “[...] *Il mourut à Lisbonne, le 11 Octobre 1600.[...]*”<sup>113</sup>, não nos sendo possível determinar em que fonte se baseou para considerar aquele dia do mês de Outubro, mas sendo possível que tenha utilizado a mesma biografia que José de Castilho refere ter encontrado em Paris.

Se considerarmos como correcta a informação fornecida por Diogo Barbosa Machado na “*Bibliotheca Lusitana*”, no que respeita à idade e tempo de religião do Pe. João de

---

<sup>110</sup> Cf. Op. Cit., p. 8. As exactas palavras do autor são: “[...] *N.B. Barbosa Machado engana-se em dizer que João de Lucena contava cincoenta e dous annos de idade quando passou a melhor vida. [...]*”

<sup>111</sup> Cf. Diogo Barbosa Machado, *Bibliotheca Lusitana*, Tomo II, Lisboa, Officina de Ignacio Rodrigues, 1747, p. 681.

<sup>112</sup> Cf. Padre António Franco, *Op. Cit.*, p. 786.

<sup>113</sup> Cf. Carlos Sommervogel, S.J. (Dir.), *Op. Cit.*, p.159.

Lucena na altura do seu falecimento, considerando igualmente o facto de que a contagem dos anos, no que às pessoas se refere, apenas considera passados determinado número de anos no dia em que se completa a totalidade dos dias que o perfazem, coincidindo com o dia e mês de nascimento, apenas conseguimos justificar os 15 anos à data de entrada no noviciado, os 37 anos de religião e os 52 anos de idade, se João de Lucena tiver nascido no ano de 1549, uma vez que faleceu em Outubro e apenas comemoraria o seu aniversário de nascimento em Dezembro do mesmo ano e o aniversário de religião em Março do ano seguinte. É bem verdade que a soma de um número impar (1549, correspondente ao ano de nascimento) com um número par (52, a idade que teria quando faleceu) dará sempre origem a um outro número impar (1601); mas será necessário aqui levar em conta o desfasamento provocado pelo facto de João de Lucena ter nascido no mês de Dezembro, a escassos 4 dias do início do ano seguinte, e falecido a menos de três meses de completar 53 anos.

Poderíamos assim considerar as seguintes balizas temporais para a vida de João de Lucena: nasce na localidade portuguesa de Trancoso, aos 27 dias do mês de Dezembro de 1549, ingressa no noviciado da Companhia de Jesus, no Colégio de Coimbra, a 15 de Março de 1565, com a idade de 15 anos, vindo a falecer na casa professa de S. Roque, na cidade de Lisboa, no dia 11 de Outubro de 1602, aos 52 anos de idade. À luz deste raciocínio, poderemos afirmar que o autor teria acompanhado os primeiros passos da sua obra, tendo podido, assim, fazer a revisão da impressão bem como ter assistido à sua publicação e divulgação.

Por outro lado, sabemos que os Jesuítas são cuidadosos e rigorosos nos registos das suas casas, pelo que nos parece pouco provável ter havido um tão grande lapso no registo da data de falecimento de João de Lucena. Álvaro J. da Costa Pimpão apresenta um válido raciocínio quando afirma, no prefácio da edição de 1952 da *“História da Vida do Padre Francisco de Xavier”*<sup>114</sup> poder ter sido a data de nascimento deduzida da subtracção

<sup>114</sup> C.f. João de Lucena, Álvaro J. da Costa Pimpão (prefácio), *Op. Cit.*, pp. VII-VIII. Aqui o autor do prefácio apresenta-nos o seguinte raciocínio: “[...] O ano de nascimento (1550) foi primeiramente deduzido da notícia da sua entrada na Companhia aos 15 de Março de 1565, aos 15 anos – o que, à primeira vista, parece levar-nos, efectivamente, àquele ano. Mas como nasceu no dia de São João Evangelista, portanto, em 27 de Dezembro, só a partir desta data é que teria feito os quinze anos, se nasceu em 1550, não contando mais de catorze em Março. Com base nos obituários de São Roque, em que se declara que Lucena faleceu com 51 anos de idade (em 2 de Outubro de

linear de 15 anos ao ano de entrada na Companhia de Jesus. Mas como Lucena nasceu a 27 de Dezembro e entrou para o Noviciado a 15 de Março de 1565, só poderia ter 15 anos de idade naquela data, se tiver nascido em 1549.

No entanto, no que respeita à publicação da obra, é ainda Álvaro J. da Costa Pimpão que na chama a atenção para um pequeno detalhe, assaz interessante: a obra estaria pronta a ser publicada já em Dezembro de 1599, pois terá havido um engano tipográfico na data da licença do Inquisidor Geral Francisco Pereira, 29 de Dezembro de 1600<sup>115</sup>. De facto, a licença dos membros da Mesa confirma-o<sup>116</sup>. Assim, existindo já as licenças dos Deputados do Santo Ofício, Marcos Teixeira e Ruy Pirez da Veiga, datadas de 11 de Janeiro de 1600 e a licença do Ordinário, Francisco Rebello, datada de 13 de Janeiro de 1600, a licença do Inquisidor Geral, a primeira a ser emitida, apenas pode ser de 29 de Dezembro de 1599. Costa Pimpão refere ainda o facto de ser o alvará real datado de 12 de Março de 1600, o que vem confirmar a sua teoria<sup>117</sup>.

Desta forma, a variedade de datas e argumentos apresentados pelos diferentes autores, levam-nos a duvidar mais da data atribuída ao ano de nascimento do que aquela que é atribuída ao ano do seu falecimento. Apenas poderemos afirmar que João de Lucena terá assistido à publicação da sua “*Historia da vida do padre Francisco de Xavier*”, muito embora estivesse já muito doente, vindo a falecer a 2 de Outubro de 1600.

---

1600), supôs-se que teria nascido em 1549; mas só a partir de 27 de Dezembro de 1599 é que Lucena completou 51 anos, estando ainda longe dos 52 em 2 de Outubro do ano seguinte. Se tinha 51 anos em 27 de Dezembro de 1599, teria nascido em 1548, e não em 1549. Resta saber se a idade, no ano em que faleceu, foi obtida com este rigor ou simplesmente determinada pela subtracção de 51 do ano de 1600. O ano de 1549 é o mais provável, mas sem outra garantia além da que indicámos. [...]”.

<sup>115</sup> C.f. Ibid. pp. X-XI.

<sup>116</sup> João de Lucena, *Historia da vida do padre Francisco de Xavier: e do que fizeram na India os mais religiosos da Companhia de Iesu*, Lisboa, Pedro Crasbeeck, 1600, s.n. Ali se lê: “*Podefe imprimir este liuro, visto a licença do Inquisidor geral, & Deputados do santo Officio, & do Ordinario, & fer visto na mesa. Em Lisboa a 13. de Janeiro de 1600.*”

<sup>117</sup> Relativamente a este alvará real, Álvaro J. da Costa Pimpão afirma: “[...] *Confirma-o o alvará do Rei, de 12 de Março de 1600, que não se encontra nos exemplares da História existentes na Biblioteca Nacional de Lisboa e na Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra, mas de que afortunadamente obtivemos cópia, que vai reproduzida no devido lugar.* [...]”. Curiosa afirmação pois acontece que o exemplar de que nos servimos para este estudo, propriedade da Biblioteca Nacional de Lisboa, muito embora na sua versão microfilmada, dispõe deste alvará real, estando precisamente justaposto nesta página o carimbo da Biblioteca.

Deixando para trás as considerações sobre as dadas associadas à vida de Lucena, debrucemo-nos agora no que respeita às suas raízes familiares. José de Castilho apresenta-nos a possibilidade de ser João de Lucena descendente de Vasco Fernandes de Lucena, fidalgo andaluz ao serviço do rei D. Duarte, que teria chegado a ser chanceler, guarda-mor da Torre do Tombo e cronista-mor, precedendo directamente Ruy de Pina, vindo a falecer em finais do século XV<sup>118</sup>.

A “*Bibliotheca Lusitana*” informa-nos que João de Lucena terá sido filho de Manoel de Lucena, fidalgo ao serviço da Casa de Bragança, e de Isabel Nogueira Saraiva. O seu irmão, Afonso de Lucena teria mesmo sido secretário da Duquesa de Bragança, D. Catarina<sup>119</sup>. Na *Imagem da Virtude em o Noviciado da Companhia de Jesus* o Pe. António Franco apenas adianta que os seus pais seriam Manoel de Lucena e Izabel Nogueira<sup>120</sup>. Álvaro J. da Costa Pimpão, remetendo para a biografia consagrada a Lucena da “*Crónica dos Jesuítas composta por António Leite*”, dá-nos apenas mais alguns pormenores relativos ao irmão, Afonso de Lucena<sup>121</sup>.

João de Lucena descenderia assim de uma família de fidalgos com ligações à Casa de Bragança, à qual serviam. Estas ligações, primeiro à Casa Real portuguesa e, mais tarde, aos pretendentes do trono português, parecem-nos justificar que o autor tenha dedicado a “*Historia da vida do padre Francisco de Xavier*” a D. Catarina, à altura Duquesa de Bragança. José de Castilho considera que o natural teria sido que a obra fosse dedicada ao soberano, que à altura da sua redacção e edição era Filipe III de Espanha, o segundo

<sup>118</sup> Cf. António Feliciano de Castilho, José Feliciano de Castilho, (Dir.), *Op. Cit.* pp. 98-99.

<sup>119</sup> Diogo Barbosa Machado, *Op. Cit.* p. 681. O texto informanos que João de Lucena “[...] teve por Pays ao licenciado Manoel de Lucena Ovidor de Barcellos criado dos sereniffimos Duques de Bragança D. Theodosio primeiro, e D. Ioaõ o primeiro, e a Izabel Nogueira Sarayva de gual nobreza à de feu conforte, e por irmão a Affonso de Lucena Commendador de S. Tiago de Coelhofo, Alcayde môr de Portel, e Evora Monte, e Secretario da Sereniffima Senhora D. Catherina Duqueza de Bragança, do qual fe fez mais larga memoriaem feu lugar. [...]”.

<sup>120</sup> Padre António Franco, *Op. Cit.*, p. 784.

<sup>121</sup> João de Lucena, Álvaro J. da Costa Pimpão (prefácio), *Op. Cit.*, p. VIII. O texto informa-nos que João de Lucena “[...] Foi irmão de Afonso de Lucena, secretário e Procurador da Duquesa de Bragança, Senhora D. Catarina, e autor de umas Alegações de Direito (1580), por parte da mesma Senhora. Antes de entrar para o Colégio de São Paulo, de Coimbra, foi submetido a um inquérito de sangue, por suspeita acerca da limpeza do mesmo, tendo-se chegado à conclusão, depois de ouvidas muitas testemunhas, que os Lucenas de trancoso nada tinham de Hebreus. [...]”.

de Portugal, considerando mesmo Lucena como um aguerrido, embora subtil, defensor dos interesses da Casa de Bragança, na medida em que no seu livro se podem encontrar directas e honrosas referências aos monarcas portugueses, sendo perfeitamente omissos no que toca aos reis espanhóis<sup>122</sup>. Mas sem quaisquer provas concretas das filiações e opiniões políticas do Padre João de Lucena, apenas podemos considerar esta opinião como fruto das correntes de pensamento vigentes no século XIX. Por outro lado, a sua origem no seio de uma família letrada terá tido influência nos sucessos que atingiu nos seus estudos, pelo que se poderá deduzir pelos registos da Companhia de Jesus, e que viriam a culminar na redacção da obra sobre a qual nos debruçamos.

Como já afirmámos, seria contraproducente qualquer tentativa de dissociar a vida de João de Lucena, como homem do século XVI, da sua vida como padre jesuíta, isto numa perspectiva biográfica, pelo que a sua vida como religioso nos merece um tratamento mais detalhado.

Vimos já existir unanimidade de opiniões entre as fontes consultadas quando todas afirmam que João de Lucena entrou para a Companhia de Jesus com a idade de 15 anos. Já quanto ao seu percurso eclesiástico, é substancialmente diferente o nível de detalhe encontrado. O mais completo texto, contendo dados concretos sobre João de Lucena, foi composto por António Franco, na sua obra *“Imagem da Virtude em o Noviciado da Companhia de Jesus no Real Collegio de Jesus de Coimbra em Portugal”*. Esta obra apresenta-nos as vidas e obras de padres jesuítas, que passaram pelo Real Colégio de Jesus, e cujos testemunhos de vida são considerados como dignos de nota e como exemplos a seguir. Pelo seu lado, será igualmente digno de nota o cuidado que o Padre

---

<sup>122</sup> Cf. António Feliciano de Castilho, José Feliciano de Castilho, (Dir.), *Op. Cit.*, pp. 111-114.

António Franco atribui à sua metodologia de investigação e às fontes consultadas, que nos são apresentadas na *Introduçãam ao Leytor*,<sup>123</sup>

No capítulo LXXXV desta obra<sup>124</sup>, dedicado ao Padre João de Lucena, encontramos uma descrição bastante detalhada do percurso da vida eclesiástica de João de Lucena, falando-nos dos seus estudos, das suas capacidades excepcionais como pregador e sacerdote e da forma profunda de viver a sua fé. A leitura desta rica e colorida resenha feita pelo padre António Franco, deixa-nos aperceber estarmos, em primeiro lugar, perante um jovem com grandes dotes para o estudo das humanidades, tendo-se destacado no estudo da Filosofia e da Teologia, de tal forma que, anos depois, era já professor de Filosofia na universidade de Évora. Destacando-se igualmente pelos seus dotes oratórios, terá tido ainda maior sucesso como pregador, função na qual a Companhia o terá mantido durante vinte anos. As qualidades excepcionais da sua oratória ficam ilustradas através dos episódios de reconciliação de partes desavindas e do episódio da multidão que roga que não termine a sua homilia.

No que concerne à sua actividade como sacerdote, Lucena terá sido um homem de grande actividade e de múltiplos recursos, assim o atesta o episódio do homem cego e surdo. Levando muito a sério a sua fé e os preceitos da igreja, o relato de António Franco revela-nos a forma exemplar como João de Lucena viveu a sua relação com Deus, principalmente durante a sua prolongada doença. Não nos podemos aqui esquecer

---

<sup>123</sup> Padre António Franco, *Op. Cit.*, §3. Nesta sua introdução, o padre António Franco dá-nos a conhecer que “[...] *Pera esta obra nam perdoei a trabalho revolvendo os cartorios de Evora, & Coimbra, aonde fui fõmente por ajuntar papeis, de que me ajudar. Outros muitos ouve, que andavam fora dos cartorios em diversas cazas, & livrarias, de todos me aproveitei, como tambem das Historias impressas, & manuscritas desta provincia affim do Padre Alvaro Lobo, como do aparato, que pera a Historia, que começou, tinha junto o noffo Padre Antonio Leyte. Em tudo procurei verdade, fazendo todas as diligencias, que pude; por isso no fim das vidas allego de ordinario os documentos por onde escrevi, & com que me ajustei, ainda que isto a alguem poderá parecer escufado, com tudo eu o nam julguei affim, conformandome com o ufo, que nisto tem outros homens, que escreveram materia semelhante, porque estas allegaçoes fazem na Historia grande se; podendo sempre verfe as fontes, donde ve dis, que a tal coufa se recolhera. Tambem sempre que os achei nos catalogos, a ponto os nomes dos pays dos Religiozos, de quem faço mençam, ainda que nam sejam de familias esclarecidas, porque pera nos sam mui dignos de memoria os pays, que nos deram tam honrados filhos; & com este pequeno obfequio, que he, o que lhes podemos fazer, queremos agradecer o bem, que nos fizeram em nos dar tais filhos. [...]*”.

<sup>124</sup> *Op. Cit.*, pp. 784-787. Pela riqueza da sua forma e do seu conteúdo que, como vimos, nos permite recolher preciosos dados sobre João de Lucena, mas que nos dá igualmente uma visão da importância que estes elementos de excepção têm para a Companhia de Jesus, transcrevemos em anexo, este texto do Padre António Franco.

ser a intenção daquele autor o proclamar as virtudes morais e eclesiásticas dos padres que cursaram o seu noviciado no Real Colégio de Jesus, em Coimbra, pelo que é a estes aspectos que acabam por ser, maioritariamente, dedicados os seus relatos. Se bem que não esquecida, a faceta de escritor de Lucena é aqui a menos aprofundada, sendo apenas referida uma obra de comentários ao evangelho de S. Mateus, que encetou quando estava já doente, e a *“História da Vida do Padre Francisco de Xavier”* dando a conhecer a referência feita pela Biblioteca da Companhia ao autor e à sua obra.

Construímos assim uma imagem da vida e obra do Padre João de Lucena, penetrando nos seus mistérios tanto quanto as fontes nos permitiram. A imagem que dele nos fica será a de um homem dotado de especiais virtudes que, não tendo granjeado atingir uma fama equivalente à de alguns dos seus pares, terá sem dúvida deixado para a posteridade uma obra essencial ao conhecimento e entendimento de muitos dos acontecimentos históricos, políticos, sociais e religiosos que ocorreram na sua época.

Ao longo de todo este capítulo auscultámos as vozes que nos falam de S. Francisco Xavier, vozes estas que têm a sua origem temporal no período compreendido entre a data de passamento do Santo, mal se tinha iniciado a segunda metade da centúria de Quinhentos, até meados de Seiscentos. Destas, escutámos com particular atenção algumas cujos testemunhos se nos afiguraram como sendo mais relevantes para o nosso estudo, em especial uma que nos fala directamente da história da vida e obra do ainda então apenas conhecido como Padre Francisco de Xavier. De todas analisámos as notícias que veiculam, ouvindo atentamente as suas mensagens directas e procurando discernir as mensagens indirectas que nas suas entrelinhas pudemos encontrar. No capítulo que se segue procuraremos distinguir os traços do homem e do culto que por elas nos são projectados.

### **III – S. Francisco Xavier: traços do homem e do culto.**

Neste capítulo iremos caracterizar os traços do homem e do culto a S. Francisco Xavier que nos são transmitidos pelas vozes que atentamente escutámos nas páginas anteriores. Mas antes de encetarmos esta tarefa, e porque os homens não vivem isolado da sociedade e do seu contexto histórico, mesmo os que enveredam pela vida monástica, propomo-nos a fazer uma brevíssima abordagem aos mais marcantes acontecimentos históricos do período que estabelecemos para o nosso estudo<sup>125</sup>.

Em termos políticos, D. João III reinava em Portugal à altura do falecimento do Padre Francisco de Xavier e, por ser também ele uma peça importante nesta nossa engrenagem, à altura do nascimento de João de Lucena. Herdara de seu pai, D. Manuel I, um vasto império que se estendia de Ocidente, das Terras de Vera Cruz, até ao Oriente, passando por inúmeras possessões nas costas do continente africano. Os portugueses encontram-se espalhados por todos os continentes conhecidos, fazendo todos os esforços por manter tão vasto império com tão poucos recursos humanos<sup>126</sup>. Mas, nas questões da sua sucessão, não estava a situação pacífica no reino, pois morre em 1554 o príncipe D. João, filho de D. João III. Será já após a morte do príncipe seu pai, que se assistirá ao nascimento do neto do monarca, o príncipe D. Sebastião. O soberano, D. João III, vem a falecer em 1557, sendo D. Sebastião ainda menor, contando apenas três anos. Fica assim a regência do reino entregue à sua avó D. Catarina que, mais tarde a entregaria ao Cardeal D. Henrique, irmão do falecido monarca<sup>127</sup>.

---

<sup>125</sup> Para uma mais fácil leitura dos acontecimentos a que fazemos referência, em apêndice ao presente estudo incluímos um quadro cronológico.

<sup>126</sup> C.f. José Carlos Amado, História de Portugal, Vol. 2, Lisboa, Editorial Verbo, 1966, pp. 23-26.

<sup>127</sup> C.f. Ibid., p. 26.

Em 1568, D. Sebastião assume oficialmente os destinos da nação, contava então 14 anos de idade. O seu breve reinado, que durou apenas dez anos, terminou abruptamente a 4 de Agosto de 1578 na tão mal afamada batalha de Alcácer Quibir<sup>128</sup>.

O período que se seguiu à morte de D. Sebastião foi um dos conturbados períodos que, na história das nações são marca obrigatória, e a de Portugal não é aqui excepção. Sobe ao trono o Cardeal D. Henrique, irmão de D. João III, que havia sido já regente do reino. Havia, no entanto mais pretendentes ao trono de Portugal, todos netos de D. Manuel I e de D. Maria de Castela: eram eles D. Catarina de Bragança, filha do príncipe D. Duarte; D. António, Prior do Crato, filho do príncipe D. Luís; D. Manuel Felizberto, Duque de Saboia, filho de D. Beatriz, e, por último, Filipe II de Espanha, filho de D. Isabel<sup>129</sup>.

Em 1580 morre o Cardeal-Rei, sendo D. António aclamado Rei nalgumas localidades. Na mesma altura, Filipe II entra em Portugal pelo Alentejo, dirigindo-se a Lisboa com o intuito de reclamar para si o Reino de Portugal, na sua qualidade de legítimo herdeiro. Dá-se o confronto entre as forças portuguesas e castelhanas, naquela que ficou conhecida pela Batalha de Alcântara, cujo resultado foi favorável a Filipe II, sendo D. António obrigado a fugir e, posteriormente, a exilar-se em França. As tentativas frustradas de recuperação do reino a partir da Ilha Terceira, nos Açores, entre 1580 e 1583, terminaram com novo exílio de D. António, primeiro em França e, depois de 1585, em Inglaterra<sup>130</sup>.

Não sem alguma resistência, Filipe II é jurado Rei em 13 de Setembro de 1580, ficando este rei a ser monarca de dois reinos independentes. No ano seguinte, 1581, reúnem-se as Cortes, em Tomar, e mais tarde, em 1583, nas Cortes de Lisboa, Filipe II faz todos os possíveis para manter satisfeitos os três estados da nação, acedendo a muitas das suas petições. Estas duas balizas temporais definem igualmente o período de permanência de

---

<sup>128</sup> C.f. Op. Cit., pp. 26-30.

<sup>129</sup> C.f. Op. Cit. , p. 30.

<sup>130</sup> C.f. Joaquim Veríssimo Serrão, História de Portugal, Vol. IV, Lisboa, Editorial Verbo, 2000, pp. 23-32.

Filipe II em território português, após o que deixa o arquiduque Alberto, neto de D. Isabel de Portugal, como governante de Portugal, com o título de Vice-rei<sup>131</sup>.

Não caberão neste estudo as considerações sobre o tipo de regime vivido pelo Portugal do período filipino, bem como sobre o tipo de sentimento experimentado pelos estados portugueses quanto ao mesmo, na medida em que pretendemos apenas contextualizar historicamente a vida de João de Lucena. Gostaríamos de fazer eco das palavras de Joaquim Veríssimo Serrão quando afirma ter sido, este período, não uma interrupção da nossa história nacional, mas sim uma diferente continuidade da mesma<sup>132</sup>.

Filipe II morre a 13 de Setembro de 1598, deixando um império em desagregação, sobretudo após as guerras que manteve com Inglaterra e com as Províncias Unidas. Estas guerras foram especialmente penosas para Portugal, devido à sua localização geográfica, na linha da frente da defesa da Península Ibérica face a atacantes vindos do norte do Atlântico, situação que se viria a agravar no reinado de Filipe III, com os ataques das Províncias Unidas às possessões ultramarinas de Portugal<sup>133</sup>.

No que respeita à vida do Padre Francisco de Xavier, que aqui não podemos dissociar dos importantes acontecimentos históricos aos quais esteve ligado, convém que relembremos que parte para o Oriente a pedido de D. João III, em 1541, integrado na armada de Martim Afonso de Sousa, acompanhado do padre mestre Paulo de Camerino e do noviço português Francisco Mansilha. Chegado ao seu destino em 1542, dando assim início às suas actividades de missionário, de Núncio Apostólico no Extremo Oriente, cargo para o qual fora indigitado pelo Papa Paulo III. Dá igualmente início à tarefa de manter D. João III informado sobre os acontecimentos mais importantes que

---

<sup>131</sup> C.f. *Ibid.*, pp. 14-32.

<sup>132</sup> C.f. *Op. Cit.*, p. 12. Segundo o autor “ [...] *A historiografia romântica, animada pela contestação á Casa de Bragança, marcou os Filipes com um selo trágico na história nacional. Teve-o sem dúvida, no campo sentimental, para os brios portugueses de 1580 a 1640 que se viram afectados pelas presenças de uma realeza estranha e nunca deixaram de manifestar a sua vinculação aos foros da Pátria. Mas essa visão foi deturpada pelos homens do século XIX, que à força de quererem marcar uma posição anti-filipista criaram os mitos da «longa noite», da «submissão» e do «cativoiro», expressões que não têm adequação política e jurídica à realidade do Portugal filipino. É como «Governo dos Reis Espanhóis» que deve encarar-se esta fase histórica [...].*”

<sup>133</sup> C.f. *Op. Cit.*, pp. 48-50.

tivessem lugar em terras portuguesas do Oriente<sup>134</sup>. Francisco Xavier morre na china, mais precisamente na ilha de Sanchoão, aos 3 de Dezembro de 1552<sup>135</sup>, dez anos após a sua chegada ao Oriente, e cerca de três anos após o nascimento de Lucena.

Como facilmente se poderá comprovar, não são apenas as obras de cariz religioso que de S. Francisco Xavier nos falam, nem somente aquelas que de penas eclesiásticas provêm, pois se para estas se tornou objecto de culto, também para os outros autores os sucessos da sua vida terrena o convertem em objecto de estudo. Mas sendo dos primeiros que provêm as obras que seleccionamos, será nas suas vozes que procuraremos a caracterização do homem.

### ***3.1. Tradução de vivências: os traços biográficos nas vozes escutadas.***

Muito embora possamos dizer que os traços biográficos se encontram presentes nas obras que seleccionámos para uma análise mais aprofundada no segundo capítulo do nosso estudo, excepção feita para o texto da "*Relacion verdadera, de las solemnes fiestas que se han celebrado en la ciudad de Roma à 18. de Março en las Canonizaciones de los Santos Isidro, San Ignacio, S. Francisco Xavier, Santa Teresa de Jesus, y San Felipe Neri, y de la entrada del Conde de Monterey en dicha ciudad*"<sup>136</sup>, que por ser um relatório destinado ao soberano espanhol é forçosamente resumido, esta presença não tem igual representatividade nem igual formalismo nas restantes obras, pois diferentes seriam também os seus objectivos.

---

<sup>134</sup> C.f. Miguel Corrêa Monteiro, *São Francisco Xavier, Um homem para os demais*, Lisboa, CTT Correios de Portugal, 2006, pp. 65-85.

<sup>135</sup> C.f. *Ibid.*, pp. 97-128.

<sup>136</sup> Cf. S.a., *Relacion verdadera, de las solemnes fiestas que se han celebrado en la ciudad de Roma à 18. de Março en las Canonizaciones de los Santos Isidro, San Ignacio, S. Francisco Xavier, Santa Teresa de Jesus, y San Felipe Neri, y de la entrada del Conde de Monterey en dicha ciudad*, Barcelona, Estevan Librerós, 1622.

Assim, na “*Historia da vida do padre Francisco de Xavier: e do que fizeram na Índia os mais religiosos da Companhia de Iesu*”<sup>137</sup>, como o próprio nome nos sugere, João de Lucena traça uma biografia tão completa quanto a disponibilidade das suas fontes documentais e dos testemunhos recolhidos lho permitiram. O objectivo, reflectido no título da obra, seria dar a conhecer as obras da Companhia de Jesus em Terras do Oriente, tendo como base os relatos da vida de um dos seus co-fundadores, Francisco de Xavier, objectivo este a que Lucena deitou mão de forma magistral, como pudemos concluir no capítulo anterior deste estudo.

Numa observação atenta desta obra poderemos ver que, dos catorze capítulos do Livro Primeiro, apenas três não são dedicados à descrição de factos concretos da vida do Padre Francisco de Xavier. Começando pela sua filiação e pelo seu local de nascimento, Lucena vai percorrendo cada etapa da vida de Francisco Xavier, passando pela sua ordenação sacerdotal, pela a sua chegada a Lisboa, a sua partida para a Índia e a sua chegada a Goa. Nos restantes nove livros, capítulo a capítulo, Lucena vai-nos descrevendo de forma incrivelmente detalhada, todas as deambulações, atribulações, trabalhos, conversões e outros afazeres do Padre Francisco de Xavier pelas terras do Oriente, incluindo os episódios da sua morte e posterior transladação do seu corpo para Malaca e, finalmente, para Goa.

Já na obra “*Relacam Geral das Festas qve fez a Religiaõ da Companhia de Iefus na Prouincia de Portugal, na canonizaçaõ dos gloriosos Sancto Ignacio de Loyola feu fundador, & S. Francisco Xauier Apoftolo da Índia Oriental, no anno de 1622*”<sup>138</sup>, os traços biográficos que encontramos são-nos transmitidos de forma indirecta, tanto através do enaltecimento das suas virtudes mais dignas de nota, que se traduzem em experiências de vida e factos muito concretos, como através da simbologia e da mística

---

<sup>137</sup> Cf. João de Lucena, *Historia da vida do padre Francisco de Xavier: e do que fizeram na Índia os mais religiosos da Companhia de Iesu*, Lisboa, Pedro Crasbeeck, 1600.

<sup>138</sup> Cf. S.a., *Relacam Geral das Festas qve fez a Religiaõ da Companhia de Iefus na Prouincia de Portugal, na canonizaçaõ dos gloriosos Sancto Ignacio de Loyola feu fundador, & S. Francisco Xauier Apoftolo da Índia Oriental, no anno de 1622*, Lisboa, Pedro Craesbeeck, 1623.

a que se recorreu nos festejos por ocasião da sua canonização, que remetiam para factos, pessoas e lugares longínquos, directamente relacionados com as viagens originadas pela Expansão portuguesa, e com os quais S. Francisco Xavier está directamente relacionado, como já vimos.

Por último, analisemos a obra “*Relacam de hvm prodigioso milagre qve o gloriofo S. Francifco Xauier Apostolo do Oriëte obrou na Cidade de Nápoles no anno de 1634*”<sup>139</sup>. Por conter uma mensagem de carácter espiritual seria de esperar não conter qualquer traço biográfico, mas verificamos existirem, no entanto, referências à sua vida antes da famosa viagem para Lisboa, pois a alusão ao quadro com uma pintura do Santo representado como peregrino alude aos tempos que passou em Itália, percorrendo os hospitais e oferecendo os seus préstimos e cuidados aos enfermos. Por outro lado, todas as referências às missões no Oriente, que tantas vezes encontramos nesta obra, remetem-nos para os episódios da sua vida missionária e da obra que desenvolveu nesta parte do mundo. Poderemos assim concluir que, não contendo referências bibliográficas directas, esta obra contém inúmeras referências indirectas que pressupõem um conhecimento prévio da vida de S. Francisco Xavier ou, observando-a por um outro prisma, lança pistas que permitem e provocam o desejo de que se aprofunde o conhecimento da vida deste Santo.

---

<sup>139</sup> Cf. P.º Manuel Francisco Mastrilli, LIMA, Pe. Manuel de, (Trad.), MATOS, Manuel Cadafaz de, (Pref.), *Relacam de hvm prodigioso milagre qve o gloriofo S. Francifco Xauier Apostolo do Oriëte obrou na Cidade de Nápoles no anno de 1634*, Edição fac-similada, Lisboa, Biblioteca Nacional, 1989.

### ***3.2. Cultualidades Xavierianas.***

Procuramos, nas obras de temática Xavieriana, sinais do culto a Francisco Xavier, quer sejam eles dedicados à sua figura enquanto padre jesuíta, quer sejam à sua qualidade de santo. Estamos conscientes de que, na Igreja Católica, ao culto dos santos é atribuída grande importância na medida em que este permite, através do exemplo, conduzir os fiéis por caminhos de virtude e rectidão moral, tendo sempre em vista o seu ingresso no Reino dos Céus. Ora tendo os santos partido de uma base meramente humana, como qualquer criatura mortal, através dos seus testemunhos de vida exemplar, das suas virtudes, da sua devoção a Deus e das acções excepcionais, lograram atingir um estatuto especial aos olhos da Igreja, constituindo assim exemplos que devem ser seguidos. O mesmo acontece com a categoria imediatamente inferior, a dos Bem-aventurados ou Beatos, pela qual, como bem sabemos, Francisco Xavier também passou.

Não iremos aqui aprofundar quais as qualidades exactas e formais que serão necessárias à elevação à categoria de beato ou de santo, nem tão-pouco quais as evoluções desses mesmos requisitos ao longo da já muito longa história da Igreja Católica, pois tal está fora do âmbito deste estudo, iremos sim percorrer as nossas fontes no sentido de distinguirmos, de entre as suas vozes, aquelas que nos transmitem já uma consciência e percepção da santidade de Francisco Xavier, de uma vontade expressa em seguir os seus exemplos de vida e de virtudes morais.

A análise que faremos será porventura maculada de subjectividade na medida em que, não existindo fórmulas que nos permitam aqui estabelecer inequivocamente fronteiras bem definidas entre o que será cultural e devocional e o que o não será, dependeremos da nossa interpretação e entendimento o que, logicamente, estará sujeito a erro e à correspondente contestação.

### 3.2.1. A culturalidade do soldado de Jesus

Como atrás acabámos de referir, iremos percorrer as nossas fontes no sentido de distinguirmos, de entre as suas vozes, aquelas que nos transmitem já uma consciência e percepção da santidade de Francisco Xavier, de uma vontade expressa em seguir os seus exemplos de vida e de virtudes morais.

O primeiro registo que encontrámos deve-se à pena do P.<sup>e</sup> Francisco Cutillas, que nos transcreve “*Cartas de S. Francisco Xavier: em que se dexa ver um vivo retrato de su fervoroso espiritu*”<sup>140</sup>. É aqui perceptível a mensagem do seu autor, que não se limita à transcrição de missivas do Santo, mas que revela ser possível, através da sua leitura, ter já uma percepção das virtudes e devoção a Deus de que era dotado.

Não poderíamos deixar de aqui referir a “*Historia da vida do padre Francisco de Xavier: e do que fizeram na Índia os mais religiosos da Companhia de Iesu*”<sup>141</sup>, verdadeira ode às virtudes de Francisco Xavier que, ao fazer eco dos milagres que o Santo operou em vida, assim como outros que operou já após a sua morte, revela já a existência de uma devoção latente mas, sobretudo, lança seguramente os alicerces para que futuramente o seu culto seja estabelecido. Na mesma linha de pensamento seguirá o jesuíta Tomás de Villacastín ao redigir o “*Compendio da vida, virtudes, e milagres do Beato Padre Francisco Xavier, Religioso da Companhia de Jesu Apostolo da India Oriental*”<sup>142</sup>, que a deverá ter publicado ainda em 1619, ano da beatificação de

---

<sup>140</sup> Cf. P.<sup>e</sup> Francisco Cutillas, *Cartas de S. Francisco Xavier: em que se dexa ver um vivo retrato de su fervoroso espiritu*, Madrid, Imprenta de la Viuva de Manuel Fernandez, 1549.

<sup>141</sup> Cf. João de Lucena, *Historia da vida do padre Francisco de Xavier: e do que fizeram na Índia os mais religiosos da Companhia de Iesu*, Lisboa, Pedro Crasbeeck, 1600.

<sup>142</sup> Cf. Tomás de Villacastín, S.J., Padre Diogo Môteiro, (Trad.), *Compendio da vida, virtudes, e milagres do Beato Padre Francisco Xavier, Religioso da Companhia de Jesu Apostolo da India Oriental*, Lisboa, António Alvarez, 1620.

Francisco Xavier, ou já em 1620, ano do qual data a tradução para português realizada pelo Padre Diogo Mõteiro. De qualquer das formas esta obra surge já num contexto histórico diferente da obra de Lucena.

A já anteriormente referida e analisada obra do P.<sup>e</sup> Manuel Francisco Mastrilli, “*Relacam de hvm prodigioso milagre qve o gloriofo S. Francifco Xauier Apostolo do Oriête obrou na Cidade de Nápoles no anno de 1634*”<sup>143</sup>, revela-nos um Francisco Xavier já santificado e consagrado, no qual já os fieis confiam e recorrem no sentido de obter ajuda em casos extremos.

Pelo seu lado, Jerónimo Ribeiro de Carvalho transcreve-nos o “*Sermão do apostolo do Oriente S. Francisco Xavier / que fez no Collegio de Sancto Antão o P.e M. Hieronymo Ribeyro da Companhia de Jesus: anno de 1644*”<sup>144</sup>. O facto de S. Francisco Xavier continuar a ser celebrado vinte e dois anos após a sua canonização, aliado ao facto de tal sermão merecer ter sido registado para a posteridade, será, acreditamos, por si só sintomático de uma crescente devoção que os fieis devotariam a este santo.

Juan Eusébio Nieremberg, que nos legou um “*Honor del Gran Patriarca San Ignacio de Loyola, fundador da Compañia de Iesvs, en que se propone su vida, y la de su Dicipulo el Apostolo de las Indias S. Francisco Xavier*”<sup>145</sup>, deixa transparecer que mesmo em Espanha também a sua devoção estaria em consolidação, mesmo apesar de sabermos não ter sido aí tão forte o impacto da vida e da obra de S. Francisco Xavier.

Por último, em trabalho mais tardio, Manuel Monteiro redige o “*Brevissimo compendio da vida, & excellencias de S. Francisco de Xavier: com a sua devaçam de dez sestas*

---

<sup>143</sup> Cf. Pe. Manuel Francisco Mastrilli, Pe. Manuel de Lima, (Trad.), *Relacam de hvm prodigioso milagre qve o gloriofo S. Francifco Xauier Apostolo do Oriête obrou na Cidade de Nápoles no anno de 1634*, Goa, Colégio de Rachol, 1636.

<sup>144</sup> C.f. Jerónimo Ribeiro de Carvalho, *Sermão do apostolo do Oriente S. Francisco Xavier / que fez no Collegio de Sancto Antão o P.e M. Hieronymo Ribeyro da Companhia de Jesus: anno de 1644*, Lisboa, Officina de Domingos Lopes Rosa, 1645.

<sup>145</sup> Cf. Juan Eusébio Nieremberg, *Honor del Gran Patriarca San Ignacio de Loyola, fundador da Compañia de Iesvs, en que se propone su vida, y la de su Dicipulo el Apostolo de las Indias S. Francisco Xavier*, Madrid, Maria de Quiñones, 1645.

*feiras*”<sup>146</sup>, obra esta em que é já clara a existência de um culto bem estruturado e de uma devoção já plenamente instituída.

O culto e a devoção a um santo não são, seguramente, fenómenos que tenham uma génese oficial e bem datada, mas antes fenómenos cuja génese e desenvolvimentos são difíceis de determinar e acompanhar, pois que têm origens complexas, inúmeros intervenientes e, muitas das vezes, factores catalisantes de difícil percepção. Numa perspectiva Xavieriana e no âmbito do nosso estudo, reportamo-nos a factos ocorridos nos séculos XVI e XVII, o que acarreta dificuldades adicionais na medida em que, nesse tempo, a História não era ainda uma ciência instituída e, conseqüentemente, sem metodologia científica associada, os registo de acontecimentos eram realizados consoante a percepção e o talento de quem os efectuava. Não obstante estes factos, julgamos que a análise que acabámos de apresentar não será totalmente destituída de validade.

### **3.2.2. Os milagres e a sua cultualidade**

No que respeita à devoção a um santo, os milagres são talvez os actos que mais impressionam os fieis pois, por definição, são acções ou factos que desafiam as leis da natureza, operados por intervenção divina, para os quais a ciência não tem explicação ou justificação. Também neste campo S. Francisco Xavier se destacou, pois não só operou inúmeros milagres em vida, como também o fez após a sua morte.

Vários autores nos dão nota dos milagres por sua intercessão, como foi o caso já aqui estudado relato do miraculado P.<sup>e</sup> Manuel Francisco Mastrilli, e muitos outros, dos

---

<sup>146</sup> Cf. Manuel Monteiro, *Brevissimo compendio da vida, & excellencias de S. Francisco de Xavier: com a sua devaçam de dez sextas feiras*, Lisboa, Na Officina de Antonio Craesbeeck, 1659.

quais destacamos João de Lucena, nos falam dos milagres operados por seu intermédio durante a sua vida. De igual forma, e como não poderia deixar de acontecer, estes encontram-se relatados na bula de canonização do Beato Francisco Xavier. Alguns deles foram mesmo passados à tela, pelo pintor André Reinoso, integrados num ciclo pictórico que, desde 1619, adorna a igreja de S. Roque e do qual nos ocuparemos mais adiante.

Face ao exposto, pensamos que não será errado considerar que, para além das suas virtudes e das obras associadas à sua vida de missionário, a existência de milagres operados por seu intermédio terá sido um factor importante na dinâmica da devoção de que terá passado a ser alvo, inicialmente por parte dos miraculados e de todos aqueles que aos milagres teriam assistido, seguidamente por todos aqueles a quem o acontecimento seria transmitido oralmente, em primeira mão, e finalmente por todos os que, lendo as obras que os narravam, ou ouvindo lê-las, acreditavam.

### ***3.3. Sinais do visível cultural e devocional Xavieriano.***

Para que este estudo seja dotado de uma análise verdadeiramente abrangente, importa agora investigar outros mecanismos de difusão que não o suporte escrito, ainda que de forma mais superficial, pois que o complementam. Será importante reter que, para a Companhia de Jesus, o conceito de *propaganda* das virtudes e feitos dos seus membros foi amplamente utilizado, de forma consciente, recorrendo a diferentes suportes, numa estratégia com resultados comprovados. Inerentes a este fenómeno estarão o natural orgulho no trabalho da instituição e no valor dos seus membros, sobretudo por ocasião das suas beatificações e canonizações, acontecimentos de suma importância no seio da Igreja católica e da maior relevância para a Companhia, assim como uma certa necessidade de afirmação face a instituições congéneres, mais antigas e, consequentemente, dotadas de grande tradição.

Não poderemos esquecer-nos que, um período da história humana em que os métodos utilizados para a impressão de obras literárias, opúsculos e folhetos permitia já uma generosa produção e uma grande disseminação dos mesmos, isto comparativamente a épocas passadas, e sendo cada vez mais utilizado a linguagem vernácula na composição destas obras, a grande maioria da população a elas não tinha acesso pelo simples facto de não saber ler, o que consistia um verdadeiro problema no que respeita à difusão de mensagens concretas. No sentido de o ultrapassar, tanto as autoridades eclesiásticas como as civis recorriam-se de outros suportes que, através de formas e processos inteligíveis pelos analfabetos, cumpriam a sua missão.

Luís de Moura Sobral no seu artigo “*Espiritualidade e propaganda nos programas iconográficos dos Jesuítas Portugueses*”<sup>147</sup>, defende ter sido a partir da obra *Vita Beatii P. Ignatii Loiolae Societatis Iesv Fvndatoris*<sup>148</sup> que se terá dado então início a uma nova política iconográfica por parte da Companhia de Jesus, que agora passava a contar, nas suas fileiras, com figuras que poderia utilizar na evangelização das populações<sup>149</sup>. Um dos exemplos deste conceito, referido neste estudo, é o ciclo pictórico sobre os milagres de S. Francisco Xavier, existente na sacristia da Igreja de S. Roque<sup>150</sup>, sobre o qual nos debruçaremos mais adiante.

Numa outra perspectiva, Maria Cristina Osswald estabelece, em artigo intitulado “*S. Francisco Xavier no Oriente – aspectos de devoção e iconografia*”<sup>151</sup>, a relação entre a existência em Goa de iconografia do Santo e os agentes responsáveis pela sua devoção, trabalho este que se nos afigura de elevado interesse, na medida em que não só pretendemos estabelecer semelhante relação para Portugal, como também por verificarmos que algumas das relíquias ali referidas estão relacionadas com as referenciadas na cidade de Lisboa.

Sem mais demoras, iremos então percorrer dois dos diferentes suportes, que não são mais do que diferentes vozes que nos falam directamente de S. Francisco Xavier, e

---

<sup>147</sup> Cf. Luís de Moura Sobral, “*Espiritualidade e propaganda nos programas iconográficos dos Jesuítas Portugueses*”, in AA. VV., “*A Companhia de Jesus na Península Ibérica nos sécs. XVI e XVII, Espiritualidade e cultura: Actas do Colóquio Internacional*”, Porto, Faculdade de Letras da Universidade do Porto – Instituto de Cultura Portuguesa – Universidade do Porto – Centro Inter-universitário de História da Espiritualidade, 2004. Artigo consultado na Biblioteca Digital da Faculdade de Letras da Universidade do Porto em 5-11-2008. (<http://ler.letras.up.pt/site/default.aspx?qry=id03id1148&sum=sim>)

<sup>148</sup> Cf. Nicolaus Lancicius, Petrus Paulus Rubens, (Grav.), Jean Baptiste Barbe, (Grav.), *Vita Beatii P. Ignatii Loiolae Societatis Iesv Fvndatoris*, Roma, 1609.

<sup>149</sup> Cf., Luís de Moura Sobral, Op. Cit., pp. 387. O autor afirma aqui que “ [...] *uma nova política iconográfica por parte da Companhia. Até então os templos da Ordem, para além evidentemente dos temas marianos e cristológicos, centrais na espiritualidade do novo instituto, haviam privilegiado a representação de mártires, tanto os da Igreja primitiva como os mais recentes da própria instituição. A partir de agora, celebram-se as principais figuras da Ordem que por vezes se combinam com os mencionados temas em programas de enaltecimento e de propaganda da Ordem. [...]*”.

<sup>150</sup> Cf. Op. Cit., pp. 400-411.

<sup>151</sup> Maria Cristina Osswald, “*S. Francisco Xavier no Oriente – aspectos de devoção e iconografia*”, in AA. VV., “*São Francisco Xavier*”, “*Nos 500 anos do nascimento de São Francisco Xavier: da Europa para o mundo 1506-2006*”, Porto, Centro Inter-universitário de História da Espiritualidade, 2007. Artigo consultado na Biblioteca Digital da Faculdade de Letras da Universidade do Porto em 6-11-2008. (<http://ler.letras.up.pt/site/default.aspx?qry=id03id1160&fb=sim>).

indirectamente do seu culto e da sua devoção, pois sendo eles transmissores de uma mensagem, serão igualmente, enquanto objectos em si, transmissores de mensagens, memórias e histórias próprias, intrínsecas à sua própria natureza.

### 3.3.1. Sinais do cultural e devocional Xavieriano na Pintura.

Muito embora sejam inúmeros os exemplos conhecidos de representação de temas Xavierianos neste suporte, com proveniência nas mais diversas origens que, arriscaríamos em afirmar, representam os pontos do globo onde a Companhia de Jesus se encontrava instalada, e elaborados com recurso às mais diferentes técnicas e estilos, igualmente características da sua origem, mas igualmente da época em que foram produzidos, concentraremos a nossa análise no ciclo pictórico da Igreja de S. Roque, atribuído ao pintor protobarroco André Reinoso.

Este ciclo pictórico encontra-se bem registado e estudado numa obra de autoria de Vítor Serrão denominada “*A lenda de S. Francisco Xavier, pelo pintor André Reinoso*”<sup>152</sup>, onde é feita uma belíssima análise da mensagem, da composição e do estilo associados a cada pintura. Não obstante, abrimos aqui um parêntesis para registar a nossa perplexidade face a algumas escolhas de *conteúdo* por parte deste autor, sobretudo no que se refere ao próprio título da obra “*A lenda de S. Francisco Xavier*”. Atendendo à definição da palavra, lenda designa uma narrativa de acontecimentos duvidosos, fantásticos ou inverosímeis<sup>153</sup>. Se, dos vinte quadros que compõem este ciclo pictórico, doze dizem respeito a acontecimentos históricos, alguns deles comprovados, outros que não necessitam de o ser pois que são totalmente verosímeis – como será o caso do quadro intitulado “*S. Francisco Xavier celebrando o culto na Igreja de São Paulo de Goa*” – o epíteto de lenda só pode ser justificado pela impossibilidade em conseguirem-se provas científicas concretas da ocorrência dos acontecimentos retratados nos

<sup>152</sup> Cf. Vítor Serrão, *A lenda de S. Francisco Xavier, Pelo pintor André Reinoso*, Lisboa, Bertrand Editora, 2006.

<sup>153</sup> Tomamos aqui como base a definição constante no Dicionário PRÓ de Língua Portuguesa, Porto, Porto Editora, 2005. © 2005 Porto Editora, Lda.

restantes oito quadros: os milagres de S. Francisco Xavier. Pelos motivos que já adiantámos na introdução ao presente trabalho, a peremptória negação da existência de fenómenos como sejam os milagres constitui, em nossa opinião, um juízo de valor que deveria ser evitado pois não caberá seguramente no âmbito da obra, nem abona a favor da isenção analítica que é exigida ao cientista que a produz.

Mas voltemos á nossa análise deste ciclo pictórico dedicado à vida de S. Francisco Xavier. Segundo Vítor Serrão, não se sabe quem terá idealizado este programa representativo da vida de S. Francisco Xavier, mas será certo que a sua execução terá estabelecido uma *iconografia-protótipo* que terá servido de base a artistas posteriores na decoração das igrejas da Companhia de Jesus<sup>154</sup>. Situado na sacristia da igreja de S. Roque, é composto por vinte quadros que percorrem episódios importantes da vida do Santo. No quadro que se segue reproduzimos as numerações e os títulos atribuídos a cada uma das obras.

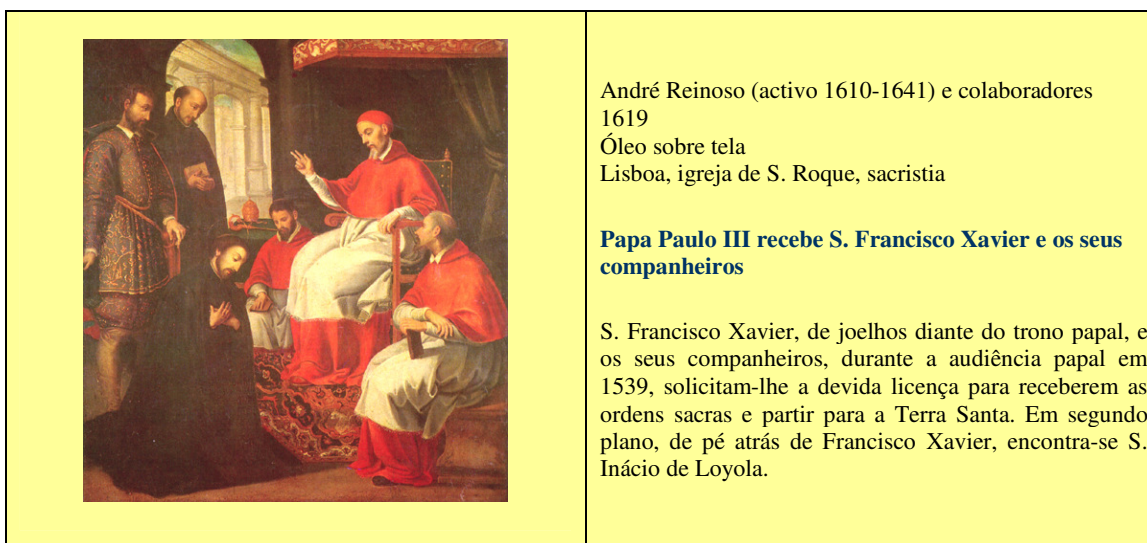
I – O Papa Paulo III recebe São Francisco Xavier e os seus companheiros.
II – São Francisco Xavier assistindo os moribundos em Veneza.
III – São Francisco Xavier despedindo-se de D. João III antes da partida para a evangelização da Índia.
IV – São Francisco Xavier curando um enfermo em Goa.
V – Pregação de São Francisco Xavier em Goa.
VI – São Francisco Xavier instituindo o símbolo da cruz na Índia Portuguesa.
VII – São Francisco Xavier ressuscitando um chefe de casta em Ceilão em 1541.
VIII – São Francisco Xavier celebrando o culto na Igreja de São Paulo de Goa.
IX – São Francisco Xavier aplacando a sede dos companheiros de viagem.
X – Tentação de São Francisco Xavier pelos demónios.
XI – São Francisco Xavier abençoando os soldados portugueses na partida da frota junto a Malaca.
XII – São Francisco Xavier evitando o naufrágio da nau de Diogo Gomes, em que viajava para as Molucas.
XIII – São Francisco Xavier e o milagre do caranguejo da ilha de Ceram.
XIV – São Francisco Xavier imprecando os invasores badegás em Comorim (ou os paravas em Travancore)
XV – Viagem de São Francisco Xavier para Cogoxima, no Japão.
XVI – São Francisco Xavier pregando na corte japonesa do príncipe de Yamaguchi.
XVII – São Francisco Xavier curando um enfermo, no Japão.
XVIII – Naufrágio do navio de São Francisco Xavier na viagem de regresso do Japão para a China.
XIX – Morte de São Francisco Xavier na Ilha de Sanchão.
XX – Recepção do corpo de São Francisco Xavier na Igreja de São Paulo de Goa

Quadro 3 – Títulos dos quadros que compõem o ciclo pictórico sobre S. Francisco Xavier, da Igreja de S. Roque.<sup>155</sup>

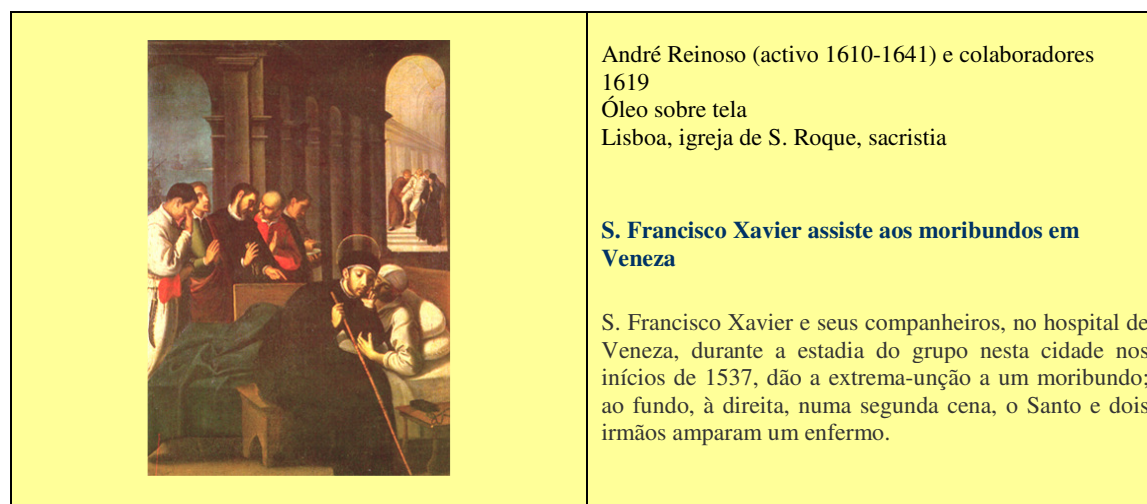
<sup>154</sup> Cf. Ibid., pp. 53-54.

<sup>155</sup> Cf. Ibid., pp. 61-103.

Como será fácil constatar numa leitura atenta dos seus títulos, os quadros, apresentados nesta precisa sequência, permitiriam que a vida de S. Francisco Xavier fosse “contada” a todos os que não sabendo ler, pudessem visualizar e assimilar as mensagens contidas nestes episódios, no que constitui mais um elemento catalisador do culto neste Santo. Mas façamos nós próprios um juízo de valor através da reprodução destas obras, que apresentamos de imediato.



Gravura 1 – O Papa Paulo III recebe São Francisco Xavier e os seus companheiros.<sup>156</sup>



Gravura 2 – São Francisco Xavier assistindo os moribundos em Veneza.<sup>157</sup>

<sup>156</sup> Imagem e texto consultados em 3-11-2008 nos endereços <http://www.sfx.eventos.lisboa.ucp.pt/img/sfx01.jpg> e <http://www.sfx.eventos.lisboa.ucp.pt/html/reinoso-01.html>, respectivamente.

<sup>157</sup> Imagem e texto consultados em 3-11-2008 nos endereços <http://www.sfx.eventos.lisboa.ucp.pt/img/sfx02.jpg> e <http://www.sfx.eventos.lisboa.ucp.pt/html/reinoso-02.html>, respectivamente.



André Reinoso (activo 1610-1641) e colaboradores  
1619  
Óleo sobre tela  
Lisboa, igreja de S. Roque, sacristia

#### **Francisco Xavier despede-se de D. João III antes da partida para a evangelização na Índia**

S. Francisco Xavier e Simão Rodrigues de Azevedo encontram-se com o rei de Portugal D. João III em Julho de 1540, que solicitara a Roma a vinda de sacerdotes jesuítas para a missão na Índia. Simão Rodrigues ficou em Lisboa a organizar a instalação da Companhia de Jesus em Portugal, enquanto Francisco Xavier, acompanhado de Paulo Camerte e Francisco Mansilhas, partiu para a Índia. À esquerda, numa cena vislumbrada através da janela, representa-se uma pregação do santo à entrada de uma igreja.

Gravura 3 – São Francisco Xavier despedindo-se de D. João III antes da partida para a evangelização da Índia.<sup>158</sup>



André Reinoso (activo 1610-1641) e colaboradores  
1619  
Óleo sobre tela  
Lisboa, igreja de S. Roque, sacristia

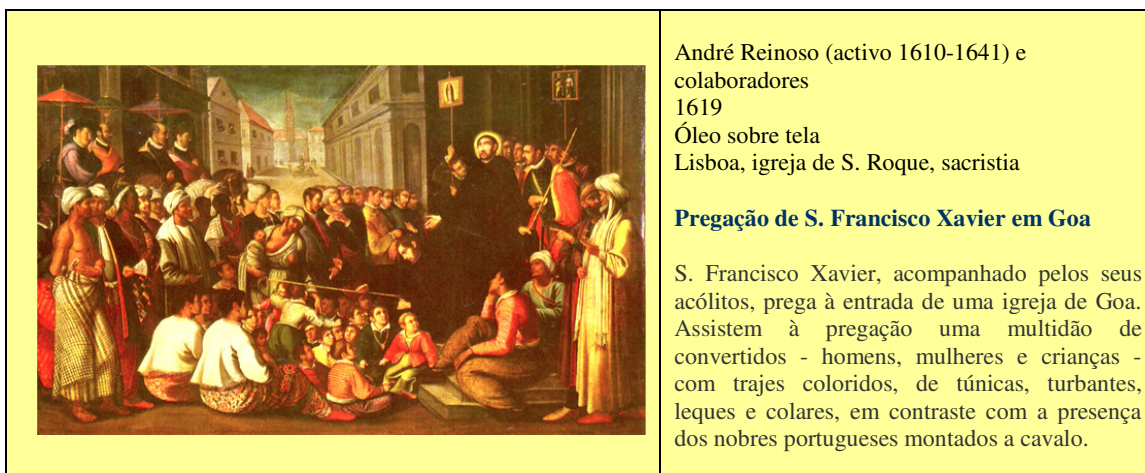
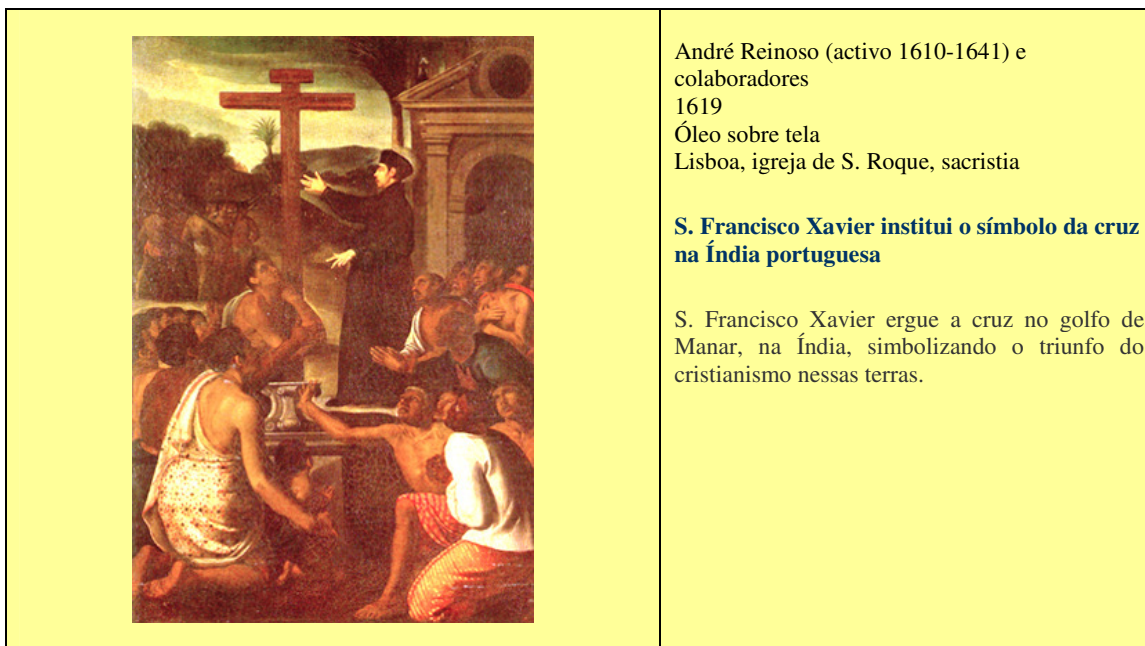
#### **S. Francisco Xavier cura um enfermo em Goa**

S. Francisco Xavier cura um enfermo durante uma cerimónia litúrgica - apresenta-se de alva e casula - junto ao altar de Nossa Senhora de Guadalupe em Goa.

Gravura 4 – São Francisco Xavier curando um enfermo em Goa.<sup>159</sup>

<sup>158</sup> Imagem e texto consultados em 3-11-2008 nos endereços <http://www.sfx.eventos.lisboa.ucp.pt/img/sfx03.jpg> e <http://www.sfx.eventos.lisboa.ucp.pt/html/reinoso-03.html>, respectivamente.

<sup>159</sup> Imagem e texto consultados em 3-11-2008 nos endereços <http://www.sfx.eventos.lisboa.ucp.pt/img/sfx05.jpg> e <http://www.sfx.eventos.lisboa.ucp.pt/html/reinoso-05.html>, respectivamente.

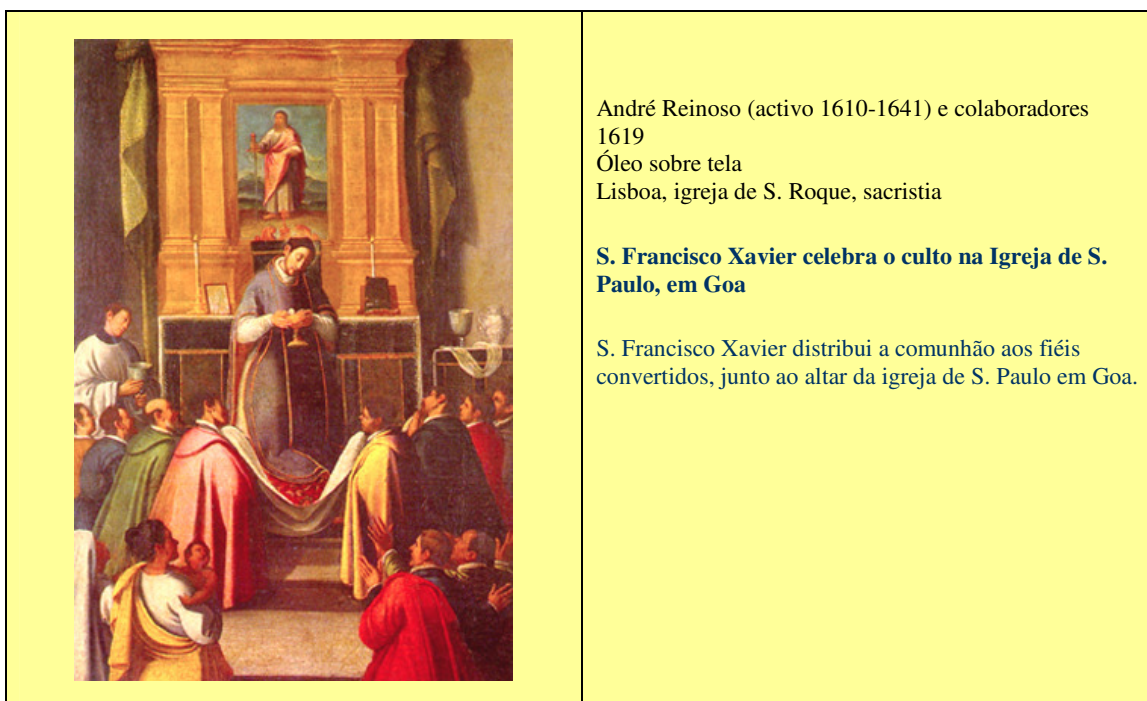
Gravura 5 – Pregação de São Francisco Xavier em Goa.<sup>160</sup>Gravura 6 – São Francisco Xavier instituindo o símbolo da cruz na Índia Portuguesa.<sup>161</sup>

<sup>160</sup> Imagem e texto consultados em 3-11-2008 nos endereços <http://www.sfx.eventos.lisboa.ucp.pt/html/sfx04.jpg> e <http://www.sfx.eventos.lisboa.ucp.pt/html/reinoso-04.html>, respectivamente.

<sup>161</sup> Imagem e texto consultados em 3-11-2008 nos endereços <http://www.sfx.eventos.lisboa.ucp.pt/img/sfx06.jpg> e <http://www.sfx.eventos.lisboa.ucp.pt/html/reinoso-06.html>, respectivamente



Gravura 7 – São Francisco Xavier ressuscitando um chefe de casta em Ceilão em 1541.<sup>162</sup>



Gravura 8 – São Francisco Xavier celebrando o culto na Igreja de São Paulo de Goa.<sup>163</sup>

<sup>162</sup> Imagem e texto consultados em 3-11-2008 nos endereços <http://www.sfx.eventos.lisboa.ucp.pt/img/sfx08.jpg> e <http://www.sfx.eventos.lisboa.ucp.pt/html/reinoso-08.html>, respectivamente.

<sup>163</sup> Imagem e texto consultados em 3-11-2008 nos endereços <http://www.sfx.eventos.lisboa.ucp.pt/img/sfx07.jpg> e <http://www.sfx.eventos.lisboa.ucp.pt/html/reinoso-07.html>, respectivamente.



André Reinoso (activo 1610-1641) e colaboradores  
1619  
Óleo sobre tela  
Lisboa, igreja de S. Roque, sacristia.

#### **S. Francisco Xavier aplaca a sede dos companheiros de viagem**

De acordo com o relato do padre João Lucena, durante uma viagem de S. Francisco Xavier, entre Cochim e Malaca, esgotou-se a reserva de água potável, pondo em causa a sobrevivência de toda a tripulação. O Santo pediu que o içassem fora de borda, deixando-o tocar as ondas, que abençoou, e mandou descer potes de loiça, onde recolheram a água do mar que, miraculosamente, se transformou em água doce.

Gravura 9 – São Francisco Xavier aplacando a sede dos companheiros de viagem.<sup>164</sup>



André Reinoso (activo 1610-1641) e colaboradores  
1619  
Óleo sobre tela  
Lisboa, igreja de S. Roque, sacristia

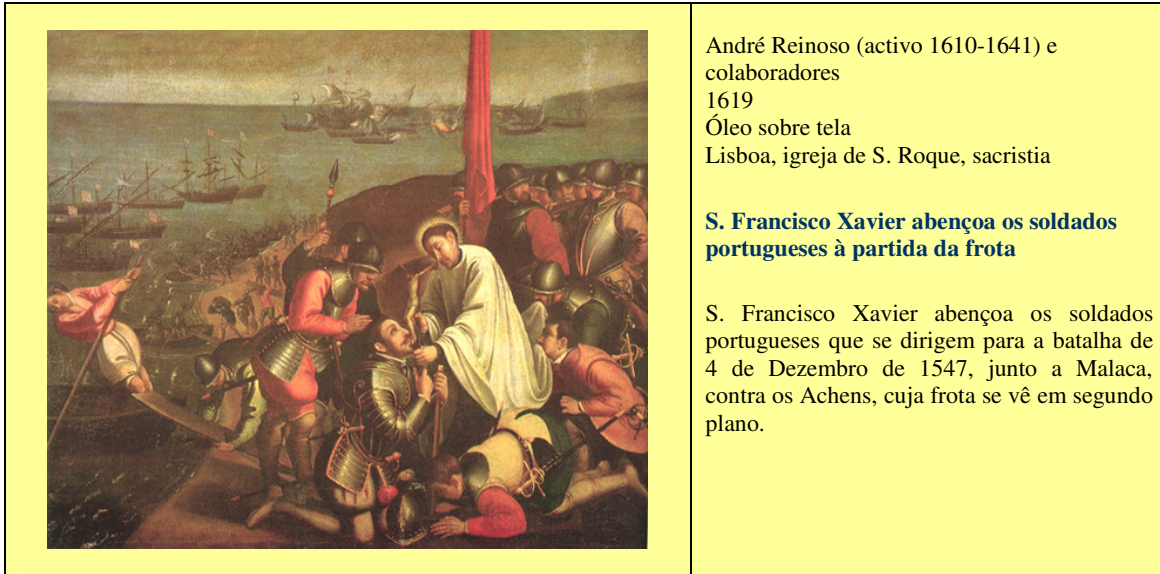
#### **Tentação de S. Francisco Xavier pelos demónios**

Ajoelhado junto ao altar da Virgem, S. Francisco Xavier é açoitado por três demónios.

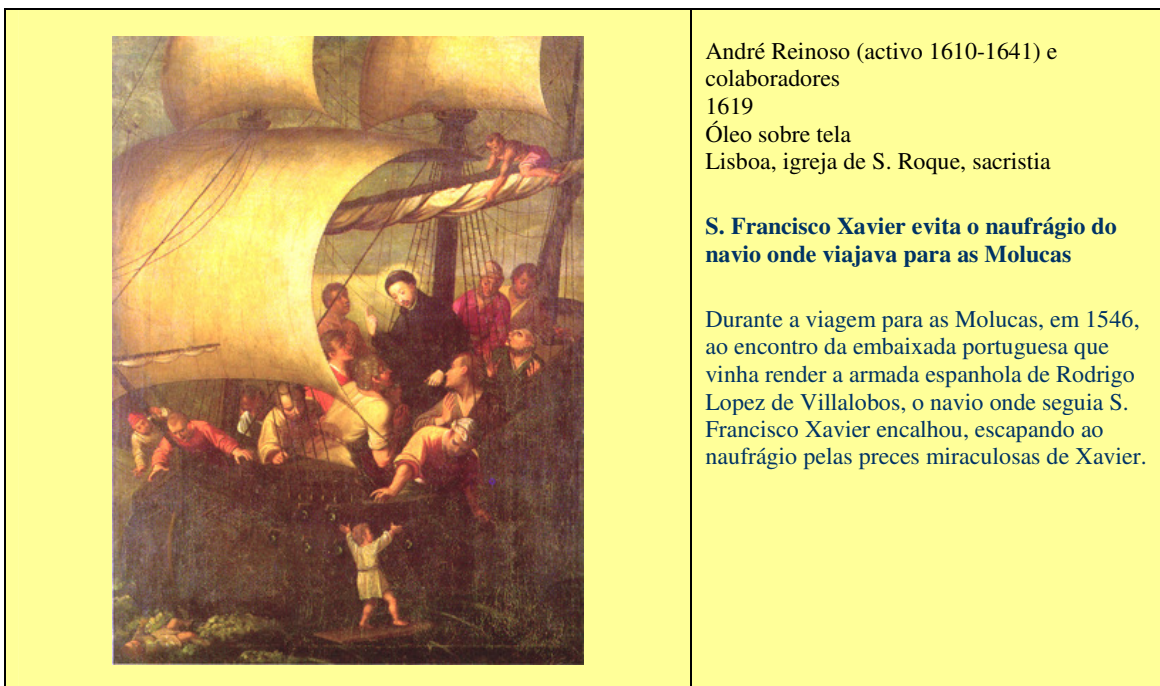
Gravura 10 – Tentação de São Francisco Xavier pelos demónios.<sup>165</sup>

<sup>164</sup> Imagem e texto consultados em 3-11-2008 nos endereços <http://www.sfx.eventos.lisboa.ucp.pt/img/sfx09.jpg> e <http://www.sfx.eventos.lisboa.ucp.pt/html/reinoso-09.html>, respectivamente.

<sup>165</sup> Imagem e texto consultados em 3-11-2008 nos endereços <http://www.sfx.eventos.lisboa.ucp.pt/img/sfx10.jpg> e <http://www.sfx.eventos.lisboa.ucp.pt/html/reinoso-10.html>, respectivamente.



Gravura 11 – São Francisco Xavier abençoando os soldados portugueses na partida da frota junto a Malaca.<sup>166</sup>



Gravura 12 – São Francisco Xavier evitando o naufrágio da nau de Diogo Gomes, em que viajava para as Molucas.<sup>167</sup>

<sup>166</sup> Imagem e texto consultados em 3-11-2008 nos endereços <http://www.sfx.eventos.lisboa.ucp.pt/img/sfx11.jpg> e <http://www.sfx.eventos.lisboa.ucp.pt/html/reinoso-11.html>, respectivamente.

<sup>167</sup> Imagem e texto consultados em 3-11-2008 nos endereços <http://www.sfx.eventos.lisboa.ucp.pt/img/sfx12.jpg> e <http://www.sfx.eventos.lisboa.ucp.pt/html/reinoso-12.html>, respectivamente.



André Reinoso (activo 1610-1641) e colaboradores  
1619  
Óleo sobre tela  
Lisboa, igreja de S. Roque, sacristia

#### **S. Francisco Xavier e o milagre do caranguejo na ilha de Ceram**

De acordo com o relato do padre João Lucena, durante uma viagem de S. Francisco Xavier, entre as ilhas de Amboíno e Ceram, levantou-se uma forte tempestade no mar. O Santo começou a rezar, erguendo na mão o crucifixo, que lhe fora oferecido por Santo Inácio. A tempestade acalmou, mas uma onda arrebatou-lhe o crucifixo, o que causou grande desgosto ao Santo; contudo, logo que a tormenta amainou e puderam aportar na praia, um caranguejo avançou pelo areal ao encontro de Xavier, trazendo-lhe o crucifixo preso nas pinças.

Gravura 13 – São Francisco Xavier e o milagre do caranguejo da ilha de Ceram.<sup>168</sup>



André Reinoso (activo 1610-1641) e colaboradores  
1619  
Óleo sobre tela  
Lisboa, igreja de S. Roque, sacristia

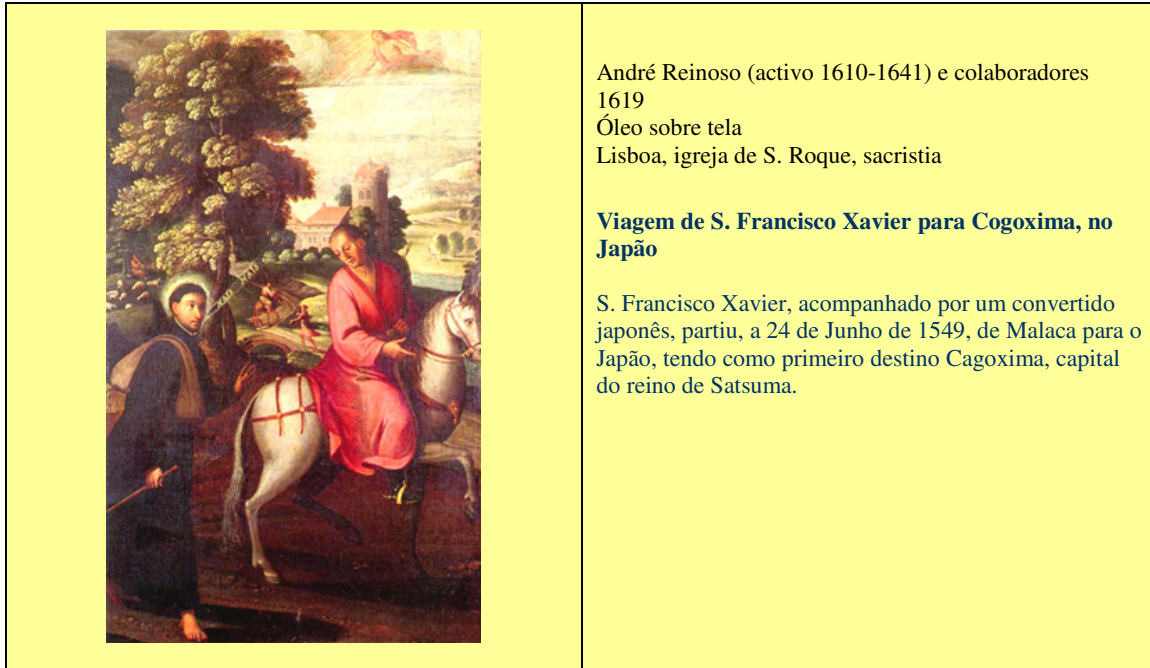
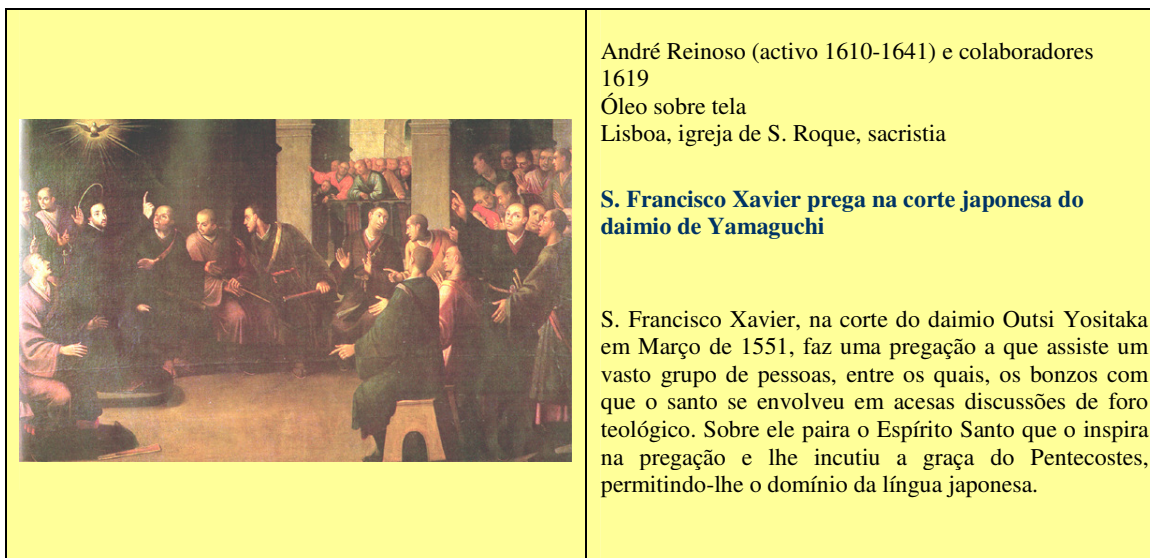
#### **S. Francisco Xavier imprecando os invasores Badegás em Comorim**

S. Francisco Xavier, opondo-se à invasão dos Badegás, que ameaçavam a missão jesuítica na Índia, conseguiu por meio de violentas imprecções a sua debandada, bem como a conversão de mais gentios.

Gravura 14 – São Francisco Xavier imprecando os invasores badegás em Comorim (ou os paravas em Travancore).<sup>169</sup>

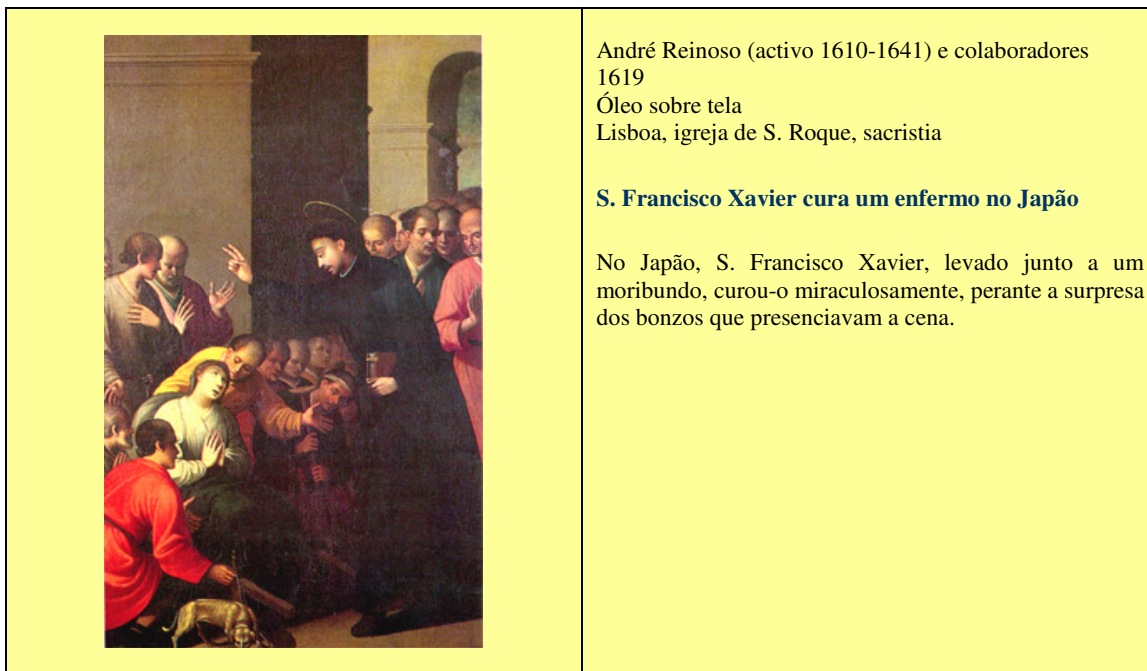
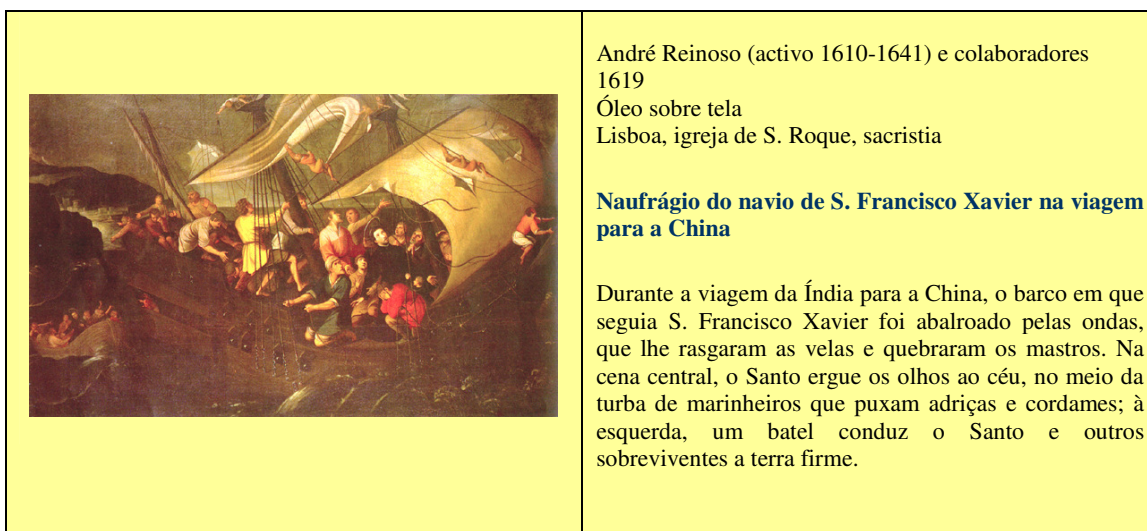
<sup>168</sup> Imagem e texto consultados em 3-11-2008 nos endereços <http://www.sfx.eventos.lisboa.ucp.pt/img/sfx13.jpg> e <http://www.sfx.eventos.lisboa.ucp.pt/html/reinoso-13.html>, respectivamente.

<sup>169</sup> Imagem e texto consultados em 3-11-2008 nos endereços <http://www.sfx.eventos.lisboa.ucp.pt/img/sfx14.jpg> e <http://www.sfx.eventos.lisboa.ucp.pt/html/reinoso-14.html>, respectivamente.

Gravura 15 – Viagem de São Francisco Xavier para Cogoxima, no Japão.<sup>170</sup>Gravura 16 – São Francisco Xavier pregando na corte japonesa do príncipe de Yamaguchi.<sup>171</sup>

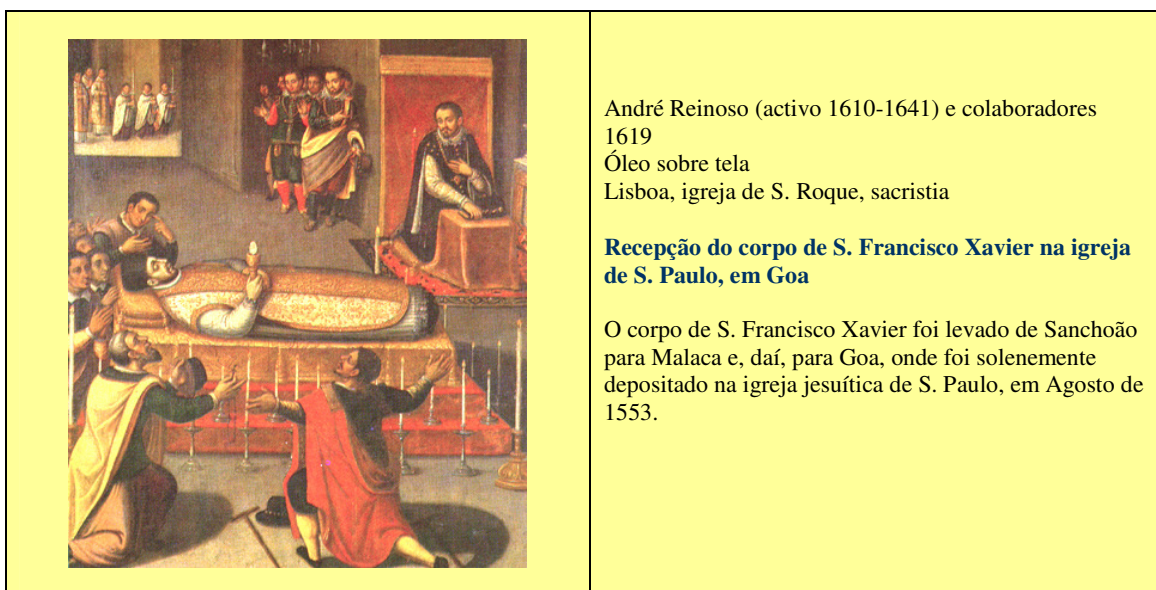
<sup>170</sup> Imagem e texto consultados em 3-11-2008 nos endereços <http://www.sfx.eventos.lisboa.ucp.pt/img/sfx15.jpg> e <http://www.sfx.eventos.lisboa.ucp.pt/html/reinoso-15.html>, respectivamente.

<sup>171</sup> Imagem e texto consultados em 3-11-2008 nos endereços <http://www.sfx.eventos.lisboa.ucp.pt/img/sfx16.jpg> e <http://www.sfx.eventos.lisboa.ucp.pt/html/reinoso-16.html>, respectivamente.

Gravura 17 – São Francisco Xavier curando um enfermo, no Japão.<sup>172</sup>Gravura 18 – Naufrágio do navio de São Francisco Xavier na viagem de regresso do Japão para a China.<sup>173</sup>

<sup>172</sup> Imagem e texto consultados em 3-11-2008 nos endereços <http://www.sfx.eventos.lisboa.ucp.pt/img/sfx17.jpg> e <http://www.sfx.eventos.lisboa.ucp.pt/html/reinoso-17.html>, respectivamente.

<sup>173</sup> Imagem e texto consultados em 3-11-2008 nos endereços <http://www.sfx.eventos.lisboa.ucp.pt/img/sfx18.jpg> e <http://www.sfx.eventos.lisboa.ucp.pt/html/reinoso-18.html>, respectivamente.

Gravura 19 – Morte de São Francisco Xavier na Ilha de Sanchoão.<sup>174</sup>Gravura 20 – Recepção do corpo de São Francisco Xavier na Igreja de São Paulo de Goa.<sup>175</sup>

<sup>174</sup> Imagem e texto consultados em 3-11-2008 nos endereços <http://www.sfx.eventos.lisboa.ucp.pt/img/sfx19.jpg> e <http://www.sfx.eventos.lisboa.ucp.pt/html/reinoso-19.html>, respectivamente.

<sup>175</sup> Imagem e texto consultados em 3-11-2008 nos endereços <http://www.sfx.eventos.lisboa.ucp.pt/img/sfx20.jpg> e <http://www.sfx.eventos.lisboa.ucp.pt/html/reinoso-20.html>, respectivamente.

### **3.3.2. Sinais do cultural e devocional Xavieriano nas relíquias e outros objectos devocionais.**

Não querendo fazer qualquer juízo de valores no que respeita à relação dos fieis com as relíquias, poderemos no entanto afirmar que a sua existência constitui elemento potenciador da devoção, na medida em que permite a estes fieis estar em contacto directo com os santos da sua veneração ou com objectos que por ele foram utilizados, o que nos leva a referir a existência de duas classes de relíquias: as corpóreas e as de contacto. As primeiras são constituídas por partes do corpo e as segundas por objectos com os quais o santo terá estado em contacto, como sejam as peças de vestuário e outros objectos por ele utilizados.

Tendo passado por diversos momentos altos, na sua generalidade verifica-se que, ao longo dos tempos, estes objectos terão perdido parte da sua carga mística, sendo mesmo que, actualmente, muitos são considerados meras peças de colecção, estando na posse de coleccionadores particulares ou de museus.

No que respeita directamente a S. Francisco Xavier, Maria Cristina Osswald informa-nos que a distribuição de relíquias suas, compreendidas em ambas as categorias, terá tido o seu início mesmo antes de ocorrer a sua beatificação, pois já em 1614 o seu braço direito, aquele com que baptizava, foi separado do corpo por solicitação do Geral Cláudio Acquaviva. O antebraço foi então levado para Itália, em 1615, estando desde então alojado no *Il Gesù*. A parte inferior do braço foi dividida em diversas relíquias que foram distribuídas por diversas casas da Companhia de Jesus<sup>176</sup>. Mas talvez a mais importante relíquia seja o corpo preservado de S. Francisco Xavier, que repousa numa urna no interior da Basílica do Bom Jesus, em Velha Goa. Venerado por muitos, o corpo do Santo é exposto aos fieis a cada dez anos, numa cerimónia que atrai visitantes de todas as partes do globo e de vários credos.

---

<sup>176</sup> Cf. Maria Cristina Osswald, Op. Cit., pp. 125-126.

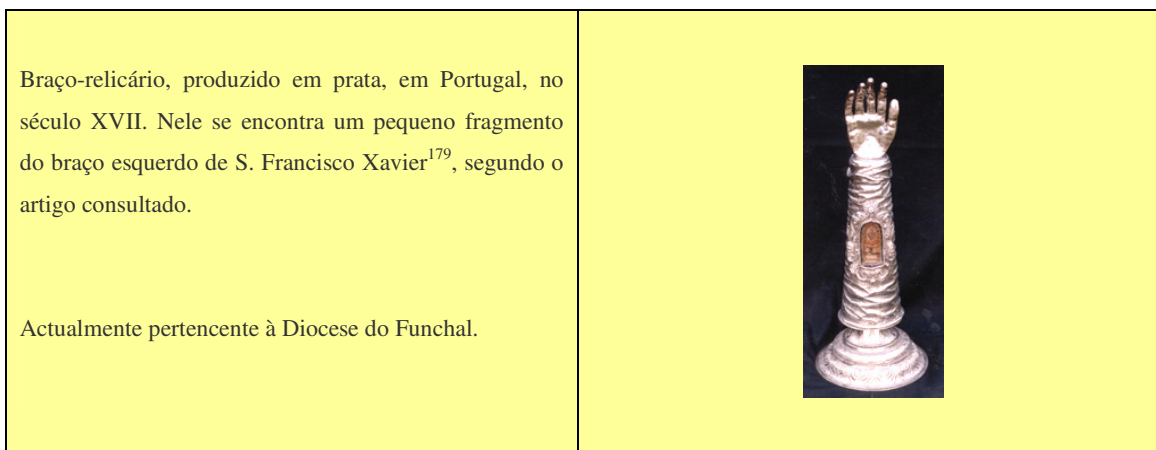
Para além das relíquias encontramos outros objectos devocionais que podem assumir qualquer forma e ter inúmeras utilidades mas que, não possuindo as características místicas que aquelas possuem, pela simbologia de que são portadores tornam-se objectos que potenciam a veneração ao Santo, contribuindo assim para a consolidação do culto e da devoção. Mas vejamos alguns exemplos.



Gravura 21 – Corpo de S. Francisco Xavier.<sup>178</sup>

<sup>177</sup> Esta será, sem dúvida, a relíquia mais importante de S. Francisco Xavier. O seu corpo, que resiste ainda ao passar dos séculos, dá aos crentes a oportunidade de uma rara proximidade física, emocional e religiosa.

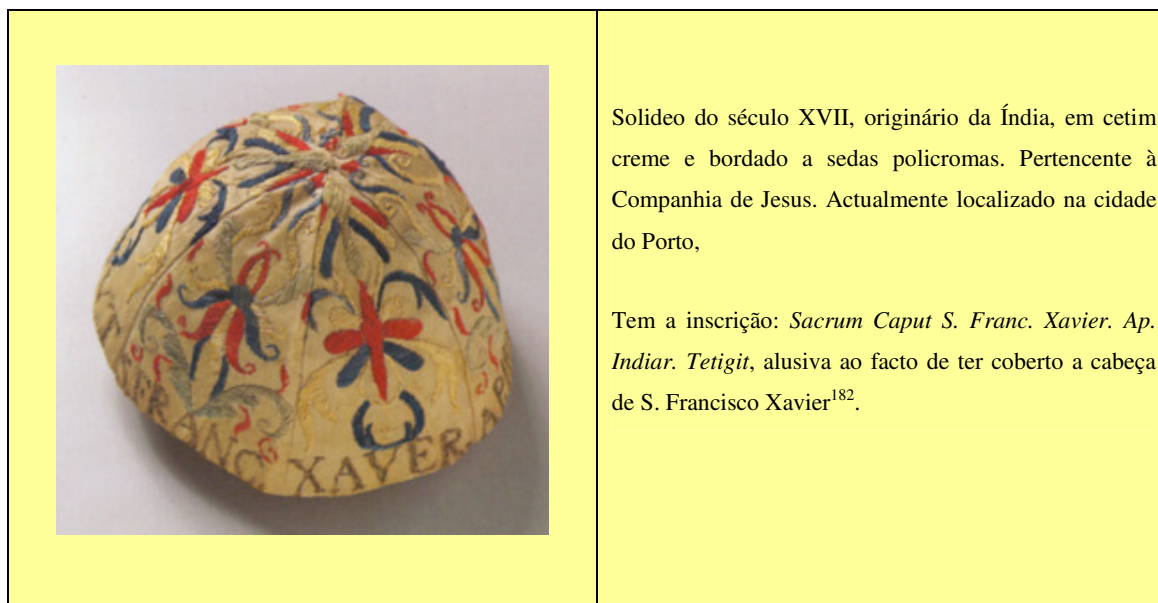
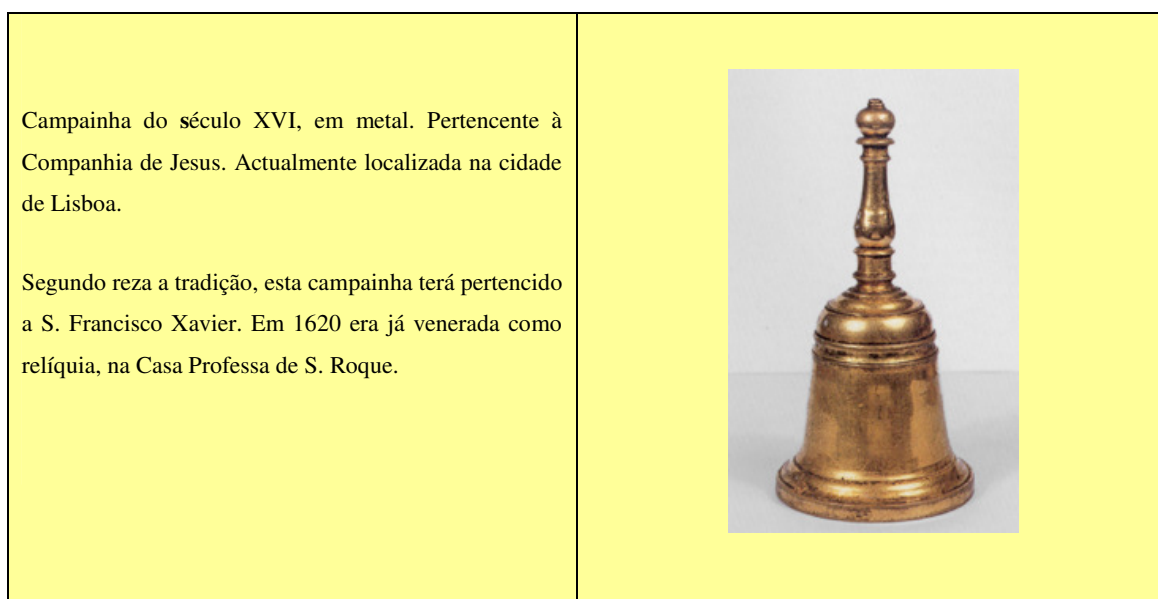
<sup>178</sup> Imagem e texto consultados em 29-11-2008 no endereço:  
[http://www.sfx.eventos.lisboa.ucp.pt/html/reliquia\\_01.html](http://www.sfx.eventos.lisboa.ucp.pt/html/reliquia_01.html).

Gravura 22 – Braço-relicário (reliquia corpórea)<sup>180</sup>Gravura 23 – Templete-relicário (reliquia corpórea)<sup>181</sup>

<sup>179</sup> Esta informação parece estar em contradição com a fornecida por Maria Cristina Osswald, que afirma: “ [...] a distribuição de relíquias corpóreas e de contacto de Francisco Xavier iniciou-se verdadeiramente nos anos antecedendo a sua beatificação. Destaca-se em 1614 a separação do seu braço direito, aquele com o qual o Santo baptizava, a pedido do Geral Cláudio Acquaviva. A parte inferior do braço (o antebraço) foi levada para il Gesù em 1615, onde ainda se conserva. A parte superior do braço foi dividida em várias relíquias ex brachio, as quais foram distribuídas por casas jesuítas, incluindo as missões em Macau, Cochim e no Japão também em 1619.[...]”. Cf., Maria Cristina Osswald, Op. Cit., pp. 125-126.

<sup>180</sup> Imagem e texto consultados em 29-11-2008 no endereço [www.sfx.eventos.lisboa.ucp.pt/html/reliquia\\_02.html](http://www.sfx.eventos.lisboa.ucp.pt/html/reliquia_02.html).

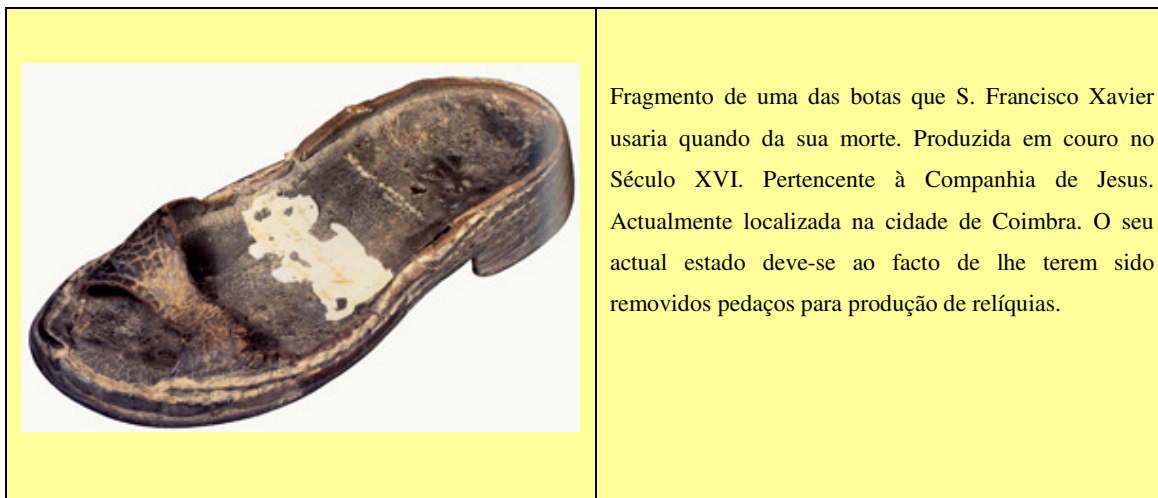
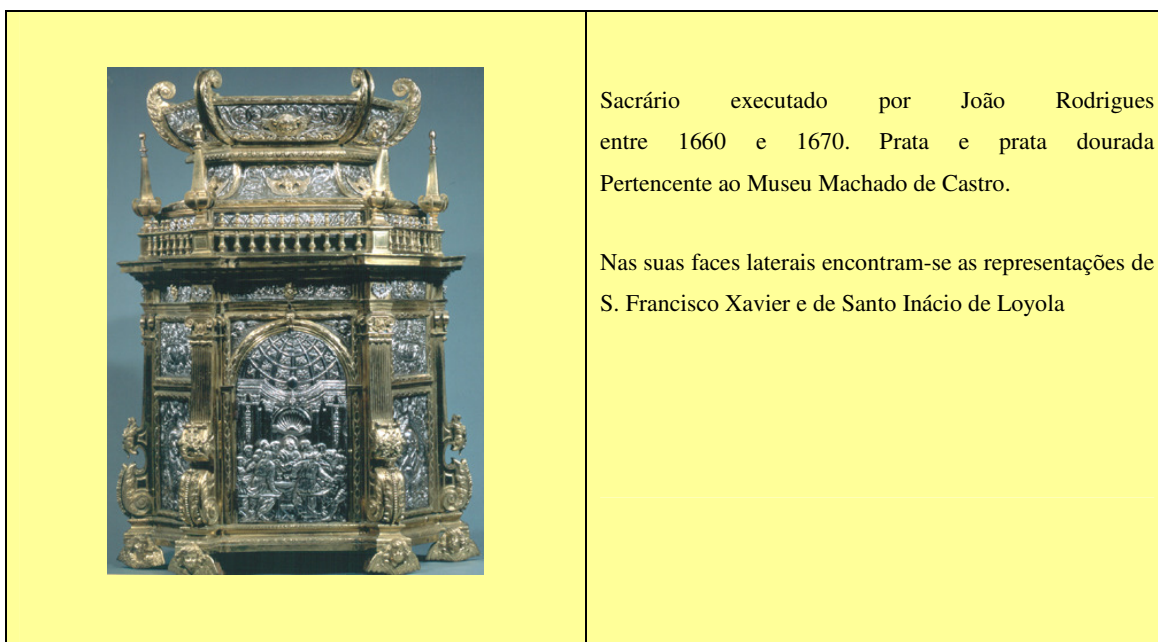
<sup>181</sup> Imagem e texto consultados em 29-11-2008 no endereço [www.sfx.eventos.lisboa.ucp.pt/html/reliquia\\_03.html](http://www.sfx.eventos.lisboa.ucp.pt/html/reliquia_03.html).

Gravura 24 – Solideo (reliquia de contacto)<sup>183</sup>Gravura 25 – Campainha (reliquia de contacto)<sup>184</sup>

<sup>182</sup> Parece existir aqui uma contradição. Se o Solideo é, no artigo, datado do século XVII, não poderá ter coberto a cabeça de S. Francisco Xavier, que faleceu em 1552, no século XVI. Uma hipótese será a de ter coberto a cabeça do Santo na sua urna funerária, mas a informação fornecida é insuficiente para que tal se possa concluir.

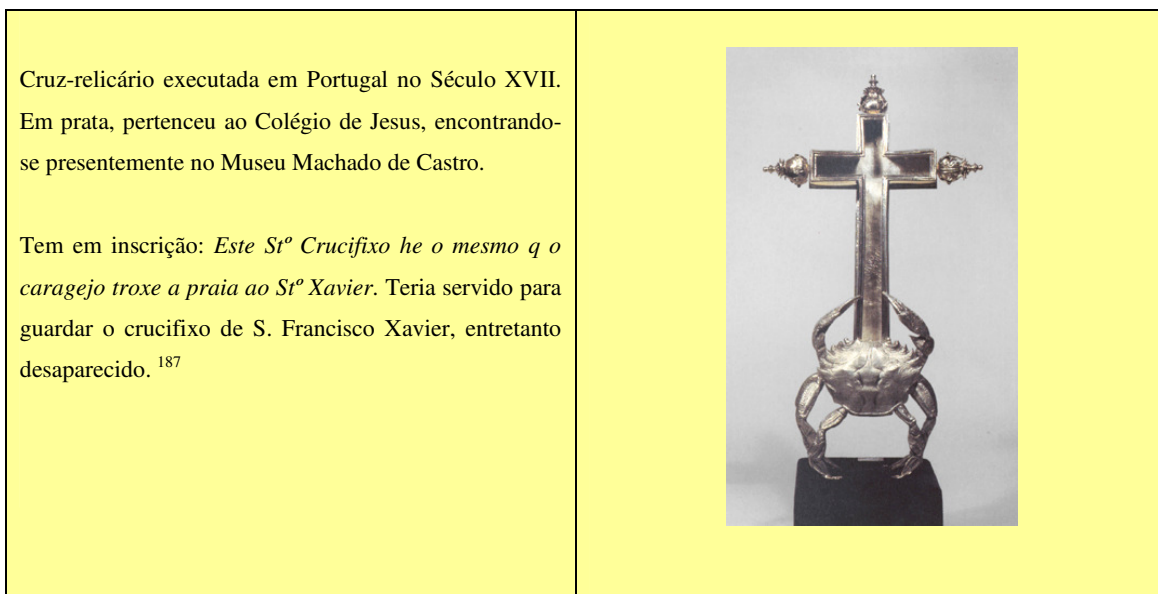
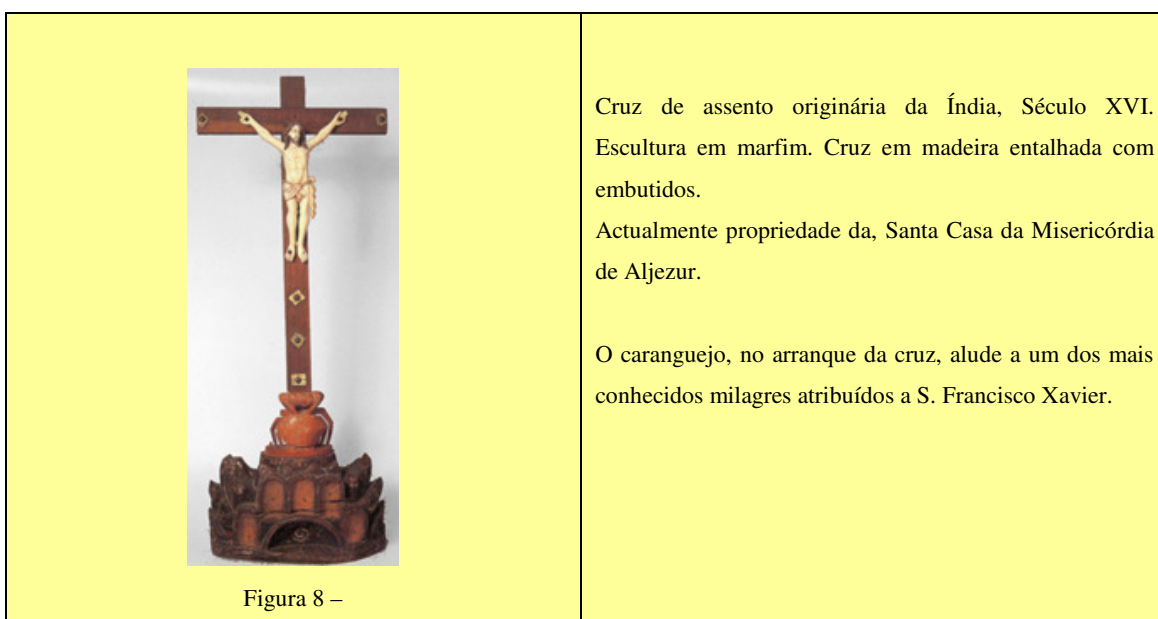
<sup>183</sup> Imagem e texto consultados em 29-11-2008 no endereço [www.sfx.eventos.lisboa.ucp.pt/html/reliquia\\_05.html](http://www.sfx.eventos.lisboa.ucp.pt/html/reliquia_05.html).

<sup>184</sup> Imagem e texto consultados em 29-11-2008 no endereço [www.sfx.eventos.lisboa.ucp.pt/html/reliquia\\_07.html](http://www.sfx.eventos.lisboa.ucp.pt/html/reliquia_07.html).

Gravura 26 – Fragmento de bota de S. Francisco Xavier (reliquia de contacto) <sup>185</sup>Gravura 27 – Sacrário (objecto devocional) <sup>186</sup>

<sup>185</sup> Imagem e texto consultados em 29-11-2008 no endereço [www.sfx.eventos.lisboa.ucp.pt/html/reliquia\\_07.html](http://www.sfx.eventos.lisboa.ucp.pt/html/reliquia_07.html).

<sup>186</sup> Imagem e texto consultados em 29-11-2008 no endereço [www.sfx.eventos.lisboa.ucp.pt/img/g\\_ob-dev\\_01.jpg](http://www.sfx.eventos.lisboa.ucp.pt/img/g_ob-dev_01.jpg).

Gravura 28 – Cruz-relicário (objecto devocional)<sup>188</sup>Gravura 29 – Cruz de Assento (objecto devocional)<sup>189</sup>

<sup>187</sup> Texto consultado em 29-11-2008 em [www.sfx.eventos.lisboa.ucp.pt/html/ob-devocional\\_02.html](http://www.sfx.eventos.lisboa.ucp.pt/html/ob-devocional_02.html).

<sup>188</sup> Imagem consultada em 29-11-2008 no endereço [www.sfx.eventos.lisboa.ucp.pt/img/g\\_ob-dev\\_02.jpg](http://www.sfx.eventos.lisboa.ucp.pt/img/g_ob-dev_02.jpg).

<sup>189</sup> Imagem e texto consultados em 29-11-2008 no endereço [http://www.sfx.eventos.lisboa.ucp.pt/html/ob-devocional\\_03.html](http://www.sfx.eventos.lisboa.ucp.pt/html/ob-devocional_03.html).

Medalhão-relicário originário da Índia, Século XVII.  
Pintura a óleo sobre cobre. Actualmente pertencente à  
Companhia de Jesus.

Tem como inscrição: *Carta de S. Fr.co Xavier a el rei  
D. Iuão. 3º em qve lhe prophetiza a morte escrita na  
India em 26. de Ianeiro de 1549.*<sup>190</sup>



Figura 9 –

Gravura 30 – Medalhão-relicário (objecto devocional)<sup>191</sup>

Vimos assim, ao longo deste capítulo, os traços do homem e os traços do culto a S. Francisco Xavier, verificámos como nos eram traduzidas as vivências do Santo pelas vozes que escutávamos desde o início do estudo, verificámos a existência de cultualidades ao Santo e ao homem, através dos testemunhos coevos e pelos milagres por ele praticados, para finalizarmos com a análise dos traços do visível na cultualidade Xavieriana. Teremos agora de adicionar esta informação à proveniente das análises levadas a cabo nos anteriores capítulos, para que possamos retirar deste estudo as devidas conclusões.

<sup>190</sup> Texto consultado em 29-11-2008 em [www.sfx.eventos.lisboa.ucp.pt/html/ob-devocional\\_04.html](http://www.sfx.eventos.lisboa.ucp.pt/html/ob-devocional_04.html).

<sup>191</sup> Imagem consultada em 29-11-2008 no endereço [www.sfx.eventos.lisboa.ucp.pt/img/g\\_ob-dev\\_04.jpg](http://www.sfx.eventos.lisboa.ucp.pt/img/g_ob-dev_04.jpg).

## CONCLUSÃO

“ [...] *Defembarcam o dia seguinte na ermida de nossa Senhora de Rebandar já dentro do rio, & meya legoa de Goa. Aqui repofáram a noite antes da festa feira de Lazaro, por dar tempo á cidade, que se fazia preffes pera aquellas derradeiras mostras de quanto deuia, & queria ao padre Francisco. E foram sem duuida muyto maiores as festas do recebimento, se a prudência, & modestia do padre Mestre Belchior nam atalhara á grande deuaçam do Viforey dõ Afonso de Noronha. [...]*”.

**P.º João de Lucena**, *Historia da vida do padre Francisco de Xavier: e do que fizeram na Índia os mais religiosos da Companhia de Iesu*, p. 901.

Ao longo deste estudo escutámos as vozes que nos falavam de S. Francisco Xavier, vozes que, partindo das centúrias de Quinhentos e de Seiscentos, chegaram aos nossos dias, dispostas a partilhar uma vez mais os seus relatos com todos aqueles que estiverem na disposição de as ouvir. Constatámos ainda que as obras literárias onde estas vozes estão registadas se filiam na perfeição nos conceitos de memória e de história, que são membros de pleno direito do património universal e que, numa dualidade perfeita, celebram e são objecto de celebração.

Constatámos assim que a crescente divulgação e disseminação de obras literárias, opúsculos e folhetos, graças à utilização da imprensa de caracteres móveis, terá permitido não apenas a divulgação de novas mensagens, como terá igualmente incentivado a produção de novas obras. A perenidade destas mensagens saiu igualmente beneficiada, na medida em que um maior número de exemplares de uma mesma obra aumenta exponencialmente as possibilidades de que alguns resistam ao passar dos tempos.

Estabelecemos a filiação de um número considerável de obras no universo da literatura de temática Xavieriana e, destas, procedemos a uma análise mais detalhada de quatro que elegemos como sendo mais representativas para o nosso estudo e passíveis de nos fornecerem mais respostas às nossas dúvidas. A análise às nossas fontes sugeriu-nos uma forma de classificação para a literatura de temática Xavieriana, aplicável ao período de tempo em estudo, classificação esta que se baseia em dois eixos analíticos concretos: a Tipologia e o Período. A primeira organiza esta produção literária em cinco categorias, de acordo com a sua mensagem: Textos Próprios, Biografias, Celebrações, Culturais e Moralizantes; o segundo ordena-a temporalmente, criando cinco momentos distintos de produção: os períodos Inicial, da Beatificação, intermédio, da Canonização e o período de Consolidação. Com esta classificação pretendemos criar uma forma imediata de entendimento mais lato sobre cada uma das obras, pois a Tipologia e o Período remetem para um tipo preciso de mensagem e para um período histórico concreto e bem definido.

Aprofundámos ainda os nossos conhecimentos sobre a pedra basilar das obras produzidas em Portugal dentro desta temática: a *“História da Vida do Padre Francisco de Xavier”*, de autoria do também jesuíta João de Lucena, personagem histórica a quem demoradamente visitámos. Procurámos sinais do homem e evidências do culto ao Santo, por entre as vozes que havíamos identificado, recolhendo as evidências das culturalidades do homem e dos milagres que operou em nome de Deus. Mas porque a escrita não constituía uma forma de transmissão de mensagens acessível a uma grande maioria da população da época, mesmo que fosse já escrita em português muita da literatura Xavieriana, pois essa maioria não saberia ler nem teria um acesso facilitado às obras, procurámos outras formas de transmissão revelando os sinais do visível cultural e devocional a S. Francisco Xavier nos ciclos pictóricos que retratam a sua vida, e nos discursos que nos são feitos pelas suas relíquias e objectos devocionais.

No sentido de correctamente apreendermos e decifrarmos as mensagens que pelas fontes nos eram transmitidas, abordámo-las vestindo a pele de um homem dos séculos XVI e XVII, tomando-lhes de empréstimo as vivências, os sentimentos e as percepções do mundo, analisando-as depois à luz dos conhecimentos, filosofias e metodologias

actuais, para que delas pudéssemos retirar não apenas conhecimento directos, mas igualmente aqueles que indirecta e inconscientemente são veiculados.

No cômputo geral, as fontes consultadas traçam-nos uma clara caracterização de S. Francisco Xavier, revelando-o como um homem dotado de uma vontade férrea, de um despojamento total no que respeita aos bens terrenos, ao conforto físico e mesmo à sua saúde, um homem capaz de uma obediência total às hierarquias, capaz de abraçar projectos megalómanos com uma simplicidade e determinação desconcertantes, dotado de um intelecto superior, intelecto este que lhe permitiu cursar a universidade, relacionar-se com as mais altas instâncias políticas, civis e eclesiásticas do seu tempo, e ainda dominar tantos idiomas e dialectos quantos os que lhe foram necessários para comunicar com as populações autóctones de grande número de reinos e etnias. Francisco Xavier, como homem do século XVI, teve ainda a ventura de ter estado presente nos palcos onde se protagonizaram alguns dos acontecimentos que, neste período, motivaram profundas e permanentes alterações nos campos histórico, social e político, sendo mesmo, pelo período de dez anos, um dos principais actores desta gesta, que tão importante foi para Portugal. No campo espiritual é-nos descrito como sendo possuidor de uma profunda fé e devoção a Deus, de um grande amor fraternal para com o seu semelhante, um homem revestido já de tal santidade que Deus opera milagres por seu intermédio. Estas suas qualidades terão sido, sem dúvida, a base de sustentação de todos os acontecimentos e movimentos posteriores, que levaram à sua beatificação e canonização, ao culto e devoção que lhe foram, e ainda são, dedicados, e em ultima instância à popularidade de que tem gozado ao longo dos tempos.

Para a Companhia de Jesus terá sido um motivo de grande orgulho e razão de sentimento de cumprimento da sua missão o facto de dispor, de entre as suas fileiras, de vultos Universalmente reconhecidos como o foram S. Francisco Xavier e Santo Inácio de Loyola, seu ideólogo e fundador. Como será de esperar, a Companhia não se poupou a esforços no sentido de os promover, quer internamente, incentivando os seus membros, especialmente os mais novos, a seguirem os seus exemplos de vida e de santidade, quer para o mundo, consolidando assim, à vista de todos, o nome e a obra da congregação.

Para a Santa Sé, que recuperava das consequências da cisão provocada pela Reforma protestante, as vidas e obras destes santos constituíam fortes argumentos e valiosos estandartes de que tanto necessitava para o conseqüente movimento da Contra-reforma, verdadeiros sinais de vitalidade e confiança nos desígnios da Igreja Católica.

Também as instituições civis se interessaram pelo processo de beatificação e canonização de S. Francisco Xavier, e nele tiveram, de alguma forma, algum tipo de intervenção, tenha ela sido de forma directa ou indirecta, pois disso nos informa a própria Companhia de Jesus<sup>1</sup>. De uma forma geral interessava aos monarcas dos reinos católicos, pois que por auxilio à Santa Sé, estavam também eles fortemente empenhados no movimento da Contra-reforma, mas era sobretudo importante para Espanha e a para Portugal, reinos que à altura partilhavam a mesma coroa, pois se o primeiro foi país de nascimento do Santo, o segundo terá sido o seu país adoptivo, em nome do qual tinha rumado a Oriente e que com ele tinha partilhado os sucessos e insucessos de uma expansão ultramarina. Que tenha havido um grande aproveitamento político destas canonizações não temos qualquer dúvida, mas este facto não pode, de forma e em tempo algum, ser apresentado como a única razão e a única motivação para a canonização de S. Francisco Xavier.

Poderemos, da seguinte forma, resumir os primórdios do culto e da devoção Xavierianas: um homem dotado de um carácter muito especial e de uma santidade irradiante que, através do seu exemplo de vida e da sua obra, associados a factores políticos e sociais exógenos, logrou atingir o reconhecimento da Igreja Católica, tornando-se um dos mais venerados de entre os seus Santos.

---

<sup>1</sup> Cf. S.a., *Relacam Geral das Festas qve fez a Religiaõ da Companhia de Iesus na Prouincia de Portugal, na canonizaçaõ dos gloriosos Sancto Ignacio de Loyola feu fundador, & S. Francisco Xauier Apoftolo da Índia Oriental, no anno de 1622*, Lisboa, Pedro Craesbeeck, 1623, fl. 1. De facto, logo no início do capítulo I, intitulado “*De como chegou a noua da Canonizaçaõ dos gloriosos Sanctos a Lisboa, & como foy recebida.*” o autor, que supomos seja um jesuíta, como já justificámos a páginas 40 deste estudo, em nota de rodapé com o número 48, o autor, dizíamos, informa-nos do interesse e das solicitações feitas ao Papa pelos monarcas dos reinos católicos, ao referir: “[...] *A infancia que as Magestades Catholicas do Emperador Fernão, & de elRey Felipe III, & da serenissima Raynha Margarita de Austria que Deos aja, & os Chriftianissimos Reys de França, com os mais Príncipes Chriftaõs, & Senhores do Império, fizeraõ à Sede Apostolica pela Canonizaçaõ dos gloriosos S. Ignacio de Loyola Fundador da fagrada Religiaõ da Companhia de Iesus, & do bẽ-aventurado Francisco Xauier, hum de feus primeiros dez Companheiros, se moueo a sanctidade de noſſo Senhor o Papa Gregorio decimo quinto aos canonizar afsi por ſtiffazer a tam justa, & santa petiçaõ de tantos Reys, & Príncipes, que lho requeriaõ como por fazer esta ſingular merce, & fauor à Companhia, que tanto defejaua para honra, & gloria de Deos, [...]*”.

## APÊNDICE

## **APÊNDICE ÚNICO**

**Enquadramento histórico dos acontecimentos mais marcantes  
no período em estudo.**

**Tabela cronológica - de 1502 a 1640**

Enquadramento histórico dos acontecimentos mais marcantes no período em estudo.  
Tabela cronológica - de 1502 a 1640

	S. Francisco Xavier	João de Lucena	Política	Religião	Obras literárias
1502					Edição portuguesa da obra de Marco Polo - <i>Marco Paulo Ho Livro de Nicolao Veneto</i>
1506	Nasce a 7 de Abril				
1521			Morte de D. Manuel I – Sobe ao trono D. João III	Excomunhão de Martinho Lutero	
1536				Introdução da Santa Inquisição em Portugal	
1537	Ordenado sacerdote em Veneza				
1540			D. João III pede ajuda à Companhia de Jesus para a evangelização da Índia	Aprovada a Companhia de Jesus pelo Papa Paulo III	Edição de <i>Ho Preste loam da Índia</i> , do padre Francisco Álvares.
1541	Embarca para a Índia		Partida para a Índia da armada de Martim Afonso de Sousa		
1549	Chega ao Japão	Nasce a 27 de Dezembro			
1551					1ª Edição da <i>História do Descobrimento e Conquista da Índia pelos Portugueses</i> , de Fernão Lopes de Castanheda
1552	Morre a 3 de Dezembro				Início da publicação das <i>Décadas da Ásia</i> , de João de Barros
1557			Morte de D. João III – Regência de D. Catarina		
1563					Edição do <i>Coloquio dos Simples e das Drogas</i> , de Garcia de Orta
1565		Entra para a Companhia de Jesus a 14 de Março			
1566					1ª Edição da <i>Crónica do Felicissimo rei D. Manuel</i> , de Damião de Gois
1568			D. Sebastião sobe ao trono		
1572					1ª Edição da obra <i>Os Lusíadas</i> , de Luiz Vaz de Camões
1578			Morte de D. Sebastião – D. Henrique sobe ao trono		
1580			Morte de D. Henrique – Aclamação de D. António – Batalha de Alcântara		
1581			Filipe II é jurado Rei de Portugal		
1598			Morte de Filipe II – Início do reinado de Filipe III		
1600					1ª Edição da <i>Vida do Padre Francisco de Xavier...</i> de João de Lucena
1602		Morre a 2 de Outubro			
1614					1ª Edição da <i>Peregrinação</i> de Fernão Mendes Pinto
1619	Considerado bem-aventurado (beatificado)				
1620					Edição portuguesa da Vida de S. Francisco Xavier, de Torsellino
1621			Morte de Filipe III – Início do reinado de Filipe IV		Edição de obras sobre os festejos da Beatificação de S. Francisco Xavier
1622	Canonizado a 12 de Março				Edição de obras sobre os festejos da Canonização de S. Francisco Xavier
1640			Restauração – Início do reinado de D. João IV		

## FONTES IMPRESSAS E BIBLIOGRAFIA

### Fontes Impressas

CARVALHO, Jerónimo Ribeiro de, *Sermão do apóstolo do Oriente S. Francisco Xavier / que fez no Collegio de Sancto Antão o P.e M. Hieronymo Ribeyro da Companhia de Jesus: anno de 1644*, Lisboa, Officina de Domingos Lopes Rosa, 1645.

CUTILLAS, P.<sup>e</sup> Francisco, *Cartas de S. Francisco Xavier: em que se dexa ver um vivo retrato de su fervoroso espiritu*, Madrid, Imprenta de la Viuva de Manuel Fernandez, 1549.

FARIA, Tomé de, *Sermaõ que fez no Collegio de S. Antam da Companhia de Jesu, da Cidade de Lixboa, o Illustrissimo Senhor Dom Frey Thome de faria Bispo de targa, da Ordem de nossa Senhora do Carmo, aos 7. de Agosto de 622 : no Oitavario das festas da canonização de sancto Ignacio de Layola fundador, & Patriarcha da Companhia de Jesu, & de S. Francisco Xavier Confessor & Apóstolo do Oriente da mesma Companhia*, Lisboa, Geraldo da Vinha, 1624.

FRANCO, P.<sup>e</sup> António, *Imagem da virtude em o noviciado da Companhia de Jesus no Real Collegio de Jesus de Coimbra em Portugal*, Évora, Officina da Universidade, 1719.

LANCICIUS, Nicolaus, RUBENS, Petrus Paulus, (Grav.), BARBE, Jean Baptiste, (Grav.), *Vita Beati P. Ignatii Loiolae Societatis Iesv Fvndatoris*, Roma, 1609.

LANCICIUS, Nicolaus, RUBENS, Petrus Paulus, (Grav.), BARBE, Jean Baptiste, (Grav.), *Vita Beati P. Ignatii Loiolae Societatis Iesv Fvndatoris*, Roma, 1622.

LUCENA, João de, S.J., *Historia da vida do padre Francisco de Xavier: e do que fizeram na Índia os mais religiosos da Companhia de Iesu*, Lisboa, Pedro Crasbeeck, 1600.

LUCENA, João de, S.J., SANDOVAL, Alfonso de, S.J., (Trad.), *Historia dela vida del P. Francisco Xavier y delo que en la India Oriental hizieron los demas Religiosos de la Compañia de Jesus*, Sevilla, Francisco de Lyra, 1619.

MAGNANINI, Ottávio, *Vita del padre S. Francisco di Xavier della Compagnia di Giesu raccolta da vari scrittori, e ristretta in tre libri e data in luce ad istanza del Sig. Ottavio Magnanini*, Milano, Gio. Battista Piccaglia, 1622.

MASTRILLI, Pe. Manuel Francisco, LIMA, Pe. Manuel de, (Trad.), *Relacam de hvm prodigioso milagre qve o glorioso S. Francisco Xauier Apostolo do Oriête obrou na Cidade de Nápoles no anno de 1634*, Goa, Colégio de Rachol, 1636.

MONFORTE Y HERRERA, Fernando de, *Relacion de las fiestas que ha hecho el Colegio Imperial de la Compañia de Jesus de Madrid en la canonizacion de San Ignacio de Loyola, y S. Francisco Xavier*, Luis Sanchez, Madrid, 1622.

MONTEIRO, Manuel, *Brevissimo compendio da vida, & excellencias de S. Francisco de Xavier: com a sua devaçam de dez sextas feiras*, Lisboa, Na Officina de Antonio Craesbeeck, 1659.

NIEREMBERG, Juan Eusebio, *Honor del Gran Patriarca San Ignacio de Loyola, fundador da Compañia de Iesvs, en que se propone su vida, y la de su Dicipulo el Apostolo de las Indias S. Francisco Xavier*, Madrid, Maria de Quiñones, 1645.

OLIVEIRA, Henrique Valente de, *Gloriosos triunfos do grande apostolo do Oriente S. Francisco Xavier singulares favores deste nouo thaumaturgo para com algumas cidades d'Italia. Principalmente para com hum menino da cidade d'Aquila. Com hum excellente elogio em nome da cidade de Parma ao mesmo Santo*, Lisboa, Na officina de Henrique Valente de Oliveira, 1658.

OLIVEIRA, Henrique Valente de, *Prodigioso milagre de S. Francisco Xavier: saude restituída a Alexandre Philipuccio da Companhia de Jesus em 12 de Março de 1658: com huma devota novena ao mesmo Santo, muy poderosa para alcançar por sua intercessam grandes favores do Ceo*, Lisboa, Na Officina de Henrique Valente de Oliveira, 1659.

PERALTA CALDERON, D. Mathias de (Pseud.), “*El Apostol de las Indias y Nuevas Gentes*”, México, Imprenta de Agustín de Santiltevan, y Francisco Lupercio, 1661.

S.a., *Brevissimo compendio da vida, & excellencias de S. Francisco de Xavier da Companhia de Jesu Apostolo da India : com a sua Devaçam de dez Sestas feiras*, Lisboa, Na Officina de Antonio Craesbeeck, 1659.

S.a., *Principio de las reales fiestas, desta corte y villa de Madrid, en la santa canonizacion de su glorioso patron S. Isidro Labrador, con los otros quatro cõpañeros S. Ignacio de Loyola, fudador de la Compañia de Jesus, y S. Francisco Xavier su compañero, S. Teresa de Jesus fundadora de los Descalços Carmelitas, y de S. Phelipe Neri Florentin*, Barcelona, Esteban Liberós, 1622.

S.a., *Relacam Geral das Festas qve fez a Religiaõ da Companhia de Iefus na Prouincia de Portugal, na canonizaçaõ dos gloriosos Sancto Ignacio de Loyola feu fundador, & S. Francisco Xauier Apostolo da Índia Oriental, no anno de 1622*, Lisboa, por Pedro Craesbeeck, 1623.

S.a., *Relacion de las fiestas, que la Compañia de Jesu haze en la ciudad de Lisboa a la canonizacion de S. Inacio de Loyola feu fundador, y de S. Francisco Xavier Apostolo da Índia Oriental: comiençanse en 30. de Julio, y acabanse en 7. de Agosto*, Lisboa, Geraldo da Vinha, 1622.

S.a., *Relacion verdadera, de las solemnnes fiestas que se han celebrado en la ciudad de Roma à 18. de Março en las Canonizaciones de los Santos Isidro, San Ignacio, S. Francisco Xavier, Santa Teresa de Jesus, y San Felipe Neri, y de la entrada del Conde de Monterey en dicha ciudad*, Barcelona, Estevan Liberós, 1622.

S.a., *Relações das sumptuosas festas, com que a Companhia de Jesus da Provincia de Portugal celebrou a canonizaçaõ de S. Ignacio de Loyola, e S. Francisco Xavier nas Casas, e Collegios de Lisboa, Coimbra, Evora, Braga, Bragança, Villa-Viçosa, Porto, Portalegre, e nas ilhas da Madeira, e Terceira*, Lisboa, S.e., 1622.

S.a., *Sermam que pregou o P. F. Antonio Tavares em S. Roque Casa Professa da Companhia de Jesus da cidade de Lisboa a 3 de Agosto de 1622. na solemnissima festa que se fez â canonizaçaõ dos dous SS. Padres Ignacio de Loyola, & Francisco Xavier*, Lisboa, Geraldo da Vinha, 1622.

S.a., *Triunfo com que o Collegio de S. Antam da Companhia de Jesu da cidade de Lisboa, celebrou a beatificaçaõ do Santo Padre Francisco Xauier*, Lisboa, João Rodriguez, D. 1620.

SALGUEIRO, P.<sup>o</sup> Diogo Marques, *Relaçam das festas que a religiam da Companhia de Jesu fez em a cidade de Lisboa, na beatificaçam do beato P. Francisco de Xavier*, Lisboa, João Rodriguez, 1621.

TORSELLINO, Orazio, S.J., GUZMÁN, Pedro de, S.J., (Trad.), *Vida del P Francisco Xavier de la Compañia de Jesus*, Valladolid, Juan Godinez de Millis, 1600.

TORSELLINO, Orazio, S.J., GUZMÁN, Pedro de, S.J., (Trad.), *Vida del P Francisco Xavier*, Pamplona, Carlos de Labayen, 1620.

VILLACASTÍN, Tomás de, S.J, MÔTEIRO, Padre Diogo, (Trad.), *Compendio da vida, virtudes, e milagres do Beato Padre Francisco Xavier, Religioso da Companhia de Jesu Apostolo da India Oriental*, Lisboa, António Alvarez, 1620.

VITELLESCHI, Muzio, ALVIA de CASTRO, Fernando, (Trad.), *Traducion del compendio italiano de la vida del Santo Francisco Xavier*, Lisboa, Pedro Craesbeeck, 1630.

XAVIER, Francisco, Santo, *Epistolarum libri quatuor, ab Horatio Tursellino [...] in Latinum conversi ex Hispano*, Rotomages (Rouen), Apud Joannem de Manneville, 1659.

XAVIER, Francisco, Santo, *Epistolarum libri quatur*, Romae (Roma), Aloysium Zannetum, 1596.

XAVIER, Francisco, Santo, *Lettres du B. Père Saint François Xavier, de la Compagnie de Jesus, Apostre du Japon ; Traduites Par un Père de la Même Compagnie*, Paris, Sebastian Cramoizy, 1628.

XAVIER, Francisco, Santo, *Sancti Francisci Xaverii Epistolarum libri quatuor – Ab Horatio Tursellino in Latinum conversi ex Hispano*, Lugduni (Lyon), Franciscum la Hotiere, 1650.

## **Bibliografia**

### **Bibliografias, Dicionários e Enciclopédias**

AA. VV. O'NEILL, Charles E., S.I., DOMÍNGUEZ, Joaquín Maria, S.J., (Dirs.), *Diccionario Histórico de la Compañía de Jesús*, Roma - Institutum Historicum, Madrid - Universidad Pontifica Comillas, 2001, p. 2435.

AA. VV., CHORÃO, João Bigotte (Dir.), *Enciclopédia Verbo*, Lisboa, Editorial Verbo, 2001,

AAVV, *Enciclopédia Einaudi*, Vol. 1, Memória – História, Lisboa, Imprensa nacional – Casa da Moeda, 2004.

FRANCO, P.<sup>e</sup> António, *Ano Santo da Companhia de Jesus em Portugal*, Porto, Biblioteca do “Apostolado da Imprensa”, 1ª Edição, s.d.

SOMMERVOGEL, Carlos S.J. (Dir.), *Bibliothèque de la Compagnie de Jesus*, Bruxelles – Société Belge de Librairie, Paris - Librairie des Archives Nationales et de l'École des Chartes, 1894.

### Obras Gerais

AA. VV., *Arte efémera em Portugal*, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 2000.

AAVV, *Revista Oriente*, Número 13, Fundação Oriente, Lisboa, Dezembro de 2005.

AMADO, José Carlos, *História de Portugal*, Vol. 2, Lisboa, Editorial Verbo, 1966.

CAMPOS, Agostinho de, (Dir.), *Lucena*, 2 Vol., Col. Antologia Portuguesa, Lisboa, Livrarias Aillaud e Bertrand, 1921.

CASTILHO, António Feliciano de, CASTILHO, José Feliciano de (Dir.), *Padre João de Lucena*, Rio de Janeiro, Livraria de B. L. Garnier, Editor, Vol.2, 1870.

FEUILLET, Michel, *Vocabulario do Cristianismo*, Col. Lexis, Lisboa, Edições 70, 2002.

FIGANIERE, Jorge Cesar de, *Bibliographia Historica Portugueza*, Lisboa, Typographia do Panorama, 1850.

LOPES, António, S.J., *Roteiro histórico dos jesuítas em Lisboa*, Col. História da Companhia de Jesus, Braga, Editorial A.O., 1985, pp. 15-18.

LUCENA, João de, S.J., ALBUQUERQUE, Luís de (Dir.), *História da Vida do Padre Francisco de Xavier*, 4 Vol., Biblioteca da Expansão Portuguesa, Lisboa, Edições Alfa, 1989.

LUCENA, João de, S.J., PIMPÃO, Álvaro J. da Costa (prefácio), *História da Vida do Padre Francisco de Xavier*, 2 Vol., Lisboa, Agência Geral do Ultramar, 1952.

LUCENA, João de, *Vida do Padre Francisco Xavier – Nova edição actualizada na grafia e pontuação e anotada*, 2 Vol., Lisboa, União Gráfica, 1959.

MACHADO, Diogo Barbosa, *Bibliotheca Lusitana*, Lisboa, Officina de Ignacio Rodrigues, 1747, p. 681.

MASTRILLI, Pe. Manuel Francisco, LIMA, Pe. Manuel de (Trad.), MATOS, Manuel Cadafaz de (Pref.), *Relacam de hvm prodigioso milagre qve o gloriofo S. Francisco Xauier Apostolo do Oriête obrou na Cidade de Nápoles no anno de 1634*, Edição facsimilada, Lisboa, Biblioteca Nacional, 1989.

MONTEIRO, Miguel Corrêa, *São Francisco Xavier, Um homem para os demais*, Lisboa, Edição do Clube do Coleccionador dos Correios, 2006.

NORONHA, P.º Castilho de, “A acção missionária na Índia”, in *Boletim da Agência Geral das Colónias*, Ano 5, Número 49, Julho de 1928.

NORONHA, Tito de, *A imprensa portugueza durante o século XVI*, Porto, Imprensa Portugueza, 1874.

S.a., *Memórias de Litteratura Portugueza*, Tomo VIII – Parte I, Lisboa, Officina da Academia Real das Sciencias de Lisboa, 1812.

S.a., *Summario da Bibliotheca Lusitana*, Tomo II, Lisboa, Officina de Antonio Gomes, 1786.

SERRÃO, Joaquim Veríssimo, *História de Portugal*, Vol. IV, Lisboa, Editorial Verbo, 2000.

SERRÃO, Vítor, *A lenda de S. Francisco Xavier, Pelo pintor André Reinoso*, Lisboa, Bertrand Editora, 2006.

SILVA, Inocencio Francisco da, *Diccionario bibliographico Portuguez, Estudos de Innocencio Francisco da Silva. Applicaveis a Portugal e ao Brasil*, 23 Vol., Lisboa, Imprensa Nacional, 1858-1923.

VITERBO, Sousa, *O movimento tipográfico em Portugal no século XVI, Apontamentos para a sua história*, Coimbra, Imprensa da Universidade, 1924.

### **Estudos especializados**

OSSWALD, Maria Cristina, “S. Francisco Xavier no Oriente – aspectos de devoção e iconografia”, in AA. VV., *São Francisco Xavier, Nos 500 anos do nascimento de São Francisco Xavier: da Europa para o mundo 1506-2006*, Porto, Centro Inter-universitário de História da Espiritualidade, 2007.

SOBRAL, Luís de Moura, “Espiritualidade e propaganda nos programas iconográficos dos Jesuítas Portugueses”, in AA. VV., *A Companhia de Jesus na Península Ibérica nos sécs. XVI e XVII, Espiritualidade e cultura: Actas do Colóquio Internacional*, Porto, Faculdade de Letras da Universidade do Porto – Instituto de Cultura Portuguesa – Universidade do Porto – Centro Inter-universitário de História da Espiritualidade, 2004.

FRANCO, José Eduardo, *O Mito dos Jesuítas, Em Portugal, no Brasil e no Oriente*, 2 Vol., Lisboa, Grádiva, 2006-2007.

AVELAR, Ana Paula Menino, *Visões do Oriente, Formas de sentir no Portugal de Quinhentos*, Lisboa, Edições Colibri, 2003.

### **Sítios consultados na Internet**

Biblioteca Digital da Faculdade de Letras da Universidade do Porto

<http://ler.letras.up.pt/site/default.aspx?qry=id03id1160&fb=sim>  
e

<http://ler.letras.up.pt/site/default.aspx?qry=id03id1148&sum=sim>

Universidade Católica Portuguesa

<http://www.sfx.eventos.lisboa.ucp.pt/>